



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA

CONCEIÇÃO ELLAYNE LIMA DE SOUZA

**AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS E O ENSINO DE FILOSOFIA:
um estudo filosófico/pedagógico**

Recife
2022

CONCEIÇÃO ELLAYNE LIMA DE SOUZA

**AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS E O ENSINO DE FILOSOFIA:
um estudo filosófico/pedagógico**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestra em Filosofia. Área de concentração: Ensino de Filosofia.

Orientador: Prof. Dr. Junot Cornélio Matos.

Recife

2022

Catálogo na fonte
Bibliotecária Maria Janeide Pereira da Silva, CRB4-1262

S729r Souza, Conceição Ellayne Lima de.
As representações sociais e o ensino de filosofia : um estudo
filosófico/pedagógico / Conceição Ellayne Lima de Souza. – 2022.
144 f. : il. ; 30 cm.

Orientador: Prof. Dr. Junot Cornélio Matos.
Dissertação (Mestrado profissional) - Universidade Federal de
Pernambuco, CFCH. Programa de Pós-Graduação em Filosofia, Recife,
2022.
Inclui referências e anexos.

1. Filosofia. 2. Ensino de filosofia. 3. Reconhecimento (Filosofia). 4.
Educação. I. Matos, Junot Cornélio (Orientador). II. Título.

100 CDD (22. ed.) UFPE (BCFCH2022-098)

CONCEIÇÃO ELLAYNE LIMA DE SOUZA

**AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS E O ENSINO DE FILOSOFIA:
um estudo filosófico/pedagógico**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Filosofia.

Aprovada em: 28/07/2022.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Junot Cornélio Matos (Orientador)
Universidade Federal de Pernambuco – UFPE

Prof. Dr. Anderson Alencar Menezes (Examinador Interno)
Universidade Federal de Alagoas – UFAL

Prof.^a Dr.^a Ana Cláudia Ribeiro Tavares (Examinadora Externa)
Universidade de Pernambuco – UPE

Dedico este trabalho, aos meus pais, Elias Silva de Souza e Maria de Fátima Lima de Souza, minhas irmãs Eduarda F. L. Souza, Erika S. L. Souza. Meus sobrinhos Guilhermede Souza Alves e Francisco Pedro de Souza Vasconcelos. E meus sogros Jurandir e Joselita Oliveira, e minha cunhada Joyce Maria de lima Oliveira (*in memoriam*).

AGRADECIMENTOS

Com toda dedicação, carinho e paciência em especial a José Simão de Lima Neto, meu esposo, que tanto me ajudou nessa jornada, onde os estudos e esforços juntos contribuíram para que eu pudesse caminhar no Mestrado em Filosofia, me dando força e encorajando a não desistir, a seguir em frente, e manter o foco. Nesta parceria, a certeza de um amor que germina e se consolida genuinamente.

Agradeço IMENSAMENTE ao meu orientador JUNOT CORNÉLIO MATOS, por aceitar conduzir o meu trabalho de pesquisa, pelas orientações, disposição, e conhecimentos compartilhados. Uma pessoa que tem um coração enorme, e uma simpatia verdadeira, aquele que me estendeu as mãos e acreditou em mim. UM SER espirituoso, disposto a ajudar sempre, mesmo quando os dias estavam obscuros, sua postura nunca abandonou um pedido. Entre brincadeiras, boas risadas, aquele bom cafezinho, ou até um feijãozinho, suas palavras, conselhos e reflexões filosóficas sempre estiveram presentes, e quanto ensinamento pode ser extraído num simples olhar, ou numa pequena frase: “*Conceição, veja bem*”. Serei eternamente grata por sua atenção. As palavras que aqui escrevo, são poucas para definir Junot, apenas vivendo, convivendo e aprendendo para extrair sua verdadeira essência e transparência. Obrigada, professor!

Aos demais professores do departamento de Filosofia, que juntos podemos agregar conhecimentos, e enaltecera a pesquisa, sejam; Celia Maria Rodrigues da Costa Pereira, Christian Lindberg Lopes do Nascimento, Itamar Nunes da Silva, Marcos Roberto Nunes Costa, Sérgio Ricardo Vieira Ramos, e Suzano De Aquino Guimarães.

E, por fim agradeço, pelas excelentes contribuições avaliativas dos professores; Prof. Dr. Anderson Alencar Menezes e Prof. Dra. Ana Claudia Ribeiro Tavares; para quem meu trabalho final tomasse corporeidade científica e social.

Seja menos preconceito, seja mais amor no peito
Seja amor, seja muito amor. E se mesmo assim for difícil ser
Não precisa ser perfeito
Se não der pra ser amor, seja pelo menos respeito.
Há quem nasceu pra julgarE há quem nasceu pra amar
E é tão difícil entender em qual lado a gente está
E o lado certo é amar!
Amar para respeitar
Amar para tolerar
Amar para compreender,
Que ninguém tem o dever de ser igual a você!
O amor meu povo,
O amor é a própria cura, remédio pra qualquer mal.
Cura o amado e quem ama
O diferente e o igual
Talvez seja essa a verdade
Que é pela anormalidade que todo amor é normal.
Não é estranho ser negro, estranho é ser racista.
Não é estranho ser pobre, estranho é ser elitista.
O índio não é estranho, estranho é o desmatamento.
Estranho é ser rico em grana, e pobre de sentimento.
Não é estranho ser gay, estranho é ser homofóbico.
Nem meu sotaque é estranho, estranho é ser xenofóbico.
Meu corpo não é estranho, estranha é a escravidão,
Que aprisiona seus olhos nas grades de um padrão.
Minha fé não é estranha, estranha é a acusação,
Que acusa inclusive quem não tem religião.
O mundo sim, é estranho, com tanta diversidade
Ainda não aprendeu a viver em igualdade.
Entender que nós estamos percorrendo a mesma estrada.
Pretos, brancos, coloridos
Em uma só caminhada
Não carece divisão por raça, religiãoNem por sotaque, Oxente!
Sejam homem ou mulher
Você só é o que é por também ser diferente.
Por isso minha poesia, que sai aqui do meu peito
Diz aqui que a diferença nunca foi nenhum defeito.
Eu reforço esse clamor: Se não der pra ser amor, que seja ao menos RESPEITO!
(BESSA, 2018, n.p.).

RESUMO

Este trabalho tem por objeto de estudo a concepção de reconhecimento no ensino de filosofia, que procurou demonstrar como o ensino de filosofia pode abordar a temática do reconhecimento, partindo da construção teórica de Axel Honneth – filósofo alemão que buscou, através da filosofia de Hegel, sua inspiração para suprir uma carência do âmbito social, em que assume o conceito de reconhecimento como mecanismo para interpretação dos conflitos sociais. Diante disso, surgiu o seguinte questionamento: é possível trabalhar o reconhecimento na sala de aula de Filosofia? Desta forma, procurou-se trabalhar o conceito de reconhecimento na sala de aula, no intuito de desenvolver na relação professor-aluno, um olhar inclusão e aceitação as diferenças, tal indagação consiste nas questões que se fazem pertinentes para a prática docente e no que tange suas relações sociais dos indivíduos, bem como as formas pelas quais estes se representam em sociedade. Pois, é comum deparar-se com notícias que envolve violência, ofensa, degradação, privação de direitos para com os indivíduos, conflitos sociais que encontram emaranhados na sociedade de ordem ética e moral moldados a um discurso de ódio, bem como no contexto escolar. O objetivo deste trabalho é investigar como o ensino de filosofia pode auxiliar na formação e percepção das identidades sociais e coletivas, partindo da categoria honnethiana. Seguido dos objetivos específicos de identificar a relação entre filosofia e as formas de reconhecimento. Definir as técnicas para trabalhar o reconhecimento em sala de aula. Verificar como o processo de integração social pode ser pensado a partir do estudo sobre identidade e reconhecimento na sala de aula. Esses pressupostos estão vinculados à relação entre filosofia e vida, levando em consideração a escola como campo educativo, tendo a visão da educação como campo de construção social. Trata-se de um pesquisa qualitativa, do tipo exploratória, realizada com um grupo de alunos de uma escola pública do interior de Pernambuco. Para isso, foram empregados procedimentos metodológicos como levantamentos bibliográficos de pesquisas, em especial a obra Luta por Reconhecimento de Axel Honneth, utilizando de questionários com o propósito entender as diferentes formas de pensamento sobre as diferenças sociais e reconhecimento, seguido de momentos de reflexão e debate. O estudo demonstrou a evidencia do tema deste trabalho, e que pode ser ainda mais explorado como forma de compreensão da identidade de si e do outro e valoração do respeito as diversas formas dos indivíduos se identificarem em diversos espaços coletivos.

Palavras-chaves: educação; filosofia; reconhecimento.

ABSTRACT

This work has as its object of study the concept of recognition in the teaching of philosophy, which sought to demonstrate how the teaching of philosophy can approach the theme of recognition, starting from the theoretical construction of Axel Honneth - German philosopher who sought through Hegel's philosophy, his inspiration to fill a need in the social sphere, in which it assumes the concept of recognition as a mechanism for interpreting social conflicts. Faced with this, the following question arose - Is it possible to work on recognition in the Philosophy classroom? In this way, we tried to work on the concept of recognition in the classroom, in order to develop in the teacher-student relationship, a look at inclusion and acceptance of differences, such an inquiry consists of the questions that are relevant to the teaching practice and regarding their social relations of individuals. As well as the ways in which they are represented in society. For, it is common to come across news that involves violence, offense, degradation, deprivation of rights towards individuals, social conflicts that are entangled in society of an ethical and moral order shaped by a hate speech, as well as in the school context. The objective of this work is to investigate how the teaching of philosophy can help in the formation and perception of social and collective identities, starting from the Honnethian category. Followed by the specific objectives of identifying the relationship between philosophy and forms of recognition. Define the techniques for working on recognition in the classroom. Check how the process of social integration can be thought from the study of identity and recognition in the classroom. These assumptions are linked to the relationship between philosophy and life, taking into account the school as an educational field, having the vision of education as a field of social construction. This is a qualitative, exploratory research, carried out with a group of students from a public school in the interior of Pernambuco, for this, the following methodological procedures were used as bibliographic research surveys, especially the work *Luta por Reconhecimento* by Axel Honneth, using questionnaires in order to understand the different ways of thinking about social differences and recognition, followed by moments of reflection and debate. The study demonstrated the evidence of the theme of this work, and that can be further explored as a way of understanding the identity of the self and the other and valuing respect for the different forms of individuals to identify themselves in different collective spaces.

Keywords: education; philosophy; recognition.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Estrutura das relações sociais de Reconhecimento	43
Quadro 2 – Sequência Metodológica	72
Quadro 3 – Dizeres dos participantes	81
Quadro 4 – Categorias de Identificação	82

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Correspondente aos gêneros dos sujeitos	74
Tabela 2 – Quantas pessoas residem com o(a) aluno(a).....	74
Tabela 3 – Situação da casa onde mora	75
Tabela 4 – Localização da casa	75
Tabela 5 – Renda familiar	76
Tabela 6 – Sobre a opinião dos participantes quanto aos referentes assuntos.....	84
Tabela 7 – Convívio social na escola	86
Tabela 8 – Palavras como representação do Reconhecimento	87
Tabela 9 – Percepções de Si e do Outro	89
Tabela 10 – Reconhecimento no ensino de Filosofia	90

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	12
2	AS ESTRUTURAS DO CONCEITO DE RECONHECIMENTO POR AXEL HONNETH.....	17
2.1	RELAÇÕES PRIMÁRIAS DE RECONHECIMENTO.....	30
2.2	O PADRAO DE RECONHECIMENTO INTERSUBJETIVO.....	32
2.3	O AMOR.....	33
2.4	O DIREITO.....	37
2.5	A SOLIDARIEDADE	41
2.6	ESFERAS DO NÃO RECONHECIMENTO.....	44
3	EDUCAÇÃO E RECONHECIMENTO NO ENSINO DE FILOSOFIA	49
3.1	RELAÇÃO ENTRE EDUCAÇÃO E RECONHECIMENTO	51
3.2	RECONHECIMENTO COMO FORMAÇÃO DA IDENTIDADE HUMANA.....	56
3.3	O ENSINO DE FILOSOFIA COMO FORMA DE RECONHECIMENTO.....	61
4	INVESTIGANDO SOBRE RECONHECIMENTO.....	68
4.1	PERCURSO METODOLÓGICO.....	70
4.2	PRIMEIRA PARTE: SONDAGEM DO TEMA.....	72
4.2.1	Sujeitos da Pesquisa.....	73
4.3	DISCUSSÃO E APROFUNDAMENTO	79
4.4	QUESTIONÁRIO FINAL.....	83
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	92
	REFERÊNCIAS.....	95
	ANEXO A – QUESTIONÁRIO 1	99
	ANEXO B – QUESTIONÁRIO 2.....	129

1 INTRODUÇÃO

Os avanços na área da informação e meios tecnológicos ocasionam um dinamismo no cenário social, em que o exercício de educar vem se tornando cada vez mais complexo no tocante aos valores e crenças, exigindo sempre uma reflexão sistemática sobre os contextos socioculturais e políticos decorrentes na sociedade.

A Filosofia e seu ensino promovem indagações ou questionamentos que nos levam aos problemas básicos em comum, a saber: origem da vida, das coisas, da natureza, do universo. No decorrer da historiografia filosófica, temos um pensamento filosófico voltado para participação do sujeito na sociedade. A este sujeito, dá-se o nome ou a codificação de ser humano. Falando em participação, esta categoria nos remete à compreensão da existência humana tendo por base os fenômenos coletivos ou sociais. Dessa forma, a filosofia concentra-se em especular também as diversas formas do indivíduo relacionar-se em sociedade.

Trazendo a realidade escolar para a discussão, é perceptível nesse ambiente o emaranhado de situações que se multiplicam e se materializam, tendo, na capacidade de se relacionar com as pessoas e com o mundo a sua volta, uma regra básica para a construção da convivência.

Nesse contexto, o estudo filosófico se refere à categoria do reconhecimento social como uma forma de conhecimento que tem função de especular os comportamentos e identificar como ocorre o processo de interação entre os indivíduos, assim, ao tratar o ensino de filosofia como mediação para analisar as diversas representações sociais que envolvem o contexto escola, levando em conta que o objeto de estudo filosófico pode ajudar a desenvolver uma visão crítica das diversas formas de identidades sociais.

E foi diante dessa visão que o título desta pesquisa buscou, em seu contexto, ampliar e incluir todas as formas de identidade social, e por que não de representações sociais, partindo da observação do contexto escolar especificamente, da aula de filosofia.

Em tempos de profundas mudanças e conflitos sociais, o papel da educação é reforçado como princípio no preparo e na discussão sobre as melhorias de condições de vida dos sujeitos no que tange ao desenvolvimento primeiramente pessoal e coletivo, como forma elementar no processo de integração e reconhecimento, tendo como base o princípio da reciprocidade entre os participantes da sociedade.

Dentro da reciprocidade, trazemos a discussão sobre o ensino de Filosofia como base para um processo de conhecimento do sujeito e do objeto educativo. Na educação, a Filosofia pode ser interpretada como um instrumento de construção da dialética e da lógica discursiva,

mas a concepção do desenvolvimento filosófico não pode ficar somente na parte analítica do objeto, contudo é necessária uma reflexão da dinâmica do sujeito participante das relações sociais. Partindo deste pensamento, Matos (2014):

A própria natureza da Educação exige uma reflexão crítica; já a Filosofia, ao tomar a educação como objeto de suas indagações, estará filosofando. [...] Estudantes inquietos e curiosos a respeito de si mesmos, do que estão sendo e do que poderão vir a ser, do mundo que lhes alberga e do tempo/espaço em que existem são, por vezes, ignorados em sua concretude em benefício de bem-intencionado abecedário filosófico. Quem são eles? Quais suas experiências vitais de existências? Parece que cabe ao professor a definição prévia daquilo que eles podem e devem aprender” (MATOS, 2014, p. 14).

É necessária uma aprendizagem prévia que envolve um certo tipo de amadurecimento ou reflexão serena das existências humanas; dentro deste trabalho, a consciência pensa e repensa, de maneira reflexiva, crítica, rigorosa, profunda e contextualizada, sobre questões fundamentais, no que dizem respeito ao sentido da existência humana.

Considerando o estudo sobre a realidade natural, social e psíquica das atividades humanas podemos especular as diversas formas de pensamento que produzem significados e significantes, que, dentro do ambiente social, podem ser valorados tanto eticamente como esteticamente.

Sensibilizar-se é manifestar uma atenção por algumas maneiras de se expressar em sociedade, como, por exemplo, através das artes, pois viver em sociedade é poder ser e conviver, e, nisto, produzir ideias ou ideais como forma de representação de uma vida, de um pensamento.

Partindo da explanação acima, levanta-se o seguinte questionamento: é possível trabalhar o reconhecimento na sala de aula de filosofia? Tal indagação surge da dificuldade de se valorar, no sentido do respeito ao outro, e as formas de identidades e de como se representam em sociedade.

Esta pesquisa buscou investigar como o ensino de filosofia pode constituir-se como mediação para trabalhar o reconhecimento na sala de aula. Dessa forma, se constituíram tais objetivos específicos envolvidos no processo:

- Identificar a relação entre filosofia e reconhecimento;
- Definir metodologias para trabalhar o reconhecimento em sala de aula;
- Verificar como o processo de integração social pode ser pensado a partir do estudo sobre identidade, representações sociais e reconhecimento na sala de aula.

Os pressupostos que acompanharam os processos de investigação e formulação da dissertação a relação entre a filosofia e a vida, partindo da concepção da escola como espaço

educativo, sob o aporte de uma visão da educação como construção social.

O presente estudo faz-se pertinente para a prática docente e no que tange suas relações sociais dos indivíduos, bem como as formas nas quais estes se apresentam e representam em sociedade. Pois, a realidade que hoje é apresentada comporta-se de tal forma que explicitam e ditam padrões estéticos e morais que os demais indivíduos devem seguir para serem considerados como pessoa. Posição esta que pode ser analisada a partir do ensino de filosofia, para desenvolver no aluno os princípios de respeito, reconhecimento do outro, partindo da construção de suas próprias identidades, trabalhando seu senso crítico sob forma de analisar suas práticas a favor de um convívio social equilibrado.

Como sustentação e respaldo teórico, encaminham-se as discussões de Axel Honneth, em que repousam seus ideais e percepções condizentes com as posturas e interação dos indivíduos em sociedade, bem como a reprodução de suas ações em relação aos outros seres humanos. Honneth (2009) reforça esta visão quando assevera que toda luta por reconhecimento se inicia pela experiência do desrespeito.

A presente pesquisa trouxe à tona discussões sobre temáticas que possibilitam o reconhecimento das identidades sociais, especialmente no que tange ao ensino de filosofia. Também, proporcionou a criação de espaços de construção de debates em que a discussão filosófica para tratar de diversos temas culturais, educativos, e sociais, tanto numa perspectiva macro, global, quanto, micro, no tocante a fatos do cotidiano do alunado.

Para tentar especular as posturas humanas abarcadas por inúmeras experiências que dentro dos ditames sociais podem ser consideradas justas ou injustas, pretende-se aqui trazer a contribuição da obra *Luta por reconhecimento*, do filósofo Axel Honneth, na utilização do reconhecimento como centro da reflexão, para compreender a vulnerabilidade no que tange às formas dos indivíduos se representarem em sociedade. Assim expõe:

Os seres humanos são vulneráveis naquela maneira específica que denominamos ‘moral’ porque eles devem sua identidade à construção de uma autorrelação prática que desde o início depende da ajuda e da afirmação de outros seres humanos (HONNETH, 2003, p. 137).

Para Honneth (2003), essas relações intersubjetivas correlacionam a um desenvolvimento de autorrelação prática ou consigo mesmo, ocorrentes em três esferas quais sejam, o amor, direito e solidariedade, que correspondem a formas diferentes de reconhecimento.

Constituindo também a uma infraestrutura moral e que ela deve estar presente nas relações sociais cotidianas, no mundo social vivido, para que este esteja em condições de

proteger seus membros. E unida a esta procurar através do viés filosófico compreender as posturas dos alunos em sala de aula no tocante às diversas definições de representações sociais.

A entrada da categoria ou termo político utilizado a saber: reconhecimento, no vocabulário da teoria política contemporânea, pode ser entendido de duas formas: de primeira ordem, remete ao enfraquecimento das grandes discussões sobre luta de classes, capital e trabalho, economia e estrutura política, utopia e sociedade. Todas essas narrativas produzem um diagnóstico sobre a dinâmica sobre os conflitos sociais sobre aquilo que chamamos de capitalismo tardio.

Não excluindo daqui da dinâmica capitalista as intervenções e inter-relações estatais, as aferições da democracia em massa, ou a busca de bem estar social. De segunda ordem, não menos inquietante, e de ordem propositiva, o reconhecimento também nos remete a um “projeto” de engajamento na sociedade civil pautada em diversos tipos de reivindicações dos chamados movimentos sociais.

Pretendendo elucidar de modo conceitual o reconhecimento vamos de encontro simultaneamente para as motivações que levam os sujeitos e os grupos sociais ao agir em sociedade, em outros termos, a motivação da *práxis* como conversão social em “lutas” consiste em um importante elemento que pode ampliar o entendimento das práticas contemporâneas que envolvem os sujeitos educativos. A fim de analisar criticamente a mediação entre a teoria e a *práxis*, percebemos as constantes tensões que envolvem a construção de um modelo social, conceitual, e sua aplicação em sociedade, levando em consideração que tais práticas sociais se desenvolvem por meio de estruturas políticas, ditas educacionais.

Partindo da ideia de Honneth no que se refere a uma fenomenologia empírica, que abarca as formas de se reconhecer. O filósofo mostra que tais prática sempre estão vinculadas a tipos experienciais, práticas que vão de encontro aos termos de emancipação do sujeito. Neste sentido, utilizar-se-á o conceito de reconhecimento como forma a explicar o processo prático no qual as experiências podem influir nos motivos morais capazes de mobilizar o indivíduos e seus grupos para a ação.

Para composição desta dissertação, foram elencados em três capítulos; dentre eles, a fundamentação teórica, caminho metodológico, que foi construído ao longo da pesquisa de acordo com os objetivos levantados, seguidos de considerações e anexos, que foi desenvolvido pela intervenção.

Desta forma, o esboço estrutural perfaz três secções que se estruturam, em seguida. Trazendo, no **capítulo 1**, uma interpretação da teoria de Axel Honneth, *Teoria do Reconhecimento Intersubjetivo*, apresentado na obra *Luta por Reconhecimento*, e suas esferas

como aporte teórico para a compreensão dos conflitos sociais que abrange a visibilidade e proteção às minorias, pela liberdade e igualdade de direitos que permeia em toda sociedade por uma luta moral motivada pelas constituições de identidades dos sujeitos na sociedade.

Já no **capítulo 2**, foi oferecida uma visão da educação e filosofia, levando em consideração a realidade escolar, enfatizando o ensino de filosofia integrado ao reconhecimento, num processo de conhecimento do sujeito através da interpretação e consciência da realidade. Por último, no **capítulo 3**, todo percurso metodológico, que foi desenvolvido ao longo da intervenção proposta pela presente pesquisa, realizado com alunos do ensino médio, de uma escola pública do interior de Pernambuco, que se configurou como bibliográfica e exploratória de natureza qualitativa.

2 AS ESTRUTURAS DO CONCEITO DE RECONHECIMENTO POR AXEL HONNETH

A categoria de reconhecimento social antecede aos intelectuais¹ da Escola de Frankfurt². Esta foi de fundamental importância para as ciências sociais e humanas¹², entre elas a filosofia. Uma de suas principais contribuições foi o desvelamento entre a Teoria Tradicional³ e a Teoria Crítica⁴, empenhando-se em identificar e analisar problemas sociais a partir de olhares diversos dos campos de saberes e dos intelectuais que constituíram, naquele momento, a Escola de Frankfurt.

Nesse capítulo, trazemos um percurso histórico que possa retomar as bases do reconhecimento social alinhadas à categoria filosófica para tentar explicar as problemáticas sociais pertinentes ao contexto social, emaranhadas nas posturas humanas, abarcadas por experiências que, dentro dos ditames sociais, podem ser consideradas justas ou injustas enquanto modos de compreender a vulnerabilidade das formas dos indivíduos se representarem em sociedade. Nesse sentido, entendemos ser necessário uma análise das características relacionadas

¹ “Os principais membros da Escola de Frankfurt foram Walter Benjamin (1892-1940); Max Horkheimer (1895-1973); Herbert Marcuse (1898-1979) e Theodor W. Adorno (1903-1969). Depois da reconstrução da Universidade de Frankfurt e do retorno do Instituto de Pesquisa Social à cidade, formou-se uma segunda geração de teóricos, entre os quais se destacam Karl-Otto Apel e Jürgen Habermas (OFFREDI, 2007 p. 19)

² A Escola de Frankfurt, denominada oficialmente como Institut für Sozialforschung, Instituto de Pesquisa Social, foi fundada no auditório da Universidade de Frankfurt em 22 de junho de 1924, como resultante de um encontro preliminar – na verdade um seminário denominado de Erste marxistische Arbeitswoche - ocorrido num hotel em Ilmenau, na Turíngia, numa época de inflação galopante e de tumultos políticos espalhados por grande parte da Alemanha. Além de Weil, estiveram presentes Friedrich Pollock, Georgy Luckás, Karl Wittfogel, Karl Korsh e Victor Sorge. As circunstâncias históricas em que a escola surgiu lembraram um tanto as que influenciaram o idealismo alemão dos séculos XVIII e XIX, que também foi contemporâneo de revoluções. Se Kant e Hegel viveram na época de Robespierre e Napoleão, os “frankfurtianos” o foram de Lenin e Stalin. E, de uma maneira tipicamente alemã, reagiram aos acontecimentos espetaculares que explodiram ao redor deles por meio da elucubração teórica, da busca incessante de modelos teóricos de origem multidisciplinar mesclados com trabalhos de campo que lhes permitissem entender o que estava ocorrendo. Assim, a Escola de Frankfurt torna-se conhecida por desenvolver uma “teoria crítica da sociedade”, que é um modo de fazer filosofia integrando os aspectos normativos da reflexão filosófica e confrontando-os com as questões sociais, visto que o objetivo da mesma é fazer a crítica, buscando o entendimento e promovendo a transformação da sociedade. Por isso, pode-se dizer que o objetivo central da Escola de Frankfurt foi tecer uma crítica ao sistema que se apresentava dominador, e, para tanto, utilizava-se de ensaios, artigos de circunstâncias e resenhas, que sugerindo uma idéia de algo inacabado e incompleto, portanto, aberto a sugestões e modificações nas linhas de pensamento” (OFFREDI, 2007 p. 15).

³ [Na perspectiva de Horkheimer]; “A teoria tradicional, cartesiana, como a que se encontra em vigor em todas as ciências especializadas, organiza a experiência da vida dentro da sociedade atual. Os sistemas das disciplinas contêm os conhecimentos de tal forma que, sob circunstâncias dadas, são aplicáveis ao maior número possível de ocasiões. A gênese social dos problemas, as situações reais, nas quais a ciência é empregada e os fins perseguidos em sua aplicação, são por ela mesma consideradas exteriores” (HORKHEIMER, 1983, p. 89-116).

⁴ [Na perspectiva de Horkheimer]; “A teoria crítica da sociedade, ao contrário, tem como objeto os homens como produtores de todas as suas formas históricas de vida. As situações efetivas, nas quais a ciência se baseia, não é para ela uma coisa dada, cujo único problema estaria na mera constatação e previsão segundo as leis da probabilidade. O que é dado não depende apenas da natureza, mas também do poder do homem sobre ela. Os objetos e a espécie de percepção, a formulação de questões e o sentido da resposta dão provas da atividade humana e do grau de seu poder” (HORKHEIMER, 1983, p. 89-116).

à Teoria do Reconhecimento Intersubjetivo.

Para uma compreensão sobre a teoria do Reconhecimento em Axel Honneth, é importante uma breve apresentação sobre a origem e trajetória de Honneth, e sua relação com as questões contemporâneas para o entendimento dos conflitos sociais, o qual relacionam poder, liberdade, justiça, identidade e gênero.

Axel Honneth⁵ nasceu em 18 de julho de 1949, na cidade de Essen, situada na região oeste da Alemanha. Após concluir o ensino secundário, passou a estudar Filosofia, Sociologia e Germanística, entre 1969 e 1974, nas cidades alemãs de Bonn e Bochum, o que o levou a obter o título de Mestre em Filosofia⁶. É considerado como o mais proeminente representante daquela que tem sido chamada, no meio intelectual, de ‘terceira geração’ da Teoria Crítica. Todavia, mais que isso, Honneth pode ser visto como um dos mais importantes pensadores sociais do século XXI (FUHRMANN, 2013).

Sobre os estudos de Honneth, explica Marcos Nobre:

[...] toda a teoria de Honneth, volta-se à preocupação de retomar para a teoria crítica a dimensão social que ostentou desde sua inauguração por Marx, e que se havia vertido em "crítica da economia política" por Horkheimer nos anos 1930. Nessa senda, o caminho de Honneth envolve a necessidade de superação do paradigma produtivista, percurso que Rúrion Melo vai chamar de "reconstrução antropológica" do materialismo histórico, e que se desenvolve a partir da "renovação de um conceito de práxis social baseado na intersubjetividade linguística, uma noção alargada, portanto, de ação", conforme a "virada comunicativa" trazida por Habermas. (NOBRE, 2003, p. 10).

Nobre ainda dedica a uma breve apresentação de Honneth intitulando-o como referência à 3ª geração da escola de Frankfurt quando relata:

Essas breves informações biográficas tornam inevitável [...] relacionar o trabalho de pesquisa de Honneth com a tradição de pensamento inaugurada por Horkheimer na

⁵ “[...] Entre os anos de 1977 e 1982, foi assistente científico no Instituto de Sociologia da Universidade Livre de Berlim, onde defendeu sua tese de doutoramento. De 1982 a 1983, foi pesquisador bolsista junto a Jürgen Habermas, no Instituto Max Planck de Ciências Sociais, em Munique. Ainda em 1983, trabalhou como assistente no Curso de Filosofia da Universidade de Frankfurt. A partir do segundo semestre de 1989 a julho de 1990, foi membro do colegiado científico, em Berlim. Em julho de 1990, defendeu sua tese de livre docência no Departamento de Filosofia da Universidade de Frankfurt am Main. Em 1991, foi professor de filosofia na Universidade de Konstanz, no estado de Baden-Württemberg. Em 1992, esteve à frente da cátedra de Filosofia Política, na Universidade Livre de Berlim. De 1995 a 1996, foi docente convidado ‘Theodor-Heuss’, na New School, Nova Iorque. Em 1996, foi professor de Filosofia Social na Universidade de Frankfurt am Main e membro do colegiado do Instituto para Pesquisa Social da mesma Universidade. De 30 de abril a junho de 1999, representou a cadeira Spinoza, do departamento de Filosofia da Universidade de Amsterdam” (FUHRMANN, 2013, p. 84).

⁶ “Já em 1983, defendeu sua tese de doutorado na Universidade Livre de Berlim, sob o título de *Crítica dopoder. Estágios de Reflexão de uma Teoria Social Crítica*; entre 1984 e 1990, atuou como assistente de Jürgen Habermas no Instituto de Filosofia da Universidade de Frankfurt; em 1992, apresentou sua tese de livre docência na Universidade de Frankfurt, cuja versão em livro é a obra *Luta por reconhecimento. A gramática moral dos conflitos sociais* [nossa principal referência nesta pesquisa]; em 1996, sucedeu a Habermas em seu posto na Universidade de Frankfurt; e desde abril de 2001, vem atuando como diretor científico do Instituto de Pesquisa Social da Universidade Johann Wolfgang von Goethe Frankfurt am Main” (GUEDES, 2020, p. 102).

década de 1930. [No entanto,] [...] seria despropositado incluí-lo como “integrante” da “Escola de Frankfurt. Quando muito, seria possível incluir Jürgen Habermas como representante de uma possível “segunda geração” da “Escola de Frankfurt”, ainda que o problema esteja, de fato, em que esse rótulo simplesmente carece tanto de um sentido preciso como de consequências teóricas produtivas. Se não faz sentido contar Honneth entre os integrantes da “Escola de Frankfurt”, parece-me correto, entretanto, incluí-lo na tradição da Teoria Crítica. Pois, tal como Habermas, também Honneth apresentou primeiramente sua própria posição teórica em contraste e confronto com seus antecessores. Assim como Habermas apresentou sua teoria como solução para impasses que detectou em Horkheimer e em Adorno, Honneth tentou mostrar que a solução de Habermas para essas aporias se fez ao preço de novos problemas. E isso porque Habermas enxergou apenas uma parte daquelas dificuldades presentes nos trabalhos de Horkheimer e de Adorno. Pode-se dizer que Honneth aplica a Habermas o mesmo remédio que este aos seus antecessores: partindo das consequências indesejáveis a que chega seu pensamento, procura encontrar em seus escritos pistas e traços de um rumo teórico que não foi trilhado e que poderia ter evitado as dificuldades detectadas. Esses elementos negligenciados podem dar novo rumo à teoria social crítica, agora ancorada no processo de construção social da identidade (pessoal e coletiva), e que passa [a] ter como sua gramática o processo de “luta” pela construção da identidade, entendida como uma “luta pelo reconhecimento”. Uma tal centralidade do conflito coloca-se como uma crítica severa tanto à distinção habermasiana entre sistema e mundo da vida, como a uma suposta lógica do acordo, do entendimento e da cooperação que caracterizaria de saída o domínio do mundo da vida (NOBRE, 2009, p. 10-11).

Em 1924, fundado pelos intelectuais Max Horkheimer, Felix Weil e Friedrich Pollock, os estudos do Instituto de pesquisa social (na cidade de Frankfurt, na Alemanha), pautavam-se em pesquisas e trabalhos vinculados as obras de Marx, concomitantemente, direcionavam-se “para um diagnóstico do capitalismo moderno bastante distinto do de Marx” (TERRA; REPA, 2011, p. 245).

O termo Teoria Crítica, surge de um artigo publicado por Horkheimer em 1937, o qual intitula Teoria Tradicional e Teoria Crítica, que se encontram presentes nas análises e estruturas das sociedades capitalistas com propósito de entender uma possível emancipação. A primeira reportava-se à descrição das relações sociais, enquanto a Teoria Crítica busca a ideia da emancipação dos sujeitos no contexto social no qual está inserido. Princípio herdado de Marx, em que está o comportamento crítico com relação ao conhecimento produzido e a orientação com relação a realidade social abordada (NOBRE, 2004).

A argumentação desenvolvida por Horkheimer faz menção a um problema de herança da tradição da esquerda hegeliana. A esquerda hegeliana se refere a autores que vão de Karl Marx até George Lukacs, também conhecidos como jovens hegelianos, estes criticavam os chamados hegelianos de direita tendo em vista que acreditavam que as revoluções dialéticas históricas já teriam sido completadas. Horkheimer refere-se a esta tarefa como uma caracterização de um processo histórico que tem em vista a emancipação do sujeito. Dito isto, é factível a tentativa de realização de um diagnóstico da sociedade.

Segundo Herzog e Hernández (2010, p. 5):

Crítica para os autores do Instituto, sempre se refere a uma crítica imanente, uma crítica que descobre no mundo social um elemento de referência para criticar justamente a este mundo atual, um ponto arquimedeano para não só resolver as contradições do existente, mas também preparar sua superação, isso é, apontar para além da sociedade dada.

Neste sentido, a Teoria Crítica está ligada à noção de entendimento da práxis social dando destaque a emancipação do homem contextual e relacional. Horkheimer (1983) tem presente essa exigência metodológica mais dá destaque também a uma cooperação entre as diferentes ciências sociais, ou seja, o ato de emancipar não envolve só a especulação filosófica, mais sim, todo o conhecimento científico ou não abarcado dentro do contexto social. Por esse motivo, a Teoria Crítica depende fundamentalmente de uma determinação quase sociológica de um interesse emancipador, dentro de uma dada realidade.

Em visita aos Estados Unidos nos anos 30, Horkheimer tentou entender as raízes práticas da concepção moderna de ciência, para poder fundamentar a teoria crítica. Honneth, em seu livro *A Crítica do Poder*, afirma que Horkheimer manifestou que os indivíduos não são conscientes de sua atividade produtiva constituída através da história, aqui toma-se o conceito de alienação do trabalho desenvolvido por Marx. A ciência moderna também não é consciente do seu contexto constitutivo, e ignora boa parte das conquistas cognitivas. (HONNETH, 2009).

Tal afirmação constatada por Horkheimer e descrita por Honneth expõe uma espécie humana que independente do seu período histórico, seja ele com maior ou menor perfeição consegue ser inconsciente de sua função constitutiva e conservadora de uma cegueira nas relações humanas. Esta compreensão relatada expõe um contínuo processo de dominação da natureza, mas ressalta que a humanidade não desfruta do potencial que tem por desconhecer da constituição de seu processo.

Horkheimer, segundo Honneth (2009), estabelece as diferenças básicas entre uma Teoria Tradicional e uma Teoria Crítica, enquanto a Teoria Crítica é entendida como uma expressão de um raciocínio teórico produzido uma expressão social; já a Teoria Tradicional ficou intelectualmente objetivada e apartada do processo histórico. Nesta construção metodológica, é fato afirmar que:

Enquanto a Teoria Tradicional, crendo que pode fundamentar seus métodos unicamente através de critérios imanentes ao conhecimento, não pode separar-se e alienar-se de suas próprias origens práticas, a teoria em seu sentido crítico nunca pode deixar de ser consciente de seu contexto constitutivo (HONNETH, 2009, p. 33-34).

Segundo Honneth, a interpretação da Teoria Crítica se amplia para Horkheimer, pois

sujeito e objeto não se opõe entre si, ou seja, não são desconexos tão pouco desconectados. Pelo fato da Teoria Crítica procurar se consciente de suas condições constitutivas de historicidade, ela procura antecipar o seu contexto de aplicação em termos políticos e possui a potencialidade de evidenciar a autoconsciência do sujeito que busca uma transformação histórica. Assim, ela cria a perspectiva de um desenvolvimento cultural que norteia uma produção de conhecimento mais também, evidencia uma luta social.

Este entendimento de uma historicidade crítica no tocante às relações sociais de produção estabelecidas expõe o quão grande é poder material ideológico, que opera através da evolução histórica para manter violência e sofrimento mascarados em forma de privilégios. E também é através dessas relações sociais que se origina o conhecimento crítico onde a luta social pode se intensificar.

A luta social está inserida num processo de interpretação onde a existência humana é condicionada por experiências individuais ou coletivas vividas em um dado momento da história. Quando os sujeitos são injustiçados ou sofrem restrições ao seu comportamento crítico, a luta social está profundamente comprometida. Por esse motivo, a teoria crítica tem um papel central nesse processo de interpretação da realidade social.

E é através dessa luta ou lutas que buscam reconhecimento que a obra de Axel Honneth, que atenta ao conceito de luta advindo de experiências de desrespeitos as quais através da luta se busque a restauração de relações mútua de reconhecimento motivada por uma força moral, em que as relações estão inseridas, e são explicadas a partir de “processos no interior da práxis social: são as lutas moralmente motivadas de grupos sociais, sua tentativa coletiva de estabelecer institucional e culturalmente formas ampliadas de reconhecimento recíproco, aquilo por meio do qual vem a se realizar a transformação normativamente gerida das sociedades” (HONNETH, 2003, p. 156).

É válido ressaltar que, para Honneth (2009), Horkheimer trata um plano teórico do conceito de atividade crítica ou prática um tanto frágil, pois ele deixa de lado a opção de uma possível crítica da vida cotidiana e um maior desenvolvimento do conceito de luta ou conflito social. De acordo com Honneth, isso compromete o entendimento que a teoria realmente seja vista como um processo cooperativo que interpreta a realidade na tentativa de superar situações vexatórias que ressaltam injustiças sociais, surgindo desse modo os primeiros sinais do chamado déficit sociológico (HONNETH, 2009).

Enquanto Horkheimer estava concentrado em refletir e conectar as origens sociais e possibilidades políticas numa prática social aliando uma interpretação dialética e filosofia científica prática, com o intuito de que a teoria tradicional fosse reconhecida como atividade

que deve-se pensar como *práxis* social diante do processo social de produção. Honneth, constituído da Teoria Crítica, respaldado dentro da análise epistemológica expõe que a dimensão do conflito social fica excluída do contexto de desenvolvimento social. Assim, ele chama de funcionalismo marxista, pois o que torna uma teoria considerada crítica deriva de ser autoconsciente de seu contexto e da *práxis* produtiva. Neste contexto, para Honneth, toda atividade ligada à produção da sociedade deve ser carregada de uma ação reflexiva ou não, e por conta disso, não mudará sua característica de *práxis* produtiva (HONNETH, 2009).

Na compreensão de Honneth, o pensamento de Horkheimer sobre a teoria crítica atenta que as mudanças internas do capitalismo devem ser entendidas com objetividade e de forma interdisciplinar. Isso porque Horkheimer, nos anos trinta, realizou uma pesquisa direcionada à economia buscando entender a organização e riqueza decorrente da organização do trabalho exercida pelo capitalismo, em que ele também vai em busca das explicações da psicologia para compreender a esfera psíquica dessa forma de organização planejada pela elite, dominantes do poder, que promulga a repressão social contra seus próprios interesses, tendo esses sujeitos submetidos a pressões e para alcance de fins compensatórios.

Essa inquietação em analisar os problemas sociais parte da preocupação em compreender o outro de forma crítica, seu papel social, bem como sua relação com os demais indivíduos. Com isso, os intelectuais podem ser conduzidos a renovar conceitos, criar novas teorias que pudessem responder a diferentes acontecimentos sociais.

De acordo com o estudo retratado, destacamos que existe um aprimoramento do discurso filosófico, onde as questões metafísicas são supostas por um conhecimento de orientação denominado de pós-metafísico. Daí, a importância de trazer algumas correntes de pensamento pós-estruturalistas e pós-modernista, que revalidam a lógica do iluminismo, como aponta (LOVIBOND, 1989, p. 6 apud PETERS, 2000, p. 50).

O Iluminismo descreveu a raça humana como estando envolvida em um esforço em direção a uma moral universal e à auto-realização intelectual, aparecendo, assim, como o sujeito de uma experiência histórica universal; ele também postulou uma razão humana universal relativamente à qual as tendências sociais e políticas podiam ser avaliadas como “progressistas” ou não (o objetivo da política era definido como a realização da razão na prática). O pós-modernismo rejeita essa descrição, isto é, ele rejeita a doutrina da unidade da razão. Ele se recusa a conceber a unidade como um sujeito unitário que se esforça em direção ao objetivo da perfeita coerência (em seu conjunto partilhado de crenças) ou da perfeita coesão e estabilidade (em sua prática política). O pós-modernismo postula que existe uma pluralidade de razões, irreduzíveis, incomensuráveis e relacionadas a gêneros, tipos de discurso e epistemes específicos, visão que contrasta com a pretensão iluminista à universalidade e com a concepção de uma razão humana unificada, a qual, concebida como “o” padrão de racionalidade, supostamente funda todas as asserções de conhecimento, independentemente de tempo e espaço, e proporciona um fundamento para um sujeito unitário, considerado como agente de uma mudança historicamente progressista.

Desta forma, como bem descrito acima, é demonstrado que o sujeito antropológico toma o lugar do sujeito ontológico, configurando a face da intersubjetividade, perpassada aos sujeitos e grupos sociais antes atribuída pela subjetividade influenciado ao outro da relação social. Assim, expõe Guedes (2020, p. 80):

Interessante levar em conta a progressão histórica que parte da noção de subjetividade, tomada como “selo” subjacente a todo indivíduo [sujeito, subjetivo], até alcançar a noção de intersubjetividade, que uma vez relacionada ao tema do reconhecimento social vai incorporar novos predicados ao sistema de relações entre as pessoas e seus possíveis conflitos.

As mudanças conceituais tornam-se válidas para os estudos da sociedade e humanistas ao longo do tempo, inclusive nos dias de hoje, pois investiga os fenômenos sociais a partir de um olhar crítico e isso leva à questão do reconhecimento social refletida em diferentes tempos até mesmo no campo filosófico acompanhado da atitude filosófica de reflexão e crítica de uma realidade tangível e intangível construídos através da história.

O filósofo e alemão Georg Wilhelm Friedrich Hegel foi quem fez a menção do tema reconhecimento social. Este integrava a corrente filosófica do Idealismo Alemão, movimento pós-kantiano no final do século XVIII, que fora dividido em duas fases: a do jovem Hegel (de Jena)⁷, que vai de 1807 com a publicação da obra *Fenomenologia do Espírito*, a partir da qual

⁷ “Hegel tem importância basilar em *Luta por reconhecimento*, sendo dedicado a ele, no início da obra, uma sistemática análise de seus escritos do período de Jena principalmente no que se refere aos aspectos intersubjetivistas contidos nestes escritos e que conduzem à concepção de reconhecimento como um pano de fundo ético onde se dão os conflitos. Honneth se utiliza, para seu estudo, fundamentalmente dos textos “*Maneiras científicas de tratar o direito natural*” de 1802, “*Sistema da eticidade*” 2 de 1802/1803, e “*Sistema da filosofia especulativa*” ou “*Realphilosophie de Jena*” de 1805/1806, todos do período de juventude de Hegel. [...] Hegel já ter consolidado em sua filosofia o paradigma da filosofia do espírito, o qual, de certa forma, coloca a intersubjetividade em segundo plano, embora também seja de importante relevância para a compreensão do pensamento do jovem Hegel. [...] Para Hegel, o enfoque tanto “empírico” quanto “formal” dado ao direito natural de sua época cometem o mesmo equívoco quando tratam de fundamentar sua teorização “ser do singular” como “o primeiro e o supremo”. [...] Hegel rejeita os modelos atomísticos do direito natural pois sua pretensão é construir um estado de totalidade ética aos moldes da pólis grega e das relações nas cidades-Estado. O que o atrai é o fato de enxergar no modelo da cidade grega o reconhecimento dos costumes e práticas partilhadas intersubjetivamente como expressão própria e particular da singularidade de cada cidade, ou seja, para ele uma expressão concreta de um estado de totalidade ética. Esse estado ele o enxerga devendo conter três caracteres constitutivos fundamentais: o primeiro é aquilo que ele caracteriza como sendo a unidade viva entre liberdade universal e individual, isto é, aquilo que indica que o espaço social não é a restrição da liberdade privada mas sim o espaço que proporciona a realização da liberdade de todos os indivíduos em particular: “uma sociedade moderna somente é justa se consegue colocar à disposição de todos os seus membros, na mesma medida, as condições para a realização da liberdade individual” (2003b, p. 79) diz Honneth reportando tal tese a Hegel; o segundo é o médium social marcado pelos comportamentos partilhados intersubjetivamente e pelos costumes próprios de uma coletividade, que vão além das leis do Estado e da convicção moral de sujeitos individuais; e o terceiro, por fim, é aquilo que ele define por ora como um “sistema de propriedade e de direito” e que, mais tarde ele chamaria de “sociedade civil burguesa”, uma esfera que conteria as atividades mediadas pelo mercado e pelos interesses individuais, uma esfera negativa portanto, mas que mesmo assim faria parte do todo ético da sociedade (ou da eticidade absoluta). Esse terceiro caráter do estado de totalidade ética significa um passo além de Platão e Aristóteles que Hegel dá, introduzindo o estamento dos não-livres como uma camada de cidadãos comerciantes. [...] Hegel parte para essa construção com a pergunta sobre quais seriam os meios categoriais que lhe permitiriam constituir o todo ético através do reconhecimento solidário da liberdade individual de cada cidadão. [...] Hegel defende a existência de formas

será realizado o presente estudo através do entendimento de Honneth, e a do Hegel Maduro. Por este episódio, esclarece Mattos (2006)

Hegel desenvolve, em seus primeiros trabalhos, uma análise importante sobre as condições normativas de eticidade, contestando claramente a tradição filosófica política de sua época, ao afirmar que o que está por trás dos conflitos sociais é uma luta por reconhecimento. A ideia é discutir como se pode explicar que as lutas por reconhecimento estão na base de todo conflito social, por meio de uma releitura do contrato social (MATTOS, 2006, p. 19).

O pensamento de Hegel se baseia na contraposição conceitual estabelecida por Maquiavel e Hobbes, em que a ideia de vida social se fundamenta numa relação de luta por autoconservação, pela qual Maquiavel defende a ideia de que os sujeitos individuais se contrapõem numa concorrência permanente de interesses, não sendo está diferente da coletividade política. Já para Hobbes, essa autoconservação, serve para firmar a teoria do contrato que fundamenta a soberania do Estado (HONNETH, 2003).

elementares de convivência intersubjetiva que serviriam como base natural a todo processo de socialização humano. Para essa formulação ele ainda se utiliza do conceito aristotélico de natureza do homem, na qual as relações comunitárias já estariam inscritas. Em segundo lugar, dado o estado de “eticidade natural”, ele desenvolve a passagem deste para o estado de organização social, o qual deve ser inexoravelmente definido como um estado de totalidade ética. Pela filosofia social e direito natural modernos essa passagem se daria pelo contrato social originário ou pelos efeitos civilizadores de uma razão prática, de qualquer modo por uma “superação” da natureza humana. Hegel não assume essas premissas, pois isso implicaria artificializar as formas de convívio humano. Para ele a condição natural do processo de socialização é o contexto de obrigações e relações intersubjetivas, sendo a organização social resultado do desenvolvimento gradual dessas formas primárias de relacionamento na comunidade social. Como aspecto negativo desse processo ele salienta o caráter conflitivo deste desenvolvimento, que se dá de forma teleológica para ele, que ainda, de certa forma, recorre à ontologia aristotélica e caracteriza esse desdobramento como um desdobrar-se da substância originária. De qualquer forma, o intento hegeliano é desvendar o modo pelo qual a natureza ética alcança seu verdadeiro direito, o que acontece mediante a ocorrência de negações que se repetem que, por seu turno, emancipam as relações éticas das unilateralizações e particularizações existentes. É pela diferença que a eticidade natural pode desdobrar-se e atingir estágios sucessivos de desenvolvimento ético, até o estado de unidade viva do universal e do particular. Esse “vir-a-ser da eticidade” pode ser entendido em Hegel, segundo Honneth, como um processo de universalização conflituosa dos potenciais morais” contidos na eticidade natural, assim como uma superação gradual do negativo ou do subjetivo (2003, pág. 44). Contudo, é só após seus primeiros anos em Jena, depois dos quais Hegel reconsidera o pensamento de Fichte (principalmente seu texto “Fundamento do direito natural”), que ele pode, já no Sistema da eticidade de 1802, realmente explicitar sistematicamente o que entende por este vir-a-ser e como ele se traduz em reconhecimento intersubjetivo da particularidade de todos os indivíduos. É a partir também da doutrina fichteana do reconhecimento que Hegel reinterpreta o conceito hobbesiano de luta. Fichte havia classificado o reconhecimento como ação recíproca entre os indivíduos anterior à relação jurídica. Hegel, além de classificá-lo meramente como forma de eticidade natural humana, agora o coloca como estando dentro das formas comunicativas da vida, que significam para ele modos de uma intersubjetividade prática pela qual os indivíduos se contrapõem entre si num movimento que é direcionado pelo reconhecimento. Indo além de Fichte, Hegel cria um conceito do social dentro do qual o conflito se encontra de modo constitutivo, pois os sujeitos se conscientizam de sua própria identidade particular e da dimensão de seu Eu a partir do conflito, que por sua vez também os impulsiona a uma nova etapa de reconhecimento de sua própria individualidade. Desse modo o desenvolvimento do reconhecimento tanto social quanto individual se dá de forma espiral por sucessivas etapas de reconciliação e de conflito ao mesmo tempo. Assim, a natureza particular da relação entre os homens é definida como uma forma de vida ética com um potencial de desenvolvimento moral, o que permite a Hegel interpretar a luta social não mais como uma luta por autopreservação física somente” (RAVAGNANI, 2008 p. 2-7).

Para Hegel, segundo Honneth (2003), a luta dos sujeitos pelo reconhecimento não advinda pela autoconservação como defende Maquiavel e Hobbes, mas uma luta recíproca dos indivíduos por suas identidades num papel político e prático de instituições garantidoras de liberdade. Como afirma Honneth:

[...] trata-se da pretensão dos indivíduos ao reconhecimento intersubjetivo de sua identidade, inerente a vida social desde o começo a qualidade de uma tensão moral que volta a impelir para além da respectiva medida institucionalizada de progresso social e, desse modo, produz pouco a pouco a um estado de liberdade comunicativamente vivida, pelo caminho negativo de um conflito a se repetir de maneira gradativa. (HONNETH, 2003 p. 29-30)

Então, o reconhecimento estabelecido por Hegel não se configura na autoconservação que se remete ao “estado de natureza”⁸ permeada numa ideia permanente de conflito social entre os indivíduos, em que estes devem lutar para proteger sua propriedade decorrente de uma ausência de norma social. (GUEDES, 2020). Mas, Reconhecimento está voltado à relação ética entre dois sujeitos configurada num *Reconhecimento Intersubjetivo* em que seu processo de identidade forma-se pela reciprocidade entre dois sujeitos que se reconhecem, ou seja, não havendo esse reconhecimento mútuo, não há formação de sujeito social (HONNETH, 2003). Hegel toma a ideia de Aristóteles de que “o povo é anterior ao indivíduo; pois, se o indivíduo não é nada autônomo isoladamente, então ele tem de estar em uma unidade com o todo” (HONNETH, 2003, p. 46).

Para tentar reinterpretar e explicar a estrutura interna das formas de reconhecimento, Hegel recorre ao pensamento fichteano⁹, que acredita que o reconhecimento deriva de forma

⁸ Honneth (2003, p. 34-35) esclarece que: “[...] para Hobbes a essência humana, que ele pensa à maneira mecanicista como uma espécie de autômato movendo-se por si próprio, destaca-se primeiramente pela capacidade especial de empenhar-se com providência para o seu bem-estar futuro. Esse comportamento por antecipação se exagera, porém, no momento em que o ser humano depara com um próximo, tornando-se uma forma de intensificação preventiva do poder que nasce da suspeita; uma vez que os dois sujeitos mantêm-se reciprocamente estranhos e impenetráveis no que concerne aos propósitos de sua ação, cada um é forçado a ampliar prospectivamente seu potencial de poder a fim de evitar também no futuro o ataque possível do outro”. “[...] A partir desse núcleo antiaristotélico de sua antropologia, Hobbes desenvolve, então, na segunda parte de seu empreendimento, aquele estado fictício entre os homens que ele tentou caracterizar com o título ambíguo de “natureza”. A doutrina do estado de natureza não quer, como Günter Buck mostrou [...], exibir a situação social do começo da socialização humana, abstraindo metodicamente toda a história; pelo contrário, ela deve expor o estado geral entre os homens que teoricamente resultaria se todo órgão de controle político fosse subtraído a posteriori e ficticiamente da vida social: já que a natureza humana particular deve estar marcada por uma atitude de intensificação preventiva de poder em face do próximo, as relações sociais que sobressairiam após uma tal subtração possuiriam um estado de guerra de todos contra todos”.

⁹ O Fundamento da Doutrina da Ciência de 1794/95 é uma das obras-chave do Idealismo Alemão. Nessa obra, Fichte busca mostrar que o “Eu” (ou, como dizemos hoje, a subjetividade) é uma dimensão última que é fundamental para a compreensão filosófica da nossa relação cognitiva e prática com o mundo. Por isso, Fichte pode ser considerado o fundador da filosofia como teoria da subjetividade. Ao mesmo tempo, a obra fichtiana de 1794/95 inspirou o Romantismo Alemão, possibilitando o pensamento de poeta-filósofos como Hölderlin, Novalis e Schlegel. O objetivo da disciplina é reconstruir o pensamento fichtiano acerca da subjetividade nessa obra e entender a concepção da dinâmica da consciência baseada nele, focalizando questões acerca dos aspectos teórico-

mútua que existe através das formas existentes de vida, como meio de atentar o processo normativo de gerar autonomia e ampliação da comunidade, sustentado pela percepção de Aristóteles que associava reconhecimento como formas de eticidade (GUEDES, 2020).

Nesta perspectiva, Hegel associa que a relação de dependência do eu em relação ao outro como um ponto importante de referência para a eticidade, claro, voltada a uma luta social focada no reconhecimento intersubjetivo, que, dessa forma, o *outro* ganha importância em seus estudos como dependência do *eu*, isso possibilita para Hegel a sua Teoria da Subjetividade. Expressa Mattos (2006):

[...] na medida em que sou reconhecido por um outro sujeito em minhas capacidades e propriedades, se, por um lado, eu me reconcilio com o outro sujeito, por outro, eu aumento a minha percepção sobre minhas particularidades e descubro novas especificidades, novas fontes de minha identidade que necessitam novamente ser reconhecidas. Minha identidade ganha uma nova dimensão alcançando uma nova etapa de eticidade que precisa ser confirmada (MATTOS, 2006, p. 21).

Nessa teoria, o jovem Hegel busca estruturar a identidade pessoal na sua forma intersubjetiva, influenciado pela ideia do reconhecimento mútuo, constituído pela autoexperiência de uma consciência individual do sujeito na sua forma prática, sob o reconhecimento de seus direitos e deveres, como ser participante de uma comunidade. Ele classificou essa estrutura através de três etapas, quais seja, o Amor, o Direito e Eticidade. (GUEDES, 2020 apud MATTOS, 2006), etapas que serão analisadas sob a ótica do filósofo Honnetiano.

A luta social pelo reconhecimento vem associada à relação de dependência com os outros de sua comunidade de valores, pois essa relação intrínseca e intersubjetiva entre o eu e outro depende dos valores morais de grupos sociais, isso dá sentido à efetivação ao processo de eticidade de Hegel.

O conceito de reconhecimento social e sua intersubjetividade carrega consigo e permite alusão a várias temáticas importantes no entendimento das práticas sociais que incorpora temas como: justiça, liberdade, ética, moral, identidade, entre outros, todos ligados à ação e ao contexto social.

Tendo como referência o pensamento do jovem Hegel, Axel Honneth, considerando o déficit sociológico¹⁰ de Habermas, contextualizou a obra luta por reconhecimento e nova

perceptuais e prático-volitivos da consciência. (FICHTE, 1971).

¹⁰ “Honneth analisa em nove subitens, as contribuições de Foucault e Habermas para o desenvolvimento da Teoria Crítica, especialmente no que concerne a uma tentativa de resgatar a experiência dos sujeitos na dinâmica das sociedades industriais desenvolvidas (*ibidem*, p.229-240). Ao estudar com profundidade as obras de Foucault, em que pese contribuições como a introdução das lutas sociais como fenômeno fundamental das relações sociais, no geral, a teoria do poder não possui instrumental suficiente para analisar as formas de integração das sociedades no

gramática moral na 3ª geração da Escola de Frankfurt, obra analisada neste trabalho para o estudo sobre as representações social e o ensino de filosofia.

Conhecido como intelectual e mais importante pensador social proeminente da terceira geração da Teoria Crítica do século XXI, nasceu na cidade de Essen, no oeste da Alemanha, em 18 de julho de 1949, estudou Filosofia, Sociologia e Germanística, o que intitulou como Mestre em Filosofia. Na Universidade Livre de Berlim, concluiu seu doutorado cuja tese de título *Crítica do poder, Estágios de reflexão de uma Teoria Social Crítica*. Atuou como assistente de Habermas no Instituto de Filosofia da Universidade de Frankfurt, o que ocasionou a apresentação de sua tese, a obra *Luta por Reconhecimento*.

A gramática moral dos conflitos sociais vem atuando como diretor científico do Instituto de Pesquisa Social da Universidade Johann Wolfgang von Goethe Frankfurt am Main, mesma função já desempenhada por Horkheimer, Adorno e pelo próprio Habermas (GUEDES, 2020).

Honneth aponta que existe um déficit sociológico apresentado pela teoria de Habermas, que concerne em vincular um conceito de reconhecimento à questão do discurso, através do qual os sujeitos se reconheceriam na vida pública, mas apresentado em distintas categorias, na qual a perspectiva de Habermas tem no Discurso e na Argumentação os princípios éticos e morais, enquanto, em Honneth, as perspectivas morais e éticas estão no conceito de Luta e de Conflito.

As bases para Honneth desenvolver sua teoria crítica social é resgatada pelas ideias de Mead e a do jovem Hegel, que são ideais voltados às relações sociais e reprodutivas no meio social numa perspectiva que envolve questões morais, num histórico social aparado por lutas de reconhecimento (HONNETH, 2003).

A concepção de Honneth sobre a teoria do reconhecimento está voltada às experiências originárias de desrespeito social e agressão à identidade do sujeito, que permitiu atualizar os

capitalismo tardio. Já Habermas, segundo Honneth, tentou desenvolver uma teoria social mais consistente em relação tanto a Horkheimer quanto a Foucault. A Teoria da Ação Comunicativa, ao sugerir a independência do mundo da vida das práticas de dominação e poder, descreve o nascimento das sociedades modernas como um processo de separação entre sistema e vida cotidiana. No entanto, no bojo desse raciocínio, a sociedade se constitui de um lado por um sistema de ação organizado racionalmente conforme os fins e, de outro, por esferas de ação reproduzidas comunicativamente (Ibidem, p. 439). Nos últimos três subcapítulos, Honneth apresenta, analisa e mostra as lacunas dessa concepção da sociedade proposta por Habermas. Honneth enfatiza o quanto a distinção feita por Habermas entre o "sistema" e o "mundo da vida" impede a compreensão. Parece ter sido essa a primeira grande análise crítica sistemática interna da Teoria Crítica feita por Honneth, o que lhe permitiu um embasamento sólido ao identificar as falhas de interpretação das sociedades capitalistas, bem como o salto à construção de um novo modelo de compreensão dos conflitos sociais fundamentado no conceito de "reconhecimento intersubjetivo e social". A leitura remete aos antecedentes históricos e filosóficos da Teoria Crítica, bem como ao que Honneth chama de déficit sociológico, justificativa para a formulação de uma nova base de interpretação das lutas sociais" (FUHRMANN, 2013 p. 85).

estudos de Hegel, que também difere totalmente a ideia de autoconservação e poder abordada por Maquiavel e Hobbes. Desta forma, afirma Honneth em sua obra *Luta por reconhecimento*:

[...] Hegel abandonou a meio caminho seu propósito original de reconstituir filosoficamente a construção de uma coletividade ética como uma sequência de etapas de uma luta por reconhecimento; ainda antes que a ideia, resultante de uma reinterpretação da doutrina hobbesiana do estado de natureza nos termos da teoria da intersubjetividade, fosse desenvolvida em seus contornos, ele [Hegel] asacrificou ao objetivo de erigir um sistema próprio à filosofia da consciência, deixando-a para trás, incompleta. Mas o fato de a primeira teoria do reconhecimento de Hegel ter permanecido um fragmento constitui somente o menor obstáculo que se coloca no caminho da tentativa de atualizar hoje seu conteúdo sistemático; de peso incomparavelmente maior são antes as dificuldades que resultam do fato de sua linha de raciocínio central estar presa a premissas metafísicas que já não podem, sem mais, compatibilizar com as condições teóricas do pensamento atual (HONNETH, 2009, p. 117).

Dessa forma, Honneth vai encontrar na filosofia de Mead (George Herbert Mead, 1863–1931) um suporte relacionado ao campo da sociologia e psicologia social que lhe vai permitir uma melhor observação do mundo contemporâneo, associando a teoria hegeliana com o campo ou linguagem pós-metafísico (GUEDES, 2020).

Para Honneth, Mead e Hegel, existe um ponto em comum sobre a teoria do reconhecimento em buscar entender a evolução social através de valores morais e intersubjetivos, que, para Mead, está aprofundada pelas vivências psíquicas, que, quando afetadas por problemas habituais, tende a bloquear posturas que antes eram realizadas. Honneth sob o pensamento de Mead vai expressar que:

[...] O domínio objetual da psicologia funcionalista é aquele estágio da experiência no interior do qual nós temos uma consciência imediata dos impulsos conflitantes da ação, os quais tiram do objeto seu caráter de objeto e, nessa medida, nos deixa numa atitude de subjetividade, durante a qual, porém, surge um novo objeto-estímulo em razão de nossa atividade reconstrutiva, que pertence ao conceito do sujeito Eu (HONNETH, 2003, p. 126-127).

De acordo com o autor, para Mead a ideia do psiquismo, não é suficiente para que o sujeito tenha a total capacidade de acessar com clareza o mundo subjetivo. Mesmo o sujeito tendo capacidade para tal feito, para pode solucionar problemas ou ideias desconhecidas, é requerido reconfigurações de capacidades interpretativas. O Estimulo interacionista¹¹ é parte

¹¹ “Nessa linha de raciocínio, Mead afirma que a mente é uma relação do organismo com a situação, que se realiza por meio de uma série de símbolos. Quando um determinado gesto representa a ideia que há por trás de si e provoca essa ideia no outro indivíduo, tem-se um símbolo significante. No momento em que tal gesto promove uma reação adequada do outro indivíduo, tem-se um símbolo que responde a um significado na experiência do primeiro indivíduo e que também evoca esse significado no segundo indivíduo. Assim, a base do significado está presente na conduta social, em que emergem os símbolos significantes. Só quando o indivíduo se identifica com tais símbolos é que se torna consciente o significado. Os processos mentais têm relação com esse significado das coisas, e a mentalidade reside na capacidade do organismo para indicar aquele elemento do ambiente que responde às suas reações, a fim de poder controlar tais reações de várias maneiras. Nas palavras do próprio Mead, “o controle é

essencial nesse percurso (GUEDES, 2020).

E quando o indivíduo consegue alcançar esse entendimento de reflexão sobre a própria consciência ou sua própria atitude subjetiva, dá-se o que Honneth destaca como um comportamento social bem-sucedido diante das classificações de Mead, permitindo que aquele sujeito consciente influencie nas atitudes de outros sujeitos, através de uma categoria moral de consciência sobre atitudes da própria subjetividade. Assim expõe:

[...] Essa capacidade de desencadear em si mesmo o comportamento reativo causado no outro está ligada para Mead, porém, ao pressuposto evolucionário do surgimento de uma nova forma de comportamento humano; pois, como Herder já tinha visto, e mais tarde Gehlen, só ao “gesto vocal”, diferentemente de todos os meios não vocais de entendimento, cabe a propriedade especial de influir sobre o agente no mesmo momento e da mesma maneira que no seu defrontante: “Enquanto se sente apenas imperfeitamente o valor da própria expressão facial ou do da própria postura corporal para com os outros, escuta-se com os próprios ouvidos o gesto vocal, na mesma forma que ele possui para um próximo”. [Logo,] Se um sujeito influi sobre seu parceiro de interação por meio de seu gesto vocal, ele é capaz ao mesmo tempo de desencadear em si mesmo a reação dele, visto que sua própria expressão é perceptível a ele próprio como um estímulo vindo de fora; mas por isso seu gesto vocal, a[o] que ele pode reagir da mesma maneira que qualquer outro ouvinte, contém para ele mesmo significado que possui para seu destinatário (HONNETH, 2009, p. 129, acréscimo nosso).

O significado da ação da consciência, levado a uma percepção da subjetividade, permite olhar para si mesmo e desenvolver uma interação social capaz de enxergar no outro o *Self*¹², que, por sua vez, serve de mecanismo para as experiências e relações interpessoais resignificando as ações sociais. A ideia da luta por reconhecimento está pautada na interação de forma intersubjetiva, em que os sujeitos confirmam essa ideia de confirmação de identidades permitindo o respeito ao outro na sua individualidade, como efetivação de um reconhecimento recíproco.

Portanto, Honneth (2009, p. 213-214) explicita que:

possibilitado pela linguagem... e da linguagem emerge o campo da mente” (CARVALHO, 2010, p. 150).

¹² Honneth apresenta a distinção feita por Mead, que o conduziu a estabelecer três dimensões para caracterizar a subjetividade: os conceitos de Me, Eu e Self, a saber: “Me” O indivíduo só pode se conscientizar de si mesmo na condição de objeto; esta experiência vai ser vivida, pois, sempre como algo já passado, uma vez que ele [“Me”] representa a imagem que o outro tem de mim [imagem que incorporará as normas morais para o convívio social], haja vista, ao colocar-se nessa posição, o sujeito evoluir das exigências cognitivas para as expectativas normativas, rumo ao desvelamento da autoconsciência; este processo não se dá de forma neutra, pois que incorpora a instância moral da solução intersubjetiva de conflitos, transformando-se de uma autoimagem cognitiva para uma autoimagem prática; “Eu”. A esta imagem que o outro tem de mim [como “Me”] corresponde o “Eu”, que é a “fonte não regulamentada de todas as minhas ações atuais”. O “Eu” refere-se, pois, à “instância na personalidade humana responsável pela resposta criativa aos problemas práticos, sem poder jamais entrar como tal, porém, no campo de visão”; em sua atividade espontânea, “esse eu não só precede a consciência que o sujeito tem de si mesmo do ângulo de visão de seu parceiro de interação, como também se refere sempre de novo às manifestações práticas mantidas conscientemente no ‘Me’, comentando-as”; “Self” Quando o indivíduo se experiencia na condição de objeto, isto é, na condição de “Me” e reage a si mesmo, em seu campo de visão aciona-se o Self, que atua como seu parceiro de interação, percebido da perspectiva de seu defrontante, mas “nunca o sujeito atualmente ativo das próprias manifestações práticas” (HONNETH, 2009, p. 132).

[...] É do entrelaçamento interno de individualização e reconhecimento, esclarecido por Hegel e Mead, que resulta aquela vulnerabilidade particular dos seres humanos, identificada com o conceito de “desrespeito”: visto que a autoimagem negativa de cada ser humano, deseju “Me”, como disse Mead, depende da possibilidade de um resseguro constante no outro, vai de par com a experiência de desrespeito o perigo de uma lesão, capaz de desmoronar a identidade da pessoa inteira.

Nesse contexto, o sujeito social assume o papel de dar visibilidade às pessoas ou aos grupos que sofrem desrespeito, analisando na sua esfera como lutar por esse reconhecimento e como através de suas experiências achar pontos capazes de realizar mediações diante de sentimentos morais e íntimos, em uma perspectiva positiva.

É importante salientar que Honneth não se dedicou a uma investigação de forma específica de grupo vulneráveis, mas, na gramática social dos conflitos, que determinava luta por reconhecimento, permitindo uma compreensão que envolve categorias como, filosófica, sociológica, psicológica e antropológica (GUEDES, 2020).

2.1 RELAÇÕES PRIMÁRIAS DE RECONHECIMENTO

O termo “Reconhecimento” é desenvolvido por Ricoeur (2006) quando estuda um estatuto semântico dessa esfera no campo filosófico, cabendo apenas uma análise de âmbito linguístico, por haver uma lacuna no âmbito reflexivo, que não identifica uma teoria específica do reconhecimento. Expresso na descrição de Dias (2017) quando:

Partindo do princípio de que exista uma falta de organização polissêmica do termo, Ricoeur distingue uma série de possibilidades para sua definição: reconhecimento como algo que se reconhece, que se identifica e/ou se coloca novamente à mente; reconhecimento como percepção de algo que nunca fora visto; reconhecimento como algo que se encara como verdadeiro, pois reconhecer envolve uma questão de aceitação, valoração e submissão (autoridade); reconhecimento como forma de gratidão, dentre várias outras possibilidades retiradas diretamente de sua estrutura etimológica. (DIAS, 2017, p. 116).

A compreensão do termo reconhecimento por Ricoeur, conforme Dias (2017)¹³, vem

¹³ “Ao problematizar este amplo leque de definições, o autor intenta deslocar a análise do reconhecimento enquanto verbo ativo (“reconhecer”) para o passivo (“ser reconhecido”), uma releitura conceitual que, segundo ele, dá a oportunidade de analisarmos como se constituem as “lutas por reconhecimento”, ponto chave no horizonte dos embates travados nas arenas simbólicas da legitimação. O tema “luta por reconhecimento” é apropriado por Ricoeur das discussões de Axel Honneth (2009), que por sua vez faz uma releitura do conceito anteriormente discutido em Hegel (1991). Mas Honneth (2009) não está preocupado estritamente em entender estas lutas como estratégias para autoconservação ou legitimação de identidades, pressuposto que seria tributário à filosofia social moderna de Maquiavel e Hobbes, por exemplo. O que orienta sua análise é uma reflexão sobre o modelo normativo da luta social, onde os embates pelo reconhecimento mútuo dizem respeito mais diretamente a uma questão moral do que de poder. Para Hegel (1991), o reconhecimento está atrelado às relações éticas e de reconhecimento solidário, que envolvem a liberdade dos cidadãos, individualmente, em uma coletividade. Nesta filosofia, a discussão está muito mais ligada à vinculação social entre os sujeitos e na luta que travam para pôr à prova a integridade de uma honra digna de ser reconhecida. [...] A busca pelo reconhecimento é, portanto, uma

explicar, passa por uma releitura a qual difere de Honneth (2009), que não está preocupado em compreender as ideias de uma autoconservação, pressuposto de uma teoria moderna política e social. O que orienta sua análise é uma reflexão sobre o modelo normativo da luta social, na qual acontecem os embates pelos reconhecimento mútuo no que diz respeito a uma questão moral. E, dessa forma, ele estrutura que as relações sociais do reconhecimento compreendem o que ele chama de “*gramatica moral dos conflitos sociais*”, em específico o uso do termo moral, o autor descreve em sua obra *Luta por Reconhecimento* a seguinte afirmação:

Na tradição de Kant, geralmente se entende hoje por “moral” o ponto de vista que permite demonstrar a todos os sujeitos o mesmo respeito ou considerar seus respectivos interesses da mesma maneira, de modo equitativo; mas uma semelhante formulação é estreita demais para que se possa incluir todos os aspectos que constituem o objetivo de um reconhecimento não distorcido e deslimitado. Por isso, antes de toda explanação relativa ao conteúdo, é preciso clarificar primeiramente o status metodológico que reivindica uma teoria normativa que deve descrever o ponto final hipotético de uma ampliação das relações de reconhecimento; parece-me correto falar aqui de uma concepção formalde vida boa ou, mais precisamente, de eticidade. Só essa justificação metodológica permite, num segundo passo, retomar mais uma vez as intenções de Hegel e Mead, a fim de traçar a ideia de uma relação de reconhecimento pós-tradicional; o conceito desta tem de conter todos os pressupostos interpretativos que hoje precisam estar preenchidos para que os sujeitos se possam saber protegidos nas condições de sua autorrealização (HONNETH, 2009, p. 269-270).

Por suas considerações, Honneth (2009) demonstra que seu entendimento quanto à moral esta pautado na eticidade que um grupo de indivíduos carrega consigo, e que uma convivência harmônica decorre desses interesses comuns, ou seja, a maneira pela qual os valores individuais são vistos e demonstrados na comunidade, buscando o espírito de solidariedade.

Ideais honnetianos que podem ser utilizados como categoria analítica do contexto educacional, buscando a valorização das diferenças, utilizando-se de práticas pedagógicas para desenvolver a inclusão dos sujeitos, desvelando as capacidades individuais, sob o reforço de ideia de coletividade.

Honneth (2009) busca abordar as relações primárias de reconhecimento intersubjetivo sob o aspecto afetivo entre a mãe e o filho como primeira expressão de seu estudo sobre o

reivindicação que demanda expectativas, já que só pode ser satisfeita enquanto “reconhecimento mútuo”, seja ele no nível das pretensões utópicas ou do plano político. Ricoeur (2006) propõe algumas acepções filosóficas para acompanhá-lo neste percurso e que podem ser resumidas na seguinte proposição: o reconhecer, como uma identificação de si mesmo, ao buscar ser reconhecido e se diferenciar dos outros, partilha de uma identidade comum, uma identidade de si que almeja acima de tudo o reconhecimento em sua relação com o outro. Deslocar o verbo “reconhecer” para o substantivo “reconhecimento” diz respeito, a uma aspiração que envolve lutas por legitimação. Só serei reconhecido se distinguido e identificado naquilo que pretendo dizerque sou” (DIAS, 2017, p. 116-117).

reconhecimento, que, em segundo momento, é ampliado ao reconhecimento jurídico, sob a interpretação cuidadosa que o olhar não deve se ater apenas a um panorama social, qual seja, lógica formalista ou empirismo subjetivo.

E, por fim, o olhar de Honneth sob a importância de um reconhecimento social, não na sua particularidade, mas num reconhecimento solidário. Tal categoria tríade reforça que o conceito de reconhecimento não pode ser visível a uma perspectiva, logo, se amplia a fundamentar as relações sociais que revelam afirmações de autoconfiança, autorrespeito, e autoestima.

2.2 O PADRAO DE RECONHECIMENTO INTERSUBJETIVO

A importância dos estudos do jovem Hegel e a psicologia de Mead contribuíram bastante para a formação prática da identidade como forma de reconhecimento intersubjetivo, tornando substanciais para uma análise de condutas sociais ou processos de mudança cujo propósito incentiva a aspiração normativa nas relações recíprocas (HONNETH, 2009).

Em seu livro, Honneth (2009) associa o princípio utilizado por Mead como a teoria Hegeliana quando:

A reprodução da vida social se efetua sob o imperativo de um reconhecimento recíproco porque os sujeitos só podem chegar a uma autorrelação prática quando aprendem a se conceber, da perspectiva normativa de seus parceiros de interação, como seus destinatários sociais. (HONNETH, 2009, p. 155).

Além desse reconhecimento intersubjetivo que Honneth (2009) vem buscar equidade nos estudos de Mead e Hegel, também associa a suas ideias um elemento dinâmico que decorre de uma coerção normativa em que é vista a partir de um reconhecimento geral da subjetividade desde que alcance os processos evolutivos e a prática social, ou seja, pelas lutas sociais em busca de direitos e garantias transformadas pelas normas (HONNETH, 2009).

Esse pensamento dá força à sociedade para que possa ser estabelecido uma evolução da moral social, em que se originam das lutas sociais de reconhecimento, estipuladas por Mead e Hegel uma tipologia que venha explicar esse quadro evolutivo de lutas sociais, e que, de certa forma, para Honneth (2009), precisa ser esclarecido em prol dos padrões de reconhecimento no que corresponde aos fatos serem atribuídos às formas de reconhecimento e às experiências sociais no processo histórico (HONNETH, 2009).

Tanto a teoria de Mead quanto a de Hegel costuram a distinção de três formas de reconhecimento recíproco, a saber: dedicação emotiva, referindo-se a relações amorosa e de

amizades; uma diferenciação de reconhecimento jurídico; e a outra de um assentimento solidário.

Vale salientar que Hegel atribui respectivamente três padrões de reciprocidade de conceitos especiais do sujeito, como forma a salientar uma autonomia subjetiva do indivíduo que é evolutiva e que indica a construção de um respeito recíproco como forma de aplicação prática, mas é com a contribuição de Mead que se intensifica a versão sistemática de uma hipótese empírica construída paulatinamente como formas de reconhecer o ser.

Com isso, é válido pontuar que os dois autores coincidem na maneira de sistematizar diversos modos de reconhecimento nas respectivas esferas da reprodução social:

[...] desde logo, Hegel distingue em sua filosofia política a família, a sociedade civil e o Estado; em Mead se divisa a tendência de destacar das relações primárias do outro concreto as relações jurídicas e a esferado trabalho enquanto duas formas distintas de realização do outro generalizado. (HONNETH, 2009, p. 158).

Percebendo as especificidades teóricas acima relatadas, é válido salientar a interação que existe entre os padrões de reconhecimento supracitados. É verificável a potencialidade particular, moral, e autorrelativa do indivíduo no seu processo de construção social.

Examinando as pretensões relativas a reconstrução de um conteúdo concretamente tripartite, ou seja, amor, direito e solidariedade, tentar-se-á estabelecer uma conexão nas pesquisas científicas que identifiquem uma relação entre os três padrões, de tal forma que não percam seu grau de distinção e que possibilitem e potencializem um desenvolvimento moral e o humano (HONNETH, 2009, p. 159).

2.3 O AMOR

Pautado nas relações de experiências primárias, Honneth aponta o amor como primazia do estudo do reconhecimento, sob os argumentos de que Hegel teria mostrado uma distância da temática em questão para um estudo voltado à filosofia da consciência que se pode verificar em seus argumentos:

Para Hegel, essa reconfiguração de todo o seu empreendimento a partir da filosofia da consciência é acompanhada naturalmente por uma transformação do subdomínio que até então a análise da eticidade havia ocupado inteiramente. [...] E nada se expressa mais claramente a perdida função da teoria da eticidade do que nas modificações que nesse meio-tempo Hegel efetuou na articulação interna de sua Filosofia do espírito. (HONNETH, 2009, p. 71).

Honneth (2009), diante seus estudos sobre Hegel, por relações amorosas entende que:

Por relações amorosas devem ser entendidas aqui todas as relações primárias, na

medida em que elas consistam em ligações emotivas fortes entre poucas pessoas, segundo o padrão de relações eróticas entre dois parceiros, de amizade e de relações pais/filhos. Essa proposta coincide como o emprego que Hegel faz do conceito, no sentido de que nele o “amor” também designa mais do que somente o relacionamento sexualmente preenchido entre homem e mulher; é verdade que seus primeiros escritos estão ainda fortemente marcados pela caracterização da ligação emotiva intersexual feita pelo primeiro romantismo, mas nossa interpretação havia mostrado que ele aplica o conceito também ao relacionamento afetivo entre pais e filhos no interior da família. (HONNETH, 2009, p.159-160).

Além do entendimento de Honneth sobre este conceito de relações amorosas ou como o próprio fala relações afetivas, é importante ressaltar que a esfera do amor nem sempre vai se aplicar a toda e qualquer relações sociais no corpo comunitário e que, ao mesmo tempo, se integra a relações interpessoais que estão associadas a uma proposta primária que contará com o envolvimento interpessoal dos sujeitos (CESCO, 2015).

A percepção aqui apresentada por Honneth, sobre Hegel, está em caracterizar esse estado inicial, ou seja, o amor como a reciprocidade do outro, como efetivação de um sentimento que corresponde às duas faces da vertente amorosa em que o ponto principal de correspondência é a afirmação das carências em que os sujeitos unidos são realizados ou satisfeitos, no reconhecimento de seus sentimentos.

O amor representará sob o espírito subjetivo apresentada a Filosofia Real de Hegel resultante das etapas de reconhecimento, em que sua organização do sistema filosófico era definida por: espírito subjetivo, espírito efetivo e espírito absoluto (HONNETH, 2009).

É como antes falado esse o espírito subjetivo atende à relação de conhecimento do outro como parceiro numa interação e dependência afetiva, que é generalizada pela esfera de relacionamento seja ela qual for. Como afirma Hegel: “Cada um é igual ao outro justamente aí onde está o oposto a ele; ou o outro, por aquilo que lhe é outro, é ele mesmo (HEGEL, 1984)” (HONNETH, 2009, p. 101).

Dessa forma, cabe destacar que há um caráter de individualidade do sujeito movido pelo desejo de ser reconhecido no outro e vice-versa, o que Honneth (2003) demonstra em suas palavras pois:

Se eu não reconheço meu parceiro de interação como um determinado gênero de pessoa, eu tampouco posso ver reconhecido em suas reações como o mesmo gênero de pessoa, já que lhe foram negadas por mim justamente aquelas propriedades e capacidade nas quais eu quis sentir confirmado por ele. (HONNETH, 2003, p. 77).

O pensamento honnethiano demonstra, a partir de sua citação acima, que o sujeito deve, antes de tudo, fazer-se reconhecer sua individualidade, o seu EU, para que reconheça o *outro* como parte integrante do seu EU, e que, a partir do conhecimento interno, tenha capacidade de agir na interação com o outro. Nesta percepção, Honneth encontra, na categoria amor, a

importância de uma comunidade ética, fugindo de uma ideia de desejo sexual.

Mas também tendo o cuidado de não transportar o amor a uma categoria de conceito de eticidade em si configurando seu entendimento acabado nele mesmo ou ligado a libido, o que estaria contrário à ideia de comunidade tomado pelas palavras de Honneth (2009) quando diz: “sem o sentimento de ser amado, não poderia absolutamente se formar um referente intrapsíquico para a noção associada ao conceito de comunidade ética” (HONNETH, 2009, p. 80), que está totalmente associada ao aspecto moral das condutas humanas e intrínseco na sua relação intersubjetiva.

Dessa forma, para Hegel¹⁴, segundo Honneth (2009):

O amor representa a primeira etapa de reconhecimento recíproco, porque em sua efetivação os sujeitos se confirmam mutuamente na natureza concreta de suas carências, reconhecendo-se assim como seres carentes: na experiência recíproca da dedicação amorosa, dois sujeitos se sabem unidos no fato de serem dependentes, em seu estado carencial, do respectivo outro. Além disso, visto que carências e afetos só podem de certo modo receber “confirmação” porque são diferentemente satisfeitos ou correspondidos, o próprio reconhecimento deve possuir aqui o caráter de assentimento e encorajamento afetivo; nesse sentido, essa relação de reconhecimento está ligada de maneira necessária à existência corporal dos outros concretos, os quais demonstram entre si sentimento de estima especial. (HONNETH, 2009, p. 160).

O exercício de amar não pode ser visto por uma formalidade normativa de preservação do ser humano, mas na observância do eu para com o outro sob o caráter de interação e reconhecimento das partes na sua intersubjetividade afirmada por um caráter moral de conduta que atenda a uma legitimação universalista abarcada pela relação do espírito objetivo na fundamentação do direito (CESCO, 2015).

Como bem visto, Honneth busca nas pesquisas de psicologia social de Mead a fundamentação que tenta dar suporte à categoria de *luta por reconhecimento*, o que, em sua proposta, culmina com as ideias de Hegel, que estão pautadas numa ótica desenvolvimentista da moral no seio social. Percebido por Mead, o consciente humano está ligado à percepção dos símbolos relacionados à experiência de vida do ser humano, em que sua expressão de interação constrói a ideia do Eu e Me sob o reconhecimento do outro de maneira igual. Sob essa afirmação comenta Honneth (2009):

O conceito de ‘Me’, que Mead emprega aqui para caracterizar o resultado dessa autorrelação originária, deve tornar terminologicamente claro que o indivíduo só pode se conscientizar de si mesmo na posição do objeto; pois o *Self* que entra em seu campo de visão quando ele reage a si mesmo é sempre o parceiro da interação, percebido da

¹⁴ A chave para transferir esse tema a um contexto de pesquisa determinado pelas ciências particulares é representada então por aquela formulação que Hegel segundo a qual o amor tem de ser concebido como um “ser-si-mesmo em um outro”, pois com isso, é dito das relações primárias afetivas que elas dependem de um equilíbrio precário entre autonomia e ligação, o qual constitui o interesse diretivo pela determinação das causas de desvios patológicos na teoria psicanalítica das relações de objeto.

perspectiva de seu defrontante, mas nunca o sujeito atualmente ativo das próprias manifestações práticas. Por isso, Mead distingue do “Me”, que conserva minha atividade momentânea tão somente como algo já passado, uma vez que ele representa a imagem que o outro tem de mim, o “Eu”, que é a fonte não regulamentada de todas as minhas ações atuais. O conceito de “Eu” deve ser referido a instância na personalidade humana responsável pela resposta criativa aos problemas práticos, sem poder jamais entrar como tal, porém, no campo de visão; no entanto, em sua atividade espontânea, esse “Eu” não só precede a consciência que o sujeito possui de si mesmo do ângulo de visão do seu parceiro de interação, como também se refere sempre de novo as manifestações práticas mantidas conscientemente no “Me”, comentando-as. Portanto, entre “Eu” e “Me”, existe, na personalidade do indivíduo, uma relação comparável ao relacionamento entre parceiro de um diálogo. (HONNETH, 2009, p. 130).

À medida em que o sujeito por meio de uma ação prática de autoconsciência dele com o outro, exerce sua individualidade através de um aparato simbólico em que há uma interação intersubjetiva ou conexão perceptível, que acaba por promover o reconhecimento afetivo com capacidade de o outro desenvolver sua própria consciência de si, que é manifestado pelo convívio social, sob o âmbito das relações normativas.

No concerne ao relacionamento social, na vertente de parentesco, o sujeito julga o comportamento decorrente sua capacidade de aquisição e semelhança de significados, que, por sua vez, é inserido no patamar normativo para perceber o outro espelho de si, e “ao se colocar na perspectiva normativa de seu parceiro de interação, o outro sujeito assume suas referências axiológicas morais, aplicando-as na relação prática consigo mesmo” (HONNETH, 2009 p. 133).

Como referência a uma explicação levando em consideração o grau de parentesco que Honneth preconiza, a teoria de Donald Winnicott, esta que parte de uma teoria não metafísica, se orienta por uma psicologia infantil, em que, ao primeiro ver, resulta da análise de que o primeiro contato entre mãe e filho se encontra numa dependência absoluta, pela conexão estabelecida com o nascimento da criança, em que esta depende unicamente do suporte materno, e estão intimamente ligados, e esses laços com o desenvolvimento da criança vão se desfazendo quando o mesmo percebe uma independência da mãe, momento que resulta na segunda etapa como dependência relativa.

Essa independência gera a capacidade de entendimento quanto ao outro, em perceber que este outro possui vontades particulares. A partir desta premissa, ficam claros os mecanismos psíquicos de destruição e transição que os sujeitos passam para que possam desenvolver a autoconfiança. Para Honneth (2009, p. 174), “a criança pequena, por se tornar segura do amor materno, alcança uma confiança em si mesma que lhe possibilita estar a sós despreocupadamente”.

Assim Honneth (2009) reconhece que:

Toda relação amorosa, seja aquela entre pais e filho, a amizade ou o contato íntimo, está ligada, por isso, a condição de simpatia e atração, o que não está à disposição do indivíduo; como os sentimentos positivos para com outros seres humanos são sensações involuntárias, ela não se aplica indiferentemente a um número maior de parceiros de interação, para além do círculo social das relações primárias. Contudo, embora seja inerente ao amor um elemento necessário de particularismo moral, Hegel, faz bem em supor nele o cerne estrutural de toda a eticidade; só aquela ligação simbioticamente alimentada, que surge na delimitação reciprocamente querida, cria a medida de autoconfiança individual, que é a base indispensável para a participação autônoma na vida pública. (HONNETH, 2009, p. 178).

Diante do cenário aqui descrito, evidenciada na confiança em si mesmo, que o amor é uma forma de reconhecimento, e a primeira em que o sujeito conhece no outro a individualidade, e como esse outro, pode através do amor também conhecer sua própria individualidade gerada pela autoconfiança que vai ser determinada pela o conhecimento do outro como ser independente.

2.4 O DIREITO

Dando sequência à temática do reconhecimento sobre os conflitos sociais, em segunda esfera, tem-se o direito, etapa na qual Honneth (2009) busca uma universalização das implicações dos sentimentos afetivos, atendido pelo princípio da igualdade universal de todos os indivíduos que sucede da autoconfiança, que se pauta no reconhecimento da instituição familiar, da qual fazem parte de uma comunidade já estabelecida, e que precisa reconhecer os direitos das outras famílias garantindo direitos mínimos.

Destaca Honneth (2009) em sua teoria:

A atenção teórica deve ser deslocada para aquelas relações sociais intersubjetivas através das quais um consenso normativo mínimo é previamente garantido desde o começo; pois apenas nessa relação pré-contratuais de reconhecimento recíproco, ainda subjacente as relações de concorrência social, pode estar ancorado o potencial moral, que depois se efetiva de uma forma positiva na disposição individual de limitar reciprocamente a própria esfera da liberdade. (HONNETH, 2009, p. 85).

A postura positiva aqui apresentada se pauta na individualidade partilhada de forma jurídica numa relação de reconhecimento de pessoas de direito, em que se relaciona a imputabilidade moral e no respeito cognitivo buscando através das relações sociais a dimensão do autorrespeito. Assim, esclarece Honneth (2009):

Se a primeira forma de desrespeito está inserida nas experiências de maus-tratos corporais que destroem a autoconfiança elementar de uma pessoa, temos de procurar a segunda forma naquelas experiências de rebaixamento que afetam seu autorrespeito moral: isso se refere aos modos de desrespeito pessoal, infligidos a um sujeito pelo fato de ele permanecer estruturalmente excluído da posse de determinados direitosno

interior de uma sociedade. [...] a particularidade nas formas de desrespeito, como as existências na privação de direitos ou na exclusão social, não representa somente a limitação violenta da autonomia pessoal, mas também sua associação com o sentimento de não possuir o status de um parceiro de interação, com igual valor, moralmente em pé de igualdade; para o indivíduo. A denegação de pretensões jurídicas socialmente vigentes significa ser lesado na expectativa intersubjetiva de ser reconhecido como sujeito capaz de formar juízo moral; nesse sentido, de maneira típica, vai de par com a expectativa da privação de direitos uma perda de autorrespeito, ou seja, uma perda da capacidade de se referir a si mesmo como parceiro em pé de igualdade na interação com todos os próximos. (HONNETH, 2009, p. 216).

Percebe-se que Honneth (2009) recai sobre a conjuntura das relações numa questão moral, referindo ao imputável moral os valores concedido pelo direito, relacionando o sujeito de reconhecimento aos deveres a ele concedidos quando este se encontra em comunidade, o que, desta forma, se deve à luta por reconhecimento intersubjetivo numa perspectiva de valores que devem ser executado pelos deveres que o sujeito deve conduzir com a comunidade (GUEDES, 2020).

Essa luta pelos direitos individuais das pessoas se caracteriza, para Hegel, como a esfera do espírito subjetivo, quando parte das relações afetivas para uma busca da individualidade em sentido mais amplo das relações sociais, que, por sua vez, busca a abrangência da generalidade, em que a vontade individual recebe o reconhecimento das demais. Uma luta em que Honneth (2019) diz que:

[...] na experiência da finitude da vida, aquele processo de formação da vontade individual, decorrido até então através das etapas do uso do instrumento e do amor, deve chegar ao seu fim definitivo; pois uma vez que os dois sujeitos viram na luta de vida e morte “o outro como puro si-mesmo”, eles possuem de imediato um saber da vontade, em que se de frente é incluído fundamentalmente como uma pessoa dotada de direitos. (HONNETH, 2009, p. 92).

Com esse pensamento, o autor põe em destaque a figura da instituição normativa e sua importância frente ao reconhecimento jurídico, abarcados por garantias de direitos individuais, afirmando o reconhecimento de si e do outro, que, para Hegel, simboliza exatamente o elemento de luta por reconhecimento. Segundo Honneth, que entende luta por reconhecimento:

Não somente contribui como elemento constitutivo de todo processo de formação para a reprodução do elemento espiritual da sociedade civil como flui também de forma inovadora sobre a configuração interna dela, no sentido de uma pressão normativa para o desenvolvimento do direito. (HONNETH, 2009, p. 95).

Com o “espírito subjetivo” de Hegel, o reconhecimento através dos laços afetivos é ampliado para uma categoria para a instituição do direito, alcançando um reconhecimento jurídico das relações sociais de forma recíproca, ou seja, viabilizar o respeito e reconhecimento de direito de si e do outro sob uma instituição.

É o que Honneth eleva diante das interpretações de Hegel e Mead, quando o sujeito

começa a entender que à sua volta existe um mundo exterior à sua vontade e precisa entender as regras. Segundo sua interpretação, “quer que a compreensão que aquele que aprende a conceber-se da perspectiva do outro generalizado tem de si mesmo seja entendida como a compreensão de uma pessoa de direito” (HONNETH, 2009, p. 136).

Dessa forma, o que se pretende no presente estudo é a busca de um reconhecimento intersubjetivo, em que os sujeitos em diferentes fases buscarão o respeito diante de seus comportamentos. É o que Mead vai chamar de autorrespeito diante de seus estudos em que exemplifica a criança como sujeito que começa a compreender o mundo à sua volta, e também reproduz comportamentos antes observados.

Essa categoria de autorrespeito se manifesta quando o indivíduo reconhece seu próprio valor e busca no outro o reconhecimento de forma generalizada, adquirida pela defesa de seus direitos, em cumpri-los, e que sejam respeitados pelo outro. Assim expressa Honneth (2009):

Se o sujeito, pelo fato de aprender a assumir as normas sociais de ação do “outro generalizado”, deve alcançar a identidade de um membro socialmente aceito de sua coletividade, então tem todo o sentido empregar para essa relação intersubjetiva o conceito de “reconhecimento”: na medida em que a criança em desenvolvimento reconhece seus parceiros de interação pela via de interiorização de suas atitudes normativas, ela própria pode saber-se reconhecida como um membro de seu contexto social de cooperação. A própria proposta de Mead é falar aqui de uma relação de reconhecimento mútuo. “É esta identidade que se pode manter na comunidade na medida em que ela reconhece as outras”. (HONNETH, 2009, p. 136).

É importante ressaltar que, na medida em que o indivíduo faz parte da comunidade, ele pode reproduzir comportamentos, este indivíduo também vai ser modificador de classes ou status. Eis que afirma Honneth (2009, p. 140): “o indivíduo não tem somente direitos, mas também deveres; ele não é apenas um cidadão, um membro da comunidade, ele reage também a essa comunidade e a muda em suas reações, como vimos na conservação dos gestos”.

A partir do momento em que o sujeito reproduz e cria ações e reações na sociedade, imposta pela vontade singular de cada um, estabelece o reconhecimento jurídico, que passa a ser pautado na liberdade e deveres desses indivíduos que se tornam responsáveis por suas ações na comunidade, elevando o grau de autonomia pessoal. Honneth diz que vai chamar luta por reconhecimento em Mead esse processo em que o “EU” busca ampliar seus direitos (HONNETH, 2009).

Apesar das lutas pela ampliação e validade dos direitos, este deve ser visto com pluralidade no que concerne à defesa a todo e qualquer cidadão garantido a autonomia individual e o valor de cada indivíduo no âmbito jurídico. É o que Honneth faz diferenciando a teoria jurídica do reconhecimento jurídico e a estima social; segundo seu entendimento, o

sentido de pessoa em âmbito universal é diferente do valor associado a pessoa diante a estima social.

O caráter universal da teoria jurídica amplia o respeito a toda e qualquer pessoa em caráter de ser humano, enquanto o reconhecimento jurídico esta pautado na vontade do outro, no aspecto moral que designa através de comportamentos e convivência. Assim define:

Um saber moral sobre as obrigações jurídicas que temos de observar perante pessoas autônomas, ao passo que, por outro, só uma interpretação empírica da situação nos informa sobre se trata, quanto a um defronte concreto, de um ser com a propriedade que faz aplicar aquelas obrigações. (HONNETH, 2003, p. 186).

Isso possibilita diferenciar a relação jurídica da luta por reconhecimento, pois dependerá da pessoalidade do sujeito em valorizar o outro, advindo de comportamentos e relações sociais, bem como elementos que podem caracterizar o indivíduo e pelas interpretações de Honneth de acordo com sua obra: a imputabilidade moral determina a racionalidade humana em maior ou menor nível, que possa acolher ou desprezar o indivíduo e reconhecer no mesmo sua importância com igualdades de direitos.

Honneth, quando toma pela a história do Direito, buscou demonstrar que os conflitos tem evolução ao longo da história, constituindo novos direitos e visão do indivíduo quanto à titularidade de direitos de si e dos outros, ampliando a socialização e participação do sujeito em sociedade. Dessa forma, o reconhecimento deverá estar em constantes lutas pelas garantias individuais e singularidades, de acordo com suas palavras de que:

A ampliação cumulativa de pretensões jurídicas individuais, com a qual temos de lidar em sociedades modernas, pode ser entendida como um processo em que a extensão das propriedades universais de uma pessoamoralmente imputável foi aumentando passo a passo, visto que, sob a pressão de uma luta por reconhecimento, devem ser sempre adicionados novos pressupostos para a participação na formação racional da vontade. (HONNETH, 2003, p. 189).

E ainda completa:

Reconhecer-se mutualmente como pessoa de direito significa hoje, nesse aspecto, mais do que podia significar no começo do desenvolvimento do direito moderno: entretanto, um sujeito é respeitado se encontra reconhecimento jurídico não só na capacidade abstrata de poder orientar-se por normas morais, mas também na propriedade concreta de merecer o nível de vida necessário para isso. (HONNETH, 2003, p. 193).

Em toda nossa sociedade, cabe ressaltar a luta pelos direitos, que tem por objetivo expandir a participação dos sujeitos nas suas vontades particulares de reconhecer suas liberdades, e igualdade que tragam uma amplitude nas condições de sobrevivência e aceitação na sociedade, cabendo o significado aqui do conceito de autorrespeito numa garantia de

reconhecer e ser reconhecido.

2.5 A SOLIDARIEDADE

Em continuidade as condições primárias de reconhecimento, chega-se a terceira esfera que Honneth (2009), intitula como solidariedade, compreendendo as dependências constitutivas de condutas morais, o que transpassa a categoria de direito para estima social, quando a individualização do sujeito é exposta a uma experiência social dando lugar a submissão aos aspectos morais que o grupo tem conscientemente como pertencimento, estabelecendo, assim, uma inclusão com o sujeito.

No entendimento de Honneth (2009) uma vez que o grupo recebe o sujeito e aceita suas faculdades individuais, acontece a validação moral em que o sujeito se vê valorado pelo grupo, podendo sentir sua dignidade sendo respeitada, longe de qualquer ofensa ou exposição moral de forma negativa, o que determina uma noção moral e digna como pessoa.

Essa terceira categoria vai ser diferente das anteriores, pois vai buscar uma amplitude social, capaz de agregar o todo do sujeito. Nesse aspecto, Honneth busca explicar essa terceira esfera de reconhecimento por uma dimensão social política da eticidade, segurando nas interpretações de Hegel de que o papel do Estado seria um meio institucional e garantidor da liberdade, tendo como principal intermédio entre as relações intersubjetivas e sociais. Neste entendimento de Hegel, Honneth tenta alcançar seu próprio conceito de eticidade quando diz:

Um conceito de eticidade próprio da teoria do reconhecimento parte da premissa de que a integração social de uma coletividade política só poder ter êxito irrestrito na medida em que lhe correspondem, pelo lado dos membros da sociedade, hábitos culturais que tem a ver com a forma desse relacionamento recíproco. (HONNETH, 2003, p. 108).

Tentando entender as interações sociais, pelos estudos de Mead, Honneth (2003) busca ampliar a ideia de reconhecimento sob a ótica da ética das interações sociais, pelas quais eram analisadas por Mead que a funcionalidade do sujeito em sociedade determinada pelos direitos e deveres, e uma vez que os sujeitos tinham ciência destes, o reconhecimento estaria amparado na sua amplitude, ou seja, o conhecimento do sujeito do seu próprio EU significa ao mesmo tempo sua valorização individual que repercutirá socialmente.

Significa dizer que, quando o sujeito age de acordo com os seus princípios éticos, isso torna reconhecido no meio social, associando o liame entre a autorrealização com a experiência útil na sociedade, o que vai dar respaldo à estima social, pelo reconhecimento de sua postura mediada por boas ações dentro de sua comunidade. Mas, para Honneth, chama atenção quanto aos sujeitos, ou todos eles, para uma não garantia de uma singularidade individual dos atores

sociais, pois o atribui como categorias individuais seriam as concepções éticas e não sua postura no meio social.

Assim frisa Honneth (2003, p. 152):

Determinar convicções éticas de um “outro generalizado”, que por um lado sejam substantivas o suficiente para fazer cada sujeito alcançar uma consciência de sua contribuição particular ao processo da vida social, mas por outro lado, ainda formais o suficiente para não restringir posteriormente o espaço livre, historicamente desenvolvido, possibilidades para a autorrealização pessoal.

De acordo com Mead expresso na obra de Honneth¹⁵, o conhecimento do sujeito de si, leva um caráter de ser único e absoluto, mas Honneth vai chamar atenção de como esse sujeito deve ou não auxiliar no meio coletivo. Daí, surge sua compreensão sobre o conceito de solidariedade, que associa a luta por reconhecimento, através das esferas jurídica (autorrespeito) e afetiva (autoconfiança) pautado na liberdade e assistência, que, a partir delas, haveria uma ampliação desse reconhecimento capaz dos sujeitos respeitarem sua individualidade, sobre a qual Honneth destaca que “as propriedades particulares que caracterizam os seres humanos em suas diferenças sociais” (HONNETH, 2003, p. 199), estariam na estima que cada um carrega de forma particular.

A categoria de estima social está atrelada à concepção de uma consciência cultural de valores e posturas éticas articulada pela individualização dos sujeitos, capaz de adequar-se às mudanças sociais que dão impulso à luta por reconhecimento e que abre possibilidades da busca de uma sociedade mais livre e justa segundo Honneth (HONNETH, 2003).

Justifica Honneth que “quanto mais as concepções dos objetos éticos se abrem a diversos valores e quanto mais a ordenação hierárquica cede a uma concorrência horizontal, tanto mais a estima social assumirá um traço individualizante e criará relações simétricas” (HONNETH, 2003, p. 200), ou seja, para que alcance a categoria de estima social, é precisa a multiplicidade das diferenças. Continua Honneth (2003, p. 204) quando diz: “Uma pessoa só pode se sentir “valiosa” quando se sabe reconhecida em realizações que ela justamente não partilha de maneira indistinta como os demais”.

Seu pensamento toma como concorrência horizontal a percepção de transformações ao longo do tempo no que se refere ao termo honra na sua concepção, adotada pelas categorias de reputação e prestígio social, atrelada à singularidade do sujeito na sociedade, quando este constantemente está a buscar reconhecimento associado ao estilo de vida, pelas vias da estima social.

Desta forma trata Honneth (2003);

¹⁵ Luta por reconhecimento, a gramática dos conflitos sociais.

Quanto mais os movimentos sociais conseguem chamar a atenção da esfera pública para a importância negligenciada das propriedades e das capacidades representadas por eles de modo coletivo, tanto mais existe para eles a possibilidade de elevar na sociedade o valor social, ou mais precisamente, a reputação de seus membros (...) os confrontos econômicos pertencem constitutivamente a essa forma de luta por reconhecimento. (HONNETH, 2003, p. 208).

Para o reconhecimento da estima social, o indivíduo antes deve seu reconhecimento numa autorrealização individual, ou seja, ele entra numa categoria de relação recíproca de reconhecimento, que Honneth (2003, p. 209) classifica em “relações solidárias”. Essa aceitação de si e dos outros são, por sua vez, a interação que a relação de solidariedade pressupõe, em conhecer modos de vida distintas, nos quais os indivíduos podem se reconhecerem nas suas particularidades.

Compartilha Cesco (2015 apud HONNETH, 2003, p. 27):

Essa solidariedade partilhada confere ao indivíduo a autorrealização prática da autoestima. É uma relação simétrica entre os indivíduos autônomos da mesma forma que a autoconfiança e o autorrespeito representam em suas respectivas esferas do reconhecimento. Uma relação solidária com o outro não é uma relação de tolerar a diferença do outro, mas é um passo além. Esse passo é fruto do interesse afetivo pela particularidade presente no outro da relação.

As esferas do reconhecimento, quais sejam, o Amor, o Direito e a Solidariedade expressas por Honneth, formam a necessária compreensão da dinâmica social dos conflitos que o autor associa a uma gramática moral, e que está intrinsicamente ligadas para a sistemática do reconhecimento do sujeito em sociedade, como demonstra no quadro abaixo:

Quadro 1 - Estrutura das relações sociais de Reconhecimento¹⁶

Modos de reconhecimento	Dedicação emotiva	Respeito cognitivo	Estima social
Dimensões da personalidade	Natureza carencial e afetiva	Imputabilidade moral	Capacidade e propriedades
Formas de reconhecimento	Relações primárias (amor e amizade)	Relações jurídicas (direitos)	Comunidade de valores (solidariedade)
Potencial evolutivo		Generalização, materialização	Individualização, igualização
Autorrelação prática	Autoconfiança	Autorrespeito	Autoestima

Fonte: Honneth (2003).

Diante das esferas de reconhecimento apontadas e discutidas por Honneth, cabe associá-las a uma postura educativa de como emitir aos sujeitos no processo de formação da sua

¹⁶ Quadro conforme esquema apresentado por Honneth (2003, p. 211).

identidade humana através do ensino de filosofia abrangendo, olhares para também compreensão do outro na sua singularidade. Estes argumentos irão compor a base fundante do próximo capítulo.

2.6 ESFERAS DO NÃO RECONHECIMENTO

As formas positivas do reconhecimento foram até aqui demonstradas e paulatinamente discutidas para demonstrar as vias da intersubjetividade em que o indivíduo potencializa sua presença e comportamento no meio social. Dito isso, deve-se observar que os conflitos sociais se evidenciam por ações negativas que desqualificam e ofendem a pessoa do indivíduo. Desse modo, podem surgir diversas formas de rebaixamento das qualidades pessoais do sujeito nas esferas antes citadas.

Honneth (2003) faz referência a esse ponto com o seguinte discurso:

Em nossa linguagem cotidiana esta inscrito ainda, na qualidade de um saber evidente, que a integridade do ser humano se deve de maneira subterrânea a padrões de assentimento ou reconhecimento, como os quietamos distinguir até agora; pois, na autodescrição dos que veem maltratados pelos outros, desempenham até hoje um papel dominante categorias morais que, como as de “ofensa” ou de “rebaixamento”, se referem as formas de desrespeito, ou seja, as formas de reconhecimento recusado. Conceitos negativos dessa espécie designam um comportamento que não representa uma injustiça só porque ele estorva os sujeitos em sua liberdade de ação ou lhes inflige danos; pelo contrário, visa-se aquele aspecto de um comportamento lesivo pelo qual as pessoas são feridas numa compreensão positiva de si mesmas, que elas adquiriram de maneira intersubjetiva. (HONNETH, 2003, p. 213).

Demonstrado por Honneth (2003), o não reconhecimento decorre de ações negativas internas das relações sociais intersubjetivas, ferindo a maneira de compreensão de si dos indivíduos como também está atrelada às questões de limitação de liberdade ou injustiças contra a integridade humana, que corrói as esferas positivas do reconhecimento, negando-as, quais sejam, a autoconfiança, o autorrespeito e a autoestima (CESCO, 2015).

Honneth levanta o seguinte questionamento; “[...] a experiência de desrespeito está ancorada nas vivências afetivas dos sujeitos humanos, de modo que possa dar, no plano motivacional, o impulso para a resistência social e para o conflito, mais precisamente, para uma luta por reconhecimento?” (HONNETH, 2003, p. 214). Essas respostas podem ser explicadas pelo processo de desrespeito o qual fundamenta os conflitos sociais, que justamente é trazido por Honneth como correspondentes das esferas positivas. São elas: um não reconhecimento expresso pela violência, privação de direitos e exclusão social, e desrespeito referente a degradação e ofensa. (CESCO, 2015 apud HONNETH, 2003)

A primeira etapa a ser analisada é a integridade do indivíduo, que vai além de ferimentos

marcados na pele de forma exposta, decorrendo da violência e maus tratos, esta mexe com o psicológico do sujeito tão profundamente que suas cicatrizes perduram por muito tempo consigo mesmo, em que a violência psíquica controla o corpo e fere a categoria do EU, exterminando a autoconfiança, pressuposto do qual dificulta a constituição de relações sociais. Honneth (2003) assim explica:

Aquelas formas de maus-tratos práticos, em que são tiradas violentamente de um ser humano todas as possibilidades da livre disposição sobre seu corpo, representam a espécie mais elementar de rebaixamento pessoal. A razão disso é que toda tentativa de apoderar do corpo de uma pessoa, empreendida contra a sua vontade e com qualquer intenção que seja, provoca um grau de humilhação que interfere destrutivamente na autorrelação prática de um ser humano, com mais profundidade do que outras formas de desrespeito; pois a particularidade dos modos de lesão física, como ocorrem na tortura ou na violação, não é constituída, como se sabe, pela dor puramente corporal, mas por sua ligação com o sentimento de estar sujeito a vontade de um outro, sem proteção, chegando a perda do senso de realidade. Os maus tratos físicos de um sujeito representam um tipo de desrespeito que fere duradouramente a confiança, aprendida através do amor, na capacidade de coordenação autônoma do próprio corpo; daí a consequência ser também, com efeito, uma perda de confiança em si e no mundo, que se estende até as camadas corporais do relacionamento práticos com outros sujeitos, emparelhada com uma espécie de vergonha social. Portanto, o que é aqui subtraído da pessoa pelo desrespeito em termos de reconhecimento é o respeito natural por aquela disposição autônoma sobre o próprio corpo que, por seu turno, foi adquirida primeiramente na socialização mediante a experiência da dedicação emotiva; a integração bem-sucedida das qualidades corporais e psíquicas do comportamento é depois como que arrebatada de fora, destruindo assim, com efeitos duradouros, a forma mais elementar de autorrelação prática, a confiança em si mesmo. (HONNETH, 2003, p. 215).

A explicação de Honneth resume bem o quanto o sujeito fica vulnerável quando, através de maus tratos, sua integridade física e moral são comprometidas, e o quanto as capacidades afetivas são importantes para sua autoestima e sua relação de si com o outro, de construir laços afetivos ou, até mesmo, se relacionar com o outro. Condições emotivas e psíquicas caminham juntas, e isso, para Honneth, compõe a lógica do equilíbrio intersubjetivo de autonomia nas relações sociais para o reconhecimento.

Analisada a primeira forma de desrespeito nas experiências humanas de maus-tratos como destruidoras de autoconfiança, passa-se a analisar agora a segunda esfera que afeta o autorrespeito moral, que se trata de privações de direitos e exclusão, visto que essa violação está inteiramente ligada à denegação de direitos em que sua liberdade é ameaçada não sendo concedida uma imputabilidade moral com os demais membros da sociedade (HONNETH, 2003), que preceitua a seguinte ideia:

A particularidade nas formas de desrespeito, como as existentes na privação de direitos ou na exclusão social, não representa somente a limitação violenta da autonomia pessoal, mas também sua associação com o sentimento de não possuir o status de um parceiro da interação com igual valor, moralmente em pé de igualdade; para o indivíduo, a denegação de pretensões jurídicas socialmente vigentes significa

ser lesado na expectativa intersubjetiva de ser reconhecido como sujeito capaz de formar juízo moral; nesse sentido, de maneira típica, vai de par com a experiência da privação de direitos uma perda de autorrespeito, ou seja, uma perda da capacidade de se referir a si mesmo como parceiro em pé de igualdade na interação com todos os próximos.(HONNETH, 2003, p. 217).

Dessa forma, essa esfera corresponde à lesão ao autorrespeito, quando o sujeito é excluído legalmente de sua comunidade, denegado pelas pretensões jurídica de dignidade da pessoa humana, excluindo o juízo moral do indivíduo, negando sua condição de equidade social, que resulta no sentido de exclusão que segundo Honneth retira a possibilidade de autonomia do sujeito de ser reconhecido como ser capaz.

Honneth carrega em seu texto que as agressões sofridas pelos indivíduos têm base motivacional, que ancora o reconhecimento do indivíduo que, de forma negativa, foi afetado dignamente, sofrendo a exclusão social. O autor associa esse tipo de sofrimento à ofensa à dignidade, a uma morte social e psíquica a qual está associada à saúde, afetadas pelo não reconhecimento dos seus direitos pelos outros sujeitos sociais e a experiência deles configura na composição dos “sintomas psíquicos com base nos quais um sujeito é capaz de reconhecer que o reconhecimento social lhe é denegado de modo injustiçado” (HONNETH, 2003, p. 217).

Como terceira esfera do reconhecimento que viola a solidariedade, tem-se a degradação e a ofensa à pessoa, em que sua negação está ligada à vergonha. Para Honneth (2003, p. 223), “o conteúdo emocional da vergonha [...] consiste em uma espécie de rebaixamento do sentimento do próprio valor”. Aqui, Honneth não leva em consideração a timidez, mas os sentimentos internos e externos que mexem com princípios morais e sua forma de valor próprio quanto à aceitação social, que, muitas vezes, não é merecida. Uma experiência de desrespeito ligada ao ego do sujeito, surgida pela humilhação do não conhecimento de suas potencialidades. (CESCO, 2015).

Honneth trata a relação entre o emocional e o desrespeito, como impulso para luta por reconhecimento, associada aos textos de Hegel que enfatiza a psicologia social, que, segundo Honneth:

[...] simplesmente porque os sujeitos humanos não podem reagir de modo emocionalmente neutro as ofensas sociais, representadas pelos maus- tratos físicos, pela privação de direitos e pela degradação, os padrões normativos do reconhecimento recíproco tem uma certa possibilidade de realização no interior do mundo da vida social em geral; pois toda reação emocional negativa que vai de par com a experiência de um desrespeito de pretensões de reconhecimento contém novamente em si a possibilidade de que a injustiça infligida ao sujeito se lhe revele em termos cognitivos e se torne motivo da resistência política (HONNETH, 2003, p. 224).

Resume-se que o desrespeito causa um efeito danoso à moralidade dos sujeitos na sociedade, pois afeta a fonte emotiva e cognitiva dos sujeitos, exigindo desses uma luta por

reconhecimento, demarcando normativas de eticidade que busquem solucionar barreiras ocasionada pela negação. Menção esta que será agora evidenciada para compreensão dos conflitos sociais.

Pela compreensão de Honneth diante os estudos em sua obra, o autor reflete um distanciamento dos aspectos morais na esfera dos conflitos sociais, mesmo diante de tantos momentos opressão e luta. Para ele,

[...] quem procura hoje reporta-se a essa história da recepção do contra modelo hegeliano, a fim de obter os fundamentos de uma teoria social de teor normativo, depende sobretudo de um conceito de luta social que toma seu ponto de partida de sentimentos morais de injustiça, em vez de constelações de interesses (HONNETH, 2003, p. 255).

A abrangência dos interesses ampliada pela categorização das esferas de reconhecimento demarcadas por Honneth determina a lógica moral dos conflitos sociais, que relaciona tanto os interesses individuais quanto os sentimentos de injustiça, exigindo uma superação de experiências de desrespeitos de forma individual, a uma categorização de identidade coletiva, uma luta que pode servir de restituição do autorrespeito, garantindo a solidariedade entre os membros envolvidos, que serve de sustentação para a autoestima, em proteger a integridade psíquica e os interesses pessoais numa busca moral do reconhecimento (HONNETH, 2003).

Como forma de sustentar um perfil adequado a essa concepção, Honneth se vê obrigado a uma reconstrução normativa, pois: “para poder distinguir motivos progressivos e retrocessos nas lutas históricas, é preciso um critério normativo que permita demarcar uma direção evolutiva com a antecipação hipotética de um estado último aproximado” (HONNETH, 2003, p. 266).

Honneth busca um conceito próprio da teoria do reconhecimento diferente da proposta de Hegel, algo que busque no interior dos conflitos sociais, ampliando o significado das esferas da teoria do reconhecimento antes citadas, que, segundo ele, compõem condições intersubjetivas servindo à autorrealização na qualidade individual e normativa, diretamente constituída na identidade social de cada indivíduo, numa superação singular para a interação do outro (HONNETH, 2003).

As mudanças sociais e jurídicas são sempre se renovando, provocando também modificações nas relações afetivas, tal qual as esferas do reconhecimento tanto sociais quanto jurídicas que permeiam essas mudanças e se justificam nelas, que servem de base, segundo Honneth, como meio de buscar igualdade e individualidade no sentido de construção de um ideal de vida.

E esta volta-se ao conceito formal de eticidade, que emprega o amor como proposição da autoconfiança, composição de relação interna e profunda que caracteriza uma força psíquica necessária às realizações pessoais, concentrando o amor e o direito nas condições de igualdade. “nesse sentido uma concepção formal de eticidade pós- tradicional tem de estar delineada de modo tal que possa defender o igualitarismo radical do amor contra coerções e influências externas” (HONNETH, 2003, p. 276).

Associando os sentimentos morais ligados a uma questão de igualdade, Honneth condiciona uma dupla interpretação ao direito, quais sejam por uma ampla condição de igualdade e a representação de forma sensível que direciona a solidariedade social, buscada pelos sujeitos através de valores comuns para satisfação de sua individualização, valores estes que precisam estar numa condição legítima compatível pela esfera jurídica de reconhecimento. Pois:

O indivíduo precisa ser protegido do perigo de uma violência física, inscrito estruturalmente na balança precária de toda ligação emotiva: consta das condições intersubjetivas que possibilitam hoje a integridade pessoal não somente a experiência do amor, mas também a proteção jurídica contra lesões que podem estar associada a ela de modo casual. Mas a relação jurídica moderna influi sobre as condições de solidariedade pelo fato de estabelecer as limitações normativas a que se deve estar submetidas a formação de horizontes de valores fundadores da comunidade. Por conseguinte, a questão sobre em que medida a solidariedade tem de entrar no contexto das condições de uma eticidade pós- tradicional não pode ser explicada sem referência aos princípios jurídicos (HONNETH, 2003, p. 278).

Sobre o conceito formal de eticidade, a principal ideia de Honneth deixar aberto o conceito para novas adequações que possam abarcar o máximo possível das necessidades pessoais do sujeito, principalmente quando carrega um caráter de sociedade democrática em que constantemente surge um anseio humano a ser suprido na necessidade de atender às esferas de reconhecimento, quais sejam, o amor, o direito e a solidariedade.

3 EDUCAÇÃO E RECONHECIMENTO NO ENSINO DE FILOSOFIA

Em diferentes tempos e mudanças nas sociedades, o papel da educação sempre esteve em relevância como referência ao entendimento e melhoria da qualidade de vida dos sujeitos, bem como nas interações sociais que moldam os fatores políticos e econômicos, capaz de estabelecer a integração e coesão entre os indivíduos, e isso se deve à necessidade do reconhecimento recíproco entre os membros sociais.

Quando remete reconhecimento sobre o conhecimento, há uma contribuição da teoria honnetiana que é importante extrair das implicações educativas, na medida em que Honneth analisa de forma crítica e causal o conceito de implicação, traduzindo a demanda de valoração do outro numa atitude de reconhecimento, seja diante de si pelas qualidades intelectuais, seja no reconhecer o outro (CENCI, 2017).

Sobre isso, Cenci faz um estudo sobre o reconhecimento em Honneth, que remete a algumas implicações educativas, partindo delas conceitos de reconhecimento que expressam por conhecimento prévio, gestos expressivos e atitudes de implicação existencial, assim explicita:

Uma primeira implicação da tese da primazia do reconhecimento sobre o conhecimento para a educação concerne ao papel desempenhado pelos gestos expressivos. O ato expressivo representado pelo reconhecimento do outro é o de atribuir um valor social à outra pessoa em razão de possuir um conteúdo normativo que ultrapassa sua identificação cognitiva. Como vimos, o papel dos gestos expressivos humanos permite postular que, na interação social, as propriedades valorativas de uma pessoa são percebidas antes de qualquer outro aspecto. Os gestos expressivos possibilitam um reconhecimento positivo do outro na medida em que permitem a ele saber-se reconhecido como tal. Esse assegurar-se do reconhecimento como pessoa de valor tem origem no significado expressivo dos gestos e da face manifesto desde tenra idade. O aprendizado efetivo de tais gestos é o que possibilita à criança ser introduzida na interação social com o auxílio das pessoas de referência e, portanto, podem ser entendidos como condição de possibilidade para aprender-se a perceber e para atribuir um valor social ao outro (CENCI, 2017, p. 720).

Como foi visto, presencia-se aqui a aquisição da linguagem como função estruturante na comunicação interpessoal para o reconhecimento, permitindo ao outro condição para aprender com seus interlocutores, bem como permitir entre os seres humanos a confirmação de valor diante das expressões gestual e de face são importantes para a coordenação da ação social e dos processos de socialização para o desenvolvimento educativo.

Existe uma continuidade entre gestos expressivos no processo de socialização infantil em relação às modalidades de aparição manifestação pública na qual o sujeito é ator. Essa continuidade tem por base uma relação de reconhecimento intersubjetivo tendo como

implicatura a confiança. A socialização apresenta-se pelo prisma do reconhecimento sobre o ato de conhecer no que tange à peculiaridade do papel dos gestos expressivos que garantem o desenvolvimento dos sujeitos. Ter o valor social confirmado na relação de uns com os outros pressupõe que a confiança seja geradora de uma expressão gestual em sua forma positiva e não violenta (CENCI, 2017).

Como segunda implicação educativa a tese honnethiana, Cenci (2017) aponta;

[...] é extraída da atitude de implicação existencial. Como vimos, para Honneth a precedência do reconhecimento sobre o conhecimento deve-se fundamentalmente ao fato de a capacidade de identificação cognitiva de um ser humano pressupor uma atitude prévia –aprendida, pois, desde a mais tenra idade– para perceber-se e perceber os parceiros de interação como pessoas possuidoras de valor. Na base da relação conosco, com os outros sujeitos e com o mundo está um envolvimento emocional originário, atitude que, para Honneth, está enraizada numa interação prévia que possui, por sua vez, os traços de uma preocupação existencial (CENCI, 2017 p. 722).

Honneth aponta que a criança só se aprofundará ou dará passos em uma aprendizagem interativa se houver um desenvolvimento de sentimento de união com uma determinada pessoa de referência. Por essa afirmação, entende-se que o sentimento de união ou identificação emocional da criança com uma pessoa que se constitui como sua referência primária é condição necessária que possibilita o desenvolvimento de um pensamento simbólico e indenitário. O estabelecimento de um vínculo afetivo é referência para um reconhecimento primário que concerne a uma disposição emocional participativa.

Neste ponto, a análise crítica honnethiana trata de uma essencial contribuição dos processos educativos na medida em que a construção identitária dos sujeitos se constitui nexo causal do dimensionamento do papel dos afetos, os processos educativos devem, portanto, primar por uma qualidade de identificação emotiva que cria condições para que os educandos possam dar passos em seu dimensionamento social. Assim trata Cenci (2017):

Do ponto de vista educativo, a atitude de implicação existencial indica para a importância ou primazia do afeto e para a atenção à primeira infância. Num certo sentido isso pode ser lido como uma das condições fundamentais para o aprofundamento do significado do reconhecimento amoroso e das demais formas de reconhecimento intersubjetivo. Essa atitude estaria na base da capacidade do sujeito expressar-se como alguém que necessita ser considerado em suas necessidades, respeitado em sua dignidade e reconhecido em seu valor para a sociedade. Portanto, se antes na obra de Honneth o reconhecimento amoroso era base para o desenvolvimento dos demais padrões de reconhecimento, agora o reconhecimento prévio ou primordial assume esse papel. Não bastasse, esse conceito chama a atenção para a dimensão afetiva que estaria na base de todo o reconhecimento humano e, podemos acrescentar, dos próprios processos educativos (CENCI, 2017, p. 722).

E como terceira e última implicação, Cenci (2017) evidencia que:

Entendendo as coisas desse modo tem-se que a propensão à cooperação seria originária

no ser humano. Essa ideia aparece também na abordagem que Honneth faz sobre o reconhecimento como força motriz de grupos, ao destacar que “o eu busca o nós da vida comum em grupo, porque, mesmo depois de amadurecido, ele ainda depende de formas de reconhecimento social que possuam o denso caráter da motivação direta e da confirmação” (2013, p.77). Como na ação humana existe uma primazia do reconhecimento sobre o conhecimento, o reconhecer diz respeito a uma atitude prática ao invés de epistêmica. É tal atitude a que possibilita à criança em tenra idade aprender a adotar a perspectiva de suas pessoas de referência e também aos adultos entenderem as manifestações linguísticas de seus interlocutores. Tal atitude está na base dos processos de cooperação e, conforme mencionado acima, deve ter a marca da descentração que, em sentido ético-educativo, demanda a capacidade de assumir o ponto de vista moral, o colocar-se no lugar do outro (CENCI, 2017 p. 723).

Para Honneth, as interações no interior dos grupos, bem como a sua eficácia e qualidade estão intrinsicamente ligada às condições firmadas como base para a socialização. Pode-se indicar que tais condições podem ser orientadas por um processo de identificação positiva com as chamadas pessoas de referência; nesse caso, os atores educativos. Os processos educativos assumem um papel central na vida dos indivíduos que se articulam dentro de um processo de socialização infantil e se preparam para uma atuação na esfera pública. Dito isto, é perceptível a consonância existente entre uma implicação existencial intersubjetiva e a importância dos atores sociais educativos (CENCI, 2017).

Neste capítulo, será tratada a necessidade do estudo do reconhecimento atrelado ao âmbito da educação, numa perspectiva de pretender quebrar preconceitos sustentados pelas sociedades tradicionais, dando lugar ao respeito às diferenças e à singularidade do outro com ser social, isto em conjunto com o ensino de filosofia como meio de discussão da realidade social. Os conceitos de Honneth continuarão a ser analisados para dar conta da análise pretendida neste trabalho, assim como outros estudiosos que possam contribuir com o pensamento aqui levantado.

3.1 RELAÇÃO ENTRE EDUCAÇÃO E RECONHECIMENTO

O delineamento do reconhecimento esteve argumentado sob a ótica da universalidade (abrangência de inclusão alimentado pelo princípio da igualdade jurídica), individualismo (associado ao valor ético positivo do sujeito) e autonomia (a racionalização e ações próprias que permite autoemancipação) como fontes importantes que sustentam a base de igualdade e liberdade do homem, como pressupostos de quebra de amarras de condições tradicionais, que possibilita a interação do sujeito com a sociedade, tendo a categoria do reconhecimento como autorrealização.

Mas, muitas vezes, essas vertentes não estão aplicadas numa categoria de prática cotidiana, pois o mecanismo de evolução e transformação social constante minimiza o respeito

ao outro, buscando uma realização própria acentuando convicções individualizadas. Como se aplica nas palavras de Rouanet¹⁷(1993):

O universalismo está sendo sabotado por uma proliferação de particularismo – nacionais, culturais, raciais, religiosos. [...] A individualidade submerge cada vez mais no anonimato do conformismo e da sociedade de consumo [...]. A autonomia intelectual, baseada na visão secular do mundo, está sendo explodida pelo reencantamento do mundo [...]. A autonomia política é negada por ditaduras ou transformada numa coreografia eleitoral encenada de quatro em quatro anos. A autonomia econômica é uma mentira sádica para os três terços do gênero humano que vive em condições de pobreza absoluta. (ROUANET, 1993, p. 9-10).

A todo tempo os indivíduos são bombardeados de informações e promessas que causam mal-estar, que mexe com provocações emocionais, em que não há importância para com o outro. É nesse aspecto que a importância da educação deve ser exaltada, pois constitui como intermédio na construção de condutas ética e políticas do sujeito decorrentes das necessidades do reconhecimento.

Cabe ressaltar o lugar da educação quando meio de construção social moderna, aclamada nas palavras de Andreozzi¹⁸ (2006, p. 45) quando diz: “a educação historiciza o homem, transmite-lhe sua filiação a cultura. Excluindo o homem da natureza, condição que constitui de forma subjetiva, humanizando-o”, criando uma simbologia que indefere homem da natureza, para sujeito social.

O processo educativo é um processo contínuo de desenvolvimento humano e de suas experiências que aumenta a capacidade humana de criar condições de sobrevivência e de relações sociais com os outros, ou seja, o ser humano, enquanto ser de possibilidades, que tem poder de intervir na realidade, pela dinâmica do movimento contínuo. Dewey (1959) contribui dizendo:

Desde que em realidade o desenvolvimento ou crescimento é apenas relativo a um maior desenvolvimento ou crescimento, a nada se subordina a educação, a não ser a mais educação. É lugar comum dizer-se que a educação não cessa ao sair-se da escola. O sentido deste lugar comum é ser o intuito da educação escolar assegurar a continuação da educação coordenando as energias e organizando as capacidades que asseguram o permanente desenvolvimento. A tendência a aprender-se com a própria vida e a tornar tais as condições da vida que todos aprendam com o processo de viver, é o mais belo produto da eficiência escolar (DEWEY, 1959, p. 55).

Importante também ressaltar a classificação que Piaget (1973, p. 35) faz em relação ao desenvolvimento humano e comportamental do indivíduo, que se dedica em fases que possam

¹⁷ ROUANET, Sergio Paulo. Mal-estar na modernidade: ensaios. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1993, p. 9-10.

¹⁸ ANDREOZZI, Maria Luiza. Educação inclusiva: fracasso escolar da educação na modernidade. In: Educação e subjetividade, ano 1, n.2, pg.43-75, 1, sem.2006 pg. 45.

estabelece o lugar do sujeito em sociedade. Desta forma, classifica em educação intelectual, moral, que proporciona adequar o sujeitos à sua colocação na sociedade a partir da análise do meio e construção de regras que definem as relações sociais, transformando o papel da educação numa condição essencial para a formação humana.

O caminho da educação sem dúvida caminha nos pilares que sustentam o sentido de indivíduo na sociedade, tecendo uma costura que agrega a família, escola e sociedade, que irá compor um processo de reconhecimento de sua própria existência, que Paulo Freire vai se referir como presença humana como algo original e singular, argumentando o seguinte:

[...] mais do que um ser no mundo, o ser humano se tornou uma presença no mundo, com o mundo e com os outros. Presença que, reconhecendo a outra presença como um “não eu” se reconhece como “si própria”. Presença que si pensa a si mesma, que se sabe presença, que intervém, que transforma, que fala do que faz mas também do que sonha, que constata, compara, avalia, valora, que decide, que rompe. E é no domínio da decisão, da avaliação, da liberdade, da ruptura, da opção que se instaura a necessidade da ética e se impõe a responsabilidade. A ética se torna inevitável e sua transgressão possível é um desvalor, jamais uma virtude. (FREIRE, 1996, p. 18).

Reconhecer a educação como condição para o reconhecimento sem dúvidas vai em defesa dos comportamentos éticos e morais que integram questões individuais e coletivas na sociedade, e toma uma dimensão de colocar os indivíduos numa percepção de igualdade que oportuniza sua formação, pelos direitos que a ele são defendidos. Falo sobre o direito à educação, que tem como cenário a inserção do indivíduo em sociedade como seres determinantes dos papéis sociais.

Nesta perspectiva trata Charles-Maurice de Talleyrand (1791):

Os homens são reconhecidos iguais: e no entanto como esta igualdade será pouco sentida, será pouco real, em meio a tantas desigualdades de fato, se a instrução não fizer sem cessar, um esforço para reestabelecer o nível ou para ao menos minorar as funestas disparidades que ela não pode destruir! O autor reconhece a existência da desigualdade na sociedade, mas seu discurso se apoia na legislação que defende a propriedade, fonte dessa desigualdade. A igualdade existente é a igualdade jurídica, não a igualdade de fato, e isso vem expresso no artigo 6º da declaração: “A lei deve ser igual para todos, quer quando protege, quer quando pune. A seus olhos todos os cidadãos são iguais e têm acesso, em igualdade de condições, a todas as dignidades, cargos e empregos públicos, segundo sua capacidade, e sem outra distinção que não a de suas virtudes e talentos”. No trecho citado acima está novamente presente a ideia que confere a instrução do papel redentor. É com convicção que delega a instrução o poder (e ela é um poder, segundo suas próprias palavras) de não só minorar, como também restabelecer entre os indivíduos o nível de igualdade que a Revolução não fora capaz de estabelecer.¹⁹

¹⁹ Charles-Maurice de Talleyrand foi integrante da Assembleia Nacional, mais tarde transformada na Assembleia constituinte, durante o período revolucionário. Seu relatório foi apresentado na comissão de Constituição e serviu como base para o texto final aprovado em 03 de setembro de 1791. Charles-Maurice de Talleyrand foi integrante da Assembleia Nacional, mais tarde transformada na Assembleia Constituinte, durante o período revolucionário. Seu relatório foi apresentado na comissão da Constituição e serviu como base para o texto final aprovado em 03 de setembro de 1791. Quanto à composição dessa comissão, Bodineau e Verpeaux destacam que em 17 de junho de 1789 a “L’Assemblée nationale se déclare constituante et élabore un plan de constitution au sein d’un comité

Dessa forma, a educação como perspectiva de reconhecimento tem conhecimento sob a comunidade de valores, quando se remete ao campo jurídico e legislativo, a qual demonstra um elo entre duas esferas de reconhecimento alcançando um patamar de universalidade, estruturando a necessidade de vontade livre e democrática proporcionado pela igualdade e liberdade edificando a autonomia individual, que motiva os indivíduos a buscar, por meio das lutas sociais, novos direitos fundamentais e inclusão diante as relações sociais.

Honneth (2015) aponta para cinco requisitos necessários para o exercício de equidade da liberdade social na vida pública democrática, quais sejam:

Além da primeira condição das garantias jurídicas requeridas, é necessária, em segundo lugar, [...] a existência de um espaço de comunicação geral que supere as divisões de classes e possibilite o estabelecimento de um intercâmbio de opiniões aos diferentes grupos e às diferentes classes afetadas, pela via de decisões políticas. [...] em terceiro lugar, é necessário, [...] um sistema altamente diferenciado de meios de comunicação de massa que, por meio de um elucidativo esclarecimento acerca do surgimento, das causas e do espectro de interpretação dos problemas sociais, trouxe ao público a capacidade de formar a opinião e a vontade pela via da formação. [...] Uma quarta condição da liberdade social na vida pública democrática, com a qual deparamos em nossa reconstrução idealizante, é a disposição, por partidos cidadãos participantes da formação discursiva da vontade, em realizar prestações de serviços não remunerados para preparar a realização de apresentações de opinião diante do público. [...] a quinta condição da liberdade social na esfera da vida pública democrática, [...] a existência de uma cultura política que a todo tempo alimente e alente tais sentimentos de solidariedade é o requisito elementar de uma vitalização e, até mesmo, um acionamento da vida pública (2015, p. 555-560).

Honneth se aproxima de Habermas quando aponta que se refere a práticas que garantam ideais jurídicos de liberdade comunicativa e de participação, mas, esses requisitos por si só não garantem um engajamento da esfera pública, por essa razão que o papel da comunicação é importante aliada para a participação de debates como também pressupõe um exercício de solidariedade, exercício fundamental para exercer a vontade democrática em que o sujeito se sinta capaz e autônomo para tomar decisões (HAMEL, 2020).

Fundamentando o pensamento acima descrito, Hamel em relação à educação na teoria do reconhecimento:

Nesse ponto a educação assume uma posição ativa na teoria do reconhecimento, pois não é possível o incremento de uma ordem democrática livre e igualitária sem a possibilidade de exercício pleno da cidadania, que somente a educação é capaz de promover. O lugar que a educação ocupa na teoria do reconhecimento social pode ser analisado além do fato de ser um direito social fundamental, mas sim como um fio condutor entre Estado e sociedade na constituição da ordem democrática. Honneth

de constitution composé d'une majorité de 'monarchiens' qui sont des modérés partisans d'une Constitution à l'anglaise, et d'une minorité de 'patriotes' opposés notamment au bicaméralisme, comme Sieyès, L'Épouse et Talleyrand. Elle décide que la future Constitution contiendra une Déclaration des droits" (BODINEAU; VERPEAUX, 2004, p. 14).

estabelece a essencialidade da educação de caráter público a partir do ponto de vista de uma instituição social⁴, um espaço público adequado para a realização democrática (HAMEL, 2020, p. 180).

Honneth reconhece que não tratou sobre a educação institucionalizada, mas, em sua obra, o direito à liberdade aborda uma relação entre as esferas de reconhecimento e as instituições sociais, sob um sistema ampliado das escolas privadas como refletores de estilos e valores culturais educativos, em seu entendimento, “quanto mais escolas privadas, tanto será menor o compromisso do espaço público democrático em dispor um sistema sólido, o mais justo possível de educação pública” (HONNETH, 2017, p. 404).

Sob o olhar de Honneth, somente as escolas públicas conseguiriam ter atitudes e orientações valorativas para uma participação ativa democrática, pois, nelas, os sujeitos poderiam exercer a vontade, facilitando a capacidade e cooperação de troca intelectual, que o autor considera ser uma tarefa das instituições de formação pública, mas que, infelizmente, acabam enfraquecidas pelo neoliberalismo (HONNETH, 2017).

Essa forma de pensar de Honneth apoia-se nos ideais de Kant em estabelecer a importância do Estado para com a educação, e como estes institutos dependem um do outro para viabilizar o sujeito a ser um ser autônomo, o único capaz de buscar uma emancipação política. Pontos dos quais pode-se pensar a importância da educação pública (HONNETH, 2013).

Com isso, ao lado de Kant, Rousseau, Schleiermacher, Honneth trabalha a pedagogia no campo da teoria democrática. A tese de Honneth é de uma reaproximação entre a teoria da educação e a da democracia, por meio de uma educação democrática.

Segundo Honneth (2013):

o tipo de educação escolar, seus métodos e conteúdos pode repercutir de maneira desejável na consistência de uma democracia, promovendo, por exemplo, a capacidade de cooperação e a autoestima individual, ou então contribuir, de maneira negativa, para seu insidioso solapamento quando ela veicular a submissão à autoridade e o conformismo moral (2013, p. 548).

Para Honneth, os processos educacionais devem estar voltados ao estímulo das capacidades dos indivíduos, dando oportunidades aos mesmos de tomar decisões que integrem a comunidade. Dessa forma, “[...] explorar as possibilidades de uma eticidade democrática identificará a esfera pública da deliberação e da formação da vontade pública como núcleo” (HONNETH, 2011, p. 485), o que possibilita sua atuação como cidadão através do exercício de liberdade.

E esse exercício se volta aos saberes culturais que os indivíduos tomam como padrões

cognitivos e formativos que os levam ao tomada de decisões e transformações sociais, então, a luta por reconhecimento está em uma função democrática de que a educação ou o direito a ela promove novos reconhecimentos.

Assim esclarece Cury (2002, p. 206):

Ter domínio de conhecimentos sistemáticos é também um patamar sinequa non a fim de poder alargar o campo e o horizonte desses e de novos conhecimentos. O acesso à educação é também um meio de abertura que dá ao indivíduo uma chave de autoconstrução e de se reconhecer como capaz de opções. O direito a educação, nesta medida, é a oportunidade de crescimento cidadão, um caminho de opções diferenciadas e uma chave de crescente estima em si (CURY, 2002, p. 206).

É defeso em nossa Constituição, de 1988, o direito à educação na instância de direito social sob o contexto de comunidade expande ao pleno desenvolvimento da personalidade humana, que também abrange ao mesmo tempo uma categoria econômica e cultural, que viabiliza a promoção dos direitos humanos. Dessa forma, fica claro o reconhecimento ao direito à educação que direciona o indivíduo ao exercício da cidadania, proposto a busca de objetivos que viabiliza o lugar do sujeito na sociedade.

Como retrata Dewey (1959) em suas palavras:

Em seu sentido mais vasto, eficiência social é nada menos do que a socialização do espírito ou da inteligência que contribua ativamente para tornar a experiência mais comunicável e para derrubar as barreiras das separações sociais que tornam os indivíduos impenetráveis aos interesses dos demais. Quando a eficiência social se limita a serviços prestados por atos manifestos, fica esquecido o seu principal componente isto é a inteligente simpatia ou a boa vontade. Pois essa simpatia, como qualidade desejável, é alguma coisa mais do que simples sentimento: é a imaginação consciente e cultivada daquilo que os homens tem de comum e a revolta contra tudo aquilo que desnecessariamente os divide. O que se chama, as vezes, interesse benevolente pelos outros, pode não ser mais do que a inconsciente máscara de desejo de impor-lhes a ideia do que deva ser o seu bem, em vez de um esforço para emancipá-los, de forma a poderem procurar e encontrar o bem de sua própria escolha. A eficiência social e até os serviços sociais são coisas duras e ásperas, quando separadas de um reconhecimento ativo da diversidade dos bens que a vida proporcionar as diferentes pessoas e da fé na utilidade social de encorajar-se cada indivíduo para fazer sua própria escolha inteligente (DEWEY, 1959, p. 132-133)

O papel democrático da educação numa sociedade promove um significado de eticidade, que auxilia na socialização dos membros integrantes, resgatando a razão de seu lugar de compreensão e transformação social.

3.2 RECONHECIMENTO COMO FORMAÇÃO DA IDENTIDADE HUMANA

Como bem visto, nas esferas de não reconhecimento avaliadas por Honneth, como patologias sociais que bloqueiam a capacidade de desenvolvimento social do indivíduo, e

relacionam com a não interação dos sujeitos que inibem a prática do reconhecimento, pela invisibilidade ocasionadas por situações de desrespeito e injustiça. Mas Honneth defende que isso pode ser superado pelo interesse subjetivo de cada indivíduo tem por liberdade e emancipação, pela capacidade racional de reconhecer-se sujeito partícipe da sociedade (TOMASI, 2009).

Reconhecer a si, buscar espaço na sociedade como membro pertencente a ela, requer que o espírito da estima social também haja como reciprocidade, pois a formação da identidade humana permeia pelos traços culturais e educacionais que o sujeito recebe ao longo da vida auxiliando no desenvolvimento da razão, assim explica Tomasi (2019, p. 139):

Da mesma forma, os processos educativos necessitam estar comprometidos com a ideia de que existe a possibilidade do desenvolvimento das potencialidades racionais na identidade de cada indivíduo e que nunca é tarde para o desenvolvimento destas potencialidades. No entanto, é preciso destacar que não se trata de uma tarefa simples, pois vivemos em uma ordem mundial com uma profundatensão entre a autoridade da ciência e as formas de vida cunhadas pelas religiões e por costumes da tradição. Os processos educativos necessitam ter como base uma realidade na qual não há ordem ou postura pretendida que não sugira contradições, pois a diversidade do modo de ser humano é o que determinada nossa essência como pessoas a contrariedade e pontos de vistas diversos são marcas permanentes de nossas visões de mundo. O desenvolvimento da racionalidade latente dentro da identidade de cada pode ser mediado principalmente pelas ciências humanas, pela política, pelo currículo e pela administração do sistema educativo ao promoverem a reflexão crítica, o desenvolvimento do raciocínio, o entendimento da intersubjetividade constitutiva do ser humano e da importância do reconhecimento. O descompromisso com estes princípios poderá significar a legitimação de uma ordem social de dominação, exploração e a transformação da educação em um meio com objetivos unicamente mercantis.

O conceito de formação da identidade pessoal começa pela educação, uma vez que a prática do reconhecimento está na tomada de consciência dos indivíduos sob suas responsabilidades quanto direitos e deveres no âmbito social, pois, para Honneth, o reconhecimento está pautado no ato moral, decorrente dos acontecimentos cotidianos, e das práticas decorrentes de comportamentos que vislumbre o respeito ao amor, direito e solidariedade, e busca pela igualdade jurídica, afastando formas ideológicas de reconhecimento. Assim, a educação tem um papel de contribuir para um olhar crítico que possa desenvolver a autonomia individual e direcionar a percepção das formas de dominação e submissão que muitas vezes bloqueia o comportamento (HONNETH, 2003).

Sob a consideração de teoria crítica como contribuição aos processos educativos, temos Tomasi (2019 apud HONNETH, 2003, p. 140-141):

O reconhecimento deve consistir em um ato moral, mas chama a atenção de que muitas formas de reconhecimento falsos eram resultados de juízo moral de um determinado momento da história. Torna-se fácil nós que somos contemporâneos perceber esse

caráter ideológico, diferente da grande maioria das pessoas que viveram no período. Nesse sentido, uma educação que tem presente a importância do reconhecimento intersubjetivo na formação da identidade pessoal certamente pode possibilitar uma melhor análise dos valores morais e um consequente afastamento das formas ideológicas. Trata-se de um meio para identificar e analisar valores que expõem certezas do mundo da vida, valores estes que não são fixos e nem objetivos, mas variáveis historicamente e, mesmo assim, considerados dignos de serem reconhecidos. Uma formação da identidade pessoal centrada no reconhecimento permite o entendimento de que reconhecer o outro significa, diferente do reconhecimento ideológico, perceber nele uma qualidade de valor que nos motiva intrinsecamente a comportar-nos não de maneira egocêntrica, mas sim adequada aos propósitos, desejos e necessidade dos demais. Percebe-se nos últimos séculos que a relevância dada ao significado “amor” possibilitou a ampliação da necessidade do bem-estar das crianças e a necessidade de autonomia das mulheres, aprofundando as ações de assistência e ajuda mútua. Nas relações de reconhecimento do direito moderno, diante do processo de reclamação judicial a situações de vida até o momento esquecidas, promoveu o surgimento de uma situação de maior igualdade jurídica. Também, a luta simbólica pelo significado do que o mérito deve significar levou a uma compreensão ampliada das contribuições sociais. Como última análise, um conceito de formação da identidade pessoal centrado no reconhecimento não engessa a moralidade, mas a deixa aberta para novas expressões de valores e para a ampliação das determinações de qualidades e capacidades específicas, as quais possibilitariam ao indivíduo uma maior identificação com suas qualidades e melhores condições prévias intersubjetivas para a sua autonomia e autorrealização.

No campo da educação, a busca da reflexão crítica acerca das formas ideológicas que permeiam as relações sociais sempre foi relevante para despertar nos indivíduos o potencial de qualidade do ser, vislumbrando o reconhecimento da formação da identidade, bem como pode-se exemplificar ações como o racismo, homofobia, xenofobia e tantas outras figuras que negam o reconhecimento intersubjetivo (TOMASI, 2009).

É importante construir reforços psíquicos que fortaleça a visibilidade dos indivíduos que são injustiçados e, juntamente com a cultura, reprimir formas que causam rebaixamento e humilhações, tomando consciência da exclusão, para o alcance da liberdade (TOMASI, 2009).

Nessa perspectiva, Tomasi (2009) argumenta:

Em um passado recente a escravidão era justificada pela cor da pele, as mulheres não possuíam os mesmos direitos dos homens, a homossexualidade e a transexualidade eram entendidas como doenças ou opção imoral e a aversão a estrangeiros poderia levar a barbáries como as ocorridas no holocausto. É perceptível que nos últimos tempos, com as novas descobertas científicas e com o aumento do acesso às informações, tenha ocorrido uma evolução a nível global com relação a esses grupos, afastando-os consideravelmente das situações de maus tratos, negações de direitos e humilhações. No entanto, também é perceptível que estes grupos continuam sendo discriminados e a intensidade dessa exclusão pode variar de acordo a cultura (TOMASI, 2009, p. 142).

Sobre o papel educativo sob as formas de negação do reconhecimento Tomasi (2009) continua:

[...] É nesse contexto que defendemos a ideia de que os processos educativos possuem uma grande responsabilidade de refletir sobre a importância do reconhecimento para a formação de uma identidade pessoal intacta e, consequentemente, mostrar que é

inadmissível que estes grupos historicamente excluídos continuem sendo vítimas da negação do reconhecimento. O âmbito educacional é um dos melhores locais para se construir a reflexão e a informação sobre cada um desses casos, percebendo as influências culturais e identificando as formas ideológicas que causam insatisfação. Uma educação fundamentada no princípio do reconhecimento é essencial para que situações da vida até o momento esquecidas ou desrespeitadas tomem consciência de sua exclusão e desenvolvam um processo de reclamação judicial que poderá motivar o surgimento de uma situação de maior igualdade jurídica (TOMASI, 2009, p. 143).

Vale ressaltar as regras ou legislações que norteiam os processos educativos, que serve de orientação direcionada e intencional, mas que não podem ser deixadas de lado, pois retira o caráter de conjunto de unificação e coerência mesmo que visivelmente prevaleça o interesse ideológico de dominação exercitado pelo controle escolar nas suas práticas educacionais. Abrangendo essa visão para os demais conflitos sociais, não se pode deixar levar em consideração que os problemas para os quais as regras existem para corrigir, sejam vistos e confortem os indivíduos da natureza das coisas, mas inquiete para que busque solucionar de forma crítica essa realidade (TOMASI, 2009).

O conceito que Honneth aprimora como formação da identidade pessoal pautada no reconhecimento afasta o caráter de invisibilidade, pois ele entende que essa postura da não valoração do outro significa uma forma de patologia social que seria uma deformação da conduta humana e deve ser combatida. Para Honneth, o reconhecimento não depende de conhecimento, mas do comportamento e gestos que o outro expressa sobre nós, de maneira espontânea (HONNETH, 2003).

Segundo Tomasi (2019 apud HONNETH, 2003) evidencia:

A tese sobre a necessidade do reconhecimento prévio defendida por Honneth traz muitas outras contribuições para o âmbito educacional, principalmente no que se refere a uma filosofia da educação e a uma pedagogia do reconhecimento. A forte influência da pedagogia liberal, que tem como um dos seus pilares a meritocracia, termo utilizado pela primeira vez por Michel Young, no livro *The Rise of the Meritocracy* publicado em 1958, procura dar visibilidade aos indivíduos que se destacam como possuidores de maior conhecimento e o processo de alavancamento profissional e social é entendido como uma consequência dos méritos individuais de cada pessoa, ou seja, dos esforços e dedicação. As posições hierárquicas estariam condicionadas as pessoas que apresentam os melhores valores educacionais, morais, e aptidões técnicas ou profissionais específicas e qualificadas em determinadas áreas, ignorando totalmente o fato de que os resultados não dependem somente do esforço individual, mas também de oportunidades, como condições financeiras, acesso as melhores instituições de ensino e contatos profissionais exclusivos. Uma pedagogia que tem como um dos seus pilares o princípio do reconhecimento prévio poderia enfatizar a importância de que todos sejam valorizados, reconhecidos e respeitados como indivíduo simplesmente pelo fato de se tratar de seres humanos, independente do conhecimento que possuem (TOMASI, 2019 apud HONNETH, 2003, p. 146-147).

Isso demonstra que o espaço escolar é o meio de inclusão dos sujeitos, sejam eles, apresentados ou representados de todas as formas de identidades pessoais, meio pelo qual se pode dar o primeiro passo à consciência crítica ao combate à invisibilidade e às formas ideológicas

de exclusão social, dando possibilidades de criar um ambiente acolhedor e receptivo pelas condições psíquicas, e sociais (TOMASI, 2019).

Outra patologia social ligada ao conceito de formação da identidade pessoal se reporta a categoria da *reificação*, olhar atribuído ao sistema capitalista, em que o valor da mercadoria sobressai em relação à interação humana. E esse olhar, de acordo com Honneth, absorve a ideia de que não se pode ter um conhecimento imediato da mentalidade do outro, sem que não haja primeiro o reconhecimento deste, como forma deste incluir em suas sensações. Para Honneth, os processos de reificação são consequências do esquecimento do reconhecimento prévio (TOMASI, 2019).

De acordo com os estudos que Honneth tem sobre Hobson, Tomasello, Dornes e Adorno, Tomasi (2019) reflete e comuna da seguinte ideia:

O surgimento das capacidades infantis de conhecer, pensar e interagir devem ser entendidas como um processo que se desenvolve mediante o mecanismo de adoção de perspectiva, mas para isso ocorra a criança deve antes identificar-se emocionalmente com a pessoa de referência. Esta tese procura argumentar que uma criança somente vislumbra a abundância de significados existenciais que os dados situacionais podem ter para os homens a partir da perspectiva da pessoa amada (TOMASI, 2019 apud HONNETH, 2019).

A proposta que Honneth tenta passar é que quanto mais o sujeito tiver uma abertura emocional de identificação com o outro, mais o conhecimento sobre este estará mais preciso, estaria aí o papel do reconhecimento fugindo da ideia de reificação, o que abrange também numa categoria de linguística, que se apresenta como conhecimento prévio de comunicação, e a forma de comportamento do sujeitos frente ao outro.

Honneth (2008) considera reconhecimento elementar e participação afetiva, a dinâmica do sujeito em construir relações com os outros onde há uma partilha na sua forma de interação diante as experiências do dia a dia. Assim, externa:

Se a gente pergunta o que posturas como “participação”, “cuidado” ou “afecção” tem em comum, então imediatamente chama a atenção que todas são expressão de uma importância existencial que um determinado objeto tem para um sujeito: nós só estamos preocupados com aqueles eventos, só somos afetados por aqueles procedimentos, que tem relevância direta, imediata, para o modo como aprendemos nossa vida. Por isso também não podemos deixar de reagir a circunstâncias pelas quais somos “afetados” deste modo: seja lá o que nos atinge existencialmente, isso nos leva a nos comportar de algum modo. Pois eu havia sugerido compreender tal forma da importância existencial como resultado de uma forma anterior, muito elementar, de reconhecimento: face a determinados fenômenos no nosso mundo da vida nós reagimos com acessibilidade existencial porque assumimos frente a eles uma postura na qual nós os aceitamos como o outro de nós mesmos (HONNETH, 2008, p. 72).

Para que haja uma esfera de reconhecimento do outro é preciso que ocorra uma identificação ou semelhança de valores morais que se façam reconhecidos, movidos pelo

processo de socialização onde a cultura é internalizada observando as regras que estão estabelecidas, as quais desenvolvem a sociedade pelo aspecto valorativo e moral que constrói o sujeito membro de determinada comunidade, e, desta forma, podendo também determinar a formação da identidade pessoal.

Do contrário, o não reconhecimento ou a negação do mesmo, estaria o sujeito moldado a reificação, como explica Honneth:

[...] a percepção do outro como alguém distante, que não respeita, que ofende que agride, leva o indivíduo a também ser indiferente com relação aos acontecimentos dos demais. A perda desta conduta original, que o reconhecimento, cria no indivíduo uma perspectiva habitual petrificada, fazendo-o perder sua capacidade de implicar-se com interesse nas pessoas e nos sucessores. É neste contexto que se manifesta a reificação, pois os sujeitos se transformam em observadores puramente passivos a quem não somente seu estorno social e físico, mas também sua vida interior lhes aparece como um conjunto de atitudes cósmicas, ou seja, sem um significado intersubjetivo. O esquecimento do reconhecimento prévio pode tornar inexistente um sentimento de união e o entorno social parece, quase como um universo sensorial do autista, uma totalidade de objetos puramente observáveis que carece de toda emoção ou sensação (HONNETH, 2008, p. 83-84).

A proposta demonstrada neste ponto do trabalho procurou exhibir patologias estudadas por Honneth argumentada pela esfera do reconhecimento como construção da formação da identidade pessoal, bem como associando aos processos educativos que contribuem para formação dos sujeitos, em que Honneth nos adverte que podem ser superadas pelo interesse que os indivíduos emanam sobre emancipação e racionalidade. Tomasi, (2019, p.151) argumenta: “[...] para isso, os processos educativos necessitavam estar comprometidos com a ideia de que existe a possibilidade do desenvolvimento das potencialidades racionais na identidade de cada indivíduo [...]”.

Caso contrário, a esfera do não reconhecimento, especialmente apontadas por Honneth com invisibilidade e reificação, comprometeria o sistema educativo, fato que deve ser evitado, pois o ambiente escolar é dinâmico e estrutura diversas formas de identidades, percebe-se, então, a importância do reconhecimento de todos apenas pelo fato de serem “humanos”, como maneira de preservação da subjetividade que é o reconhecimento da autenticidade do sujeito.

3.3 O ENSINO DE FILOSOFIA COMO FORMA DE RECONHECIMENTO

O intuito deste trabalho está em responder ao questionamento em que está apresentado o interesse se é possível trabalhar as representações sociais em sala de aula de filosofia, no sentido de valoração do outro pela prática do respeito às formas de identidades, e como os indivíduos se apresentam em sociedade.

Através das discussões correntes será possível delinear como e por onde o ensino de filosofia pode desenvolver um espírito de respeito em sala de aula como reflexão para o convívio dos indivíduos em sociedade.

Não é de hoje que a educação brasileira enfrenta problemas relacionados à diversidade de abrangência cultural, social, pedagógica e, por que não falar, filosófica, sob suas bases de questionamentos da disciplina e suas metodologias do ensino de filosofia na escola, ressoada a leituras críticas de caráter controlador. Sob suas idas e vindas, a lei que tornou obrigatória a disciplina nos currículos das escolas do ensino médio não durou nem mesmo uma década, e, em 2017, houve alteração da Lei n. 9.394/96, de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN), a qual retira a obrigatoriedade do ensino de Filosofia no ensino médio, colocando-a como saberes práticas inserida em outras disciplinas.

Mas, aqui, procurar-se-á estabelecer o quão grande é o benefício da Filosofia e como o seu ensino podem ajudar a compreender a subjetividade do homem e sua condição humana frente à sua imagem.

Segundo Merleau Ponty (1999), a filosofia seria “reaprender a ver o mundo”; completa Japiassu (1977), é tomar consciência ou reconhecer a parte de si que pertence aos outros e derrubar todas as barreiras do medo que separam a identidade da alteridade”. A percepção filosófica que aqui é pretendida é o sentido numa relação de si com o outro, quem é esse eu que reflete no outro, e quem é esse outro que também reflete sob os olhares da sociedade, nas suas formas de identidades, comportamentos e reflexões sobre sua existência.

Ao pensar o sentido, expressa Sodelli (2008, p. 211):

[...] sentido refere-se primordialmente, ao modo peculiar do ser humano cuidar e sentir as coisas do mundo, onde representa, por um lado, uma direção para qual estamos nos dirigindo, um ponto no qual queremos chegar, um destino, um rumo, e por outro lado, o modo com o qual nos direcionamos para este horizonte, o modo como nos sentimos nessa direção.

Diante deste, pode-se perceber uma dimensão afetiva do termo sentido, levando em direção ao cuidado, compreensão e reflexo das práticas humanas na sociedade, que, em caso contrário, o não sentido ou a ausência dele assume uma postura de indiferença ou rejeição. Visão que Honneth busca como luta por reconhecimento, o sentido de significado da subjetividade do ser quanto pessoa que quer se vista e respeitada quanto à sua identidade. Assim, afirma:

A “honra”, a “dignidade” ou, falando em termos modernos, o status de uma pessoa refere-se [...] a medida de estima social que é concedida a sua maneira de auto-realização no horizonte da tradição cultural; se agora essa hierarquia social de valores se constitui de modo que ela degrada algumas formas de vida ou modos de crença,

considerando-as de menor valor ou deficientes, ela tira dos sujeitos atingidos toda a possibilidade de atribuir um valor social as suas próprias capacidades (HONNETH, 2003, p. 217).

Trazendo seu sentido ético, o ensino de filosofia se propõe buscar nas coisas a essência que elas possuem dando um significado que mobiliza comportamentos através da consciência. Essa prática é inerente a filosofia, pois abre horizontes de interpretações e compreensão que envolvem as relações sociais. Conforme Ghedin (2009),

[...] para fazer uma escolha pela Filosofia, é necessário o jovem e a sociedade da qual faz parte terem a oportunidade de saber o que ela é, qual sua proposta, seus sentidos, seus significados humanos e quais problemas procurou e procura responder (GHEDIN, 2009, p. 23).

Junior (2020, p. 193) complementa:

[...] A filosofia nos faz refletir sobre o novo, o dissenso, o ver até que ponto é possível pensar diferente do que já se pensa ou saber diferente do que já se sabe aparecem aqui como a maior contribuição que a disciplina de Filosofia pode oferecer aos jovens do nosso tempo [...] oferecendo novo olhar sobre a realidade, conduzindo a pensar outras possibilidades existenciais, a perceber os diversos sentidos que a vida pode ter. essa reflexão sobre o novo pode contribuir para o respeito ao “*Alther*”, ao Outro, ao diferente.

A reflexão com o novo proporciona à Filosofia a observação da mudança nos costumes e comportamentos humanos, cuja dimensão chega a ser classificável como atemporal pela capacidade de tomar questionamentos que tende a contribuir para a formação dos jovens de hoje, pelos fundamentos antes já estabelecidos. Segundo Cerletti (2008),

[...] Filosofia é convidar a pensar. É convidar a compartilhar uma atividade que supõe um esforço, é certo, mas abre a enorme perspectiva chegar a enfrentar-se como o novo. E quando se possibilita a novidade, quando aparece algo que antes não havia, em alguma medida, transformamos o mundo (CERLETTI, 2008, p. 41).

É nessa perspectiva que este trabalho relaciona a questão do reconhecimento ligada ao ensino de Filosofia, embora encontre na prática um paradigma quanto à aplicação da disciplina nas escolas brasileiras, o que não é objeto de discussão deste trabalho. Traz-se aqui de como a compreensão de mundo que a filosofia pode trabalhar e provocar os jovens quanto a questões existentes e que surgem no mundo.

O olhar que Honneth apresenta sobre as esferas de reconhecimento e de não reconhecimento são vividas entre esses jovens, uma vez que procuram entender seu lugar na sociedade, e é preciso quebrar barreiras de exclusão e negação nas formas de identidade que muitos indivíduos se apresentam na sociedade, para exercer a prática da inclusão e garantias de direitos.

Somente a Filosofia tem o poder de ir ao encontro de sentidos, de possibilitar reflexões plausíveis, de mover pensamentos, e isso determina a mudança social, como destaca Benetti (2007):

O que funda um pensamento é a força de um encontro com algo que mexe e desassossega e, portanto, desencadeia o ato de pensamento. Isso porque, o pensamento não se dá pelo reconhecimento e pela identificação do objeto, mas a partir do arrombamento de algo da ordem da sensibilidade [...] Assim, só o que pode ter sentido no encontro com algo que sensibiliza o pensador a pôr um problema força-o a pensar o que ainda não foi pensado (BENETTI, 2007, p. 138).

É através desse pensamento que toma-se a liberdade de trazer a discussão os objetivos a serem esclarecidos nesse trabalho, fazendo a associação com os estudos das identidades e representações sociais através do ensino de Filosofia. Essa mediação, como pode ser observada, parte da realidade social que carrega consigo padrões estéticos e morais. O ensino de filosofia vislumbra a possibilidade de desenvolver no aluno os princípios de respeito, reconhecimento do outro, partindo da construção de sua própria identidade, desde que seja trabalhado o senso crítico, analisando suas práticas e favor de um convívio social equilibrado.

Dessa forma, os objetivos se pautam em: a) identificar a relação entre filosofia e as formas de representação social, b) verificar como o processo de integração social pode ser pensado a partir do estudo sobre identidade e representações sociais na sala de aula; c) definir conceitos e metodologias para trabalhar as diversas formas de representações sociais.

Com toda força que a Filosofia representa, sua contribuição para o mundo social é importante, pois cria um processo de busca incessante por respostas às perguntas que pautam a existência humana, pelas múltiplas dimensões que o pensamento e comportamento humano são capazes de exercer. Unir Filosofia para entender as diversas formas de representação social nos faz lançar um olhar amplo sobre a sobrevivência humana, relacionadas a questões sobre a subjetividade, do encontro do eu como o mundo. “O buscar nos transforma, faz-nos mudar de atitude em relação ao que sempre fomos, revela nossas insatisfações, nos impulsiona a atingir uma nova visão das coisas” (FAVARETTO, 2008, p. 55). Esse impulso, sem dúvidas, é alimentado pelas vias da educação, que, através do ensino, modifica a visão do sujeito à ampliação de horizonte quanto a suas opiniões e escolhas, e a Filosofia pode educar para uma autonomia de pensamento. Segundo Gonçalves (2007),

Educar para o pensamento autônomo implica em rejeitar o consenso, que inibe o homem de ser ele mesmo, que o impede de ousar pelos caminhos do conhecimento [...] convivendo com a alteridade, aceitando a diferença, o ser humano pode visualizar novas perspectivas de transformação de si mesmos, do outro e do mundo (GONÇALVES, 2007, p. 351).

A teoria crítica de Axel Honneth exalta a estrutura da sociedade com base nos conflitos em que os indivíduos convivem diariamente, fundamentada no aspecto moral e evidencia um elemento importante na atuação da luta por reconhecimento a figura do Outro, em que deve haver uma reciprocidade quanto aos modos do sujeitos se apresentarem em sociedade.

O reconhecimento na teoria de Honneth está em observar as posturas negativas e desrespeitosas que os indivíduos sofrem nas suas atividades habituais, ou por motivos que os deixam indignados. Essas sensações sempre acontecem ao longo da vida, o que dá impulso para conflitos entre os sujeitos, sob a perspectiva de que

Toda reação emocional negativa que vai de par com a experiência de um desrespeito de pretensões de reconhecimento contém novamente em si a possibilidade de que a injustiça infligida ao sujeito se lhe revele em termos cognitivos e se torne o motivo da resistência política. (HONNETH, 2003, p. 224).

Aqui pode levar a conduzir mais uma contribuição da Filosofia, quais sejam na identificação dos valores sociais e defesa dos direitos. As formas de negação e exclusão são destacadas por Honneth como: aqueles que afetam a integridade corporal dos sujeitos, assim, sua autoconfiança básica; a denegação de direitos, que destrói a possibilidade do autorrespeito, da igualdade e a referência negativa ao valor de certos indivíduos e grupos, que afeta a autoestima dos sujeitos, estão sendo exercidas a todo tempo. Cabe à atividade filosófica desconstruir a ideia de anulação do outro (HONNETH, 2009).

Honneth (2003) afirma:

Nas sociedades modernas, as relações de estima social estão sujeitas a uma luta permanente na qual os diversos grupos procuram elevar, como meios da força simbólica e em referência às finalidades gerais, o valor das capacidades associadas à sua forma de vida. (HONNETH, 2003, p. 207).

Segundo a orientação dos Currículos para o ensino da Filosofia, “é a contribuição mais importante da Filosofia: fazer o estudante aceder a uma competência discurso-filosófica” (BRASIL, 2006, p. 30), ou seja, a composição da argumentação e análise crítica da conjuntura atual da sociedade, assim, usar da racionalidade para buscar que os jovens possam identificar um viés que interprete e exerça uma postura positiva socialmente.

Essa visão pode ser percebida nas palavras de Junior (2020, p. 196):

O despertar da curiosidade e a obtenção de uma visão mais ampla sobre a realidade ainda apareceram como possíveis contribuições da Filosofia. A curiosidade que leva a busca incessante do conhecimento, da verdade, mostra-se como importante no processo de filosofar, [...] não podemos esperar que a Filosofia salve o mundo, atribua-lhe algum poder redentor, mas podemos perceber o quanto pode ser importante para a formação dos estudantes.

E ainda complementa:

O ensino de Filosofia tem seu sentido como rumo, na perspectiva de que auxilia o estudante a crescer pessoalmente e a fazer a escolha certa. Se a filosofia é capaz de proporcionar o conhecimento, o querer saber mais, essa abertura de horizontes pode permitir ao estudante ter uma visão mais ampla da realidade, o que poderia permiti-lo, conhecendo mais escolher de forma mais acertada. O pensamento crítico, enquanto sentido da Filosofia na compreensão mais ampla da realidade, configura-se como um pensar livre e rigoroso. É este pensar que pode contribuir para se tomar as decisões mais acertadas na vida, o que nos remete aos sentidos expostos anteriormente. Há uma relação entre o conhecimento, crescimento pessoal, escolha certa e pensamento crítico (JUNIOR, 2020, p. 201).

Diante de formulações e reformulações de conceitos e valores que estão em movimento na sociedade, a compreensão desse emaranhado abre portas para um crescimento pessoal, capaz de construir vias de possibilidades, conforme apresentada na fala de Ghedin (2009, p. 49):

Filosofar, na conjuntura atual, é desmistificar as amarras do mundo que nos impedem de ser autenticamente humanos. Significa recriar a realidade, o mundo, a compreensão da existência a fim de libertar-nos de todas as condições que nos privam de manifestar a verdade do ser.

Com todo argumento trago em relação ao ensino de filosofia, trabalhar com os jovens os sentidos e conceitos que façam parte da existência humana, na descoberta do novo, nas mais diferentes condutas humanas, é multiplicar os sentidos de recriar realidade, respeitando a subjetividade dos indivíduos, para que possam enxergar que são os verdadeiros atores sociais e que dependem de si mesmos e adotar posturas que comprometa a inclusão do outro e o respeito mútuo.

O processo de integração entre os indivíduos depende antes de tudo do ser humano autoconhecer-se na sua subjetividade, sob uma observação do espaço em que faz parte, com relação à intersubjetividade, que permeia a categoria de indivíduo com a sociedade, que, desta forma, dará o sentido de reconhecimento apontada por Honneth, como elemento central na gramática moral dos sentidos.

Como muito bem aponta Werle (2004):

A partir da ideia de reconhecimento pode se desdobrar um conceito de intersubjetividade aonde formas diferentes de sociabilidade vão surgindo no decorrer dos próprios conflitos em torno do reconhecimento, nas quais as pessoas ao mesmo tempo afirmam sua subjetividade autônoma e reconhecem-se na sua pertença comunitária. Ou seja, a relação constitutiva entre identidade pessoal e a práxis cultural e as instituições é entendida não como relação instrumental ou relação de dependência orgânica, substantiva, do indivíduo com a comunidade, mas como relação reflexiva de reconhecimento recíproco. O reconhecimento permite uma reconciliação, sempre passível de revisão, quando for o caso, entre diferença e identidade (WERLE, 2004, p. 52).

Tomar a Filosofia como instrumento para debate sobre as várias formas de identidades,

sem dúvidas, mostra caminhos que contribuem para a formação do sujeito, oferecendo-lhes percepções e razões, que podem contribuir para um futuro melhor e colaborar com a transformação individual e coletiva dos atores sociais. Nisso, a Filosofia e seu ensino carregam uma importante responsabilidade. Conforme Cornelli, Carvalho e Danelon (2010),

[...] a responsabilidade da Filosofia na sociedade e na escola permaneça mesma desde suas origens; contribuir para um processo de construção da autonomia crítica dos cidadãos, ensinando as novas gerações a repensar continuamente o mundo com suas próprias cabeças, a abrir espaços para sair de todas as cavernas, de todos os entraves a apreensão livre e crítica do viver (CORNELLI; CARVALHO; DANELON, 2010, p. 12).

O discurso que este capítulo se propôs em tecer foi o mecanismo de construção ou, melhor dizendo, de possível alinhamento da ideia de reconhecimento com a filosofia, no aspecto de possibilitar aos sujeitos sociais de repensar suas posturas, modos de pensar e agir na sociedade e com os outros participantes. Longe daqui de superestimar a Filosofia como chave de todo e qualquer resolução de conflito, mas essa potencializa o desenvolvimento do homem na tomada de decisões e na capacidade de melhores escolhas as práticas sociais.

Quanto ao terceiro objetivo, a definição de conceitos e metodologias para trabalhar em sala de aula, parte da interação professor e aluno, auxiliando-os para que as questões sobre representações sociais e identidades sejam trabalhadas com cautela, dispondo de observações, questionamentos e análises críticas a respeito do objeto trabalhado nesse projeto.

4 INVESTIGANDO SOBRE RECONHECIMENTO

A discussão sobre as identidades reflete expressivamente o contexto social emergente, pois simboliza as diferenças e a complexidade de formas como os seres humanos se reconhecem e querem se apresentar, abrangendo diferentes contextos como educação, justiça, saúde, política, e tantos outros criando e conceituando novos espaços de reflexão. Doravante, nossa perspectiva será analisar o tema sob a vértice da educação, levando em consideração o olhar dos alunos consigo e com os outros no cenário escolar, instrumento que será observado pelos processos metodológicos adaptados à presente pesquisa.

Assim, reflete Lima, sobre a importância da teoria das representações sociais:

[...] a Teoria das Representações Sociais permite-nos compreender a realidade social, articular as dimensões sociais e culturais com a história, possibilitando uma interpretação dos processos e modos pelos quais os indivíduos e os grupos constroem e analisam o seu mundo e suas vidas. Sendo uma teoria que possibilita a leitura e compreensão do mundo que nos envolve, é salientada a importância de se ter em consideração a relação entre as representações sociais e os processos identitários (LIMA, 2016, p. 55).

Para compor uma estrutura teórica sobre as representações sociais, será analisada a contribuição de Nóvoa (1992), Dubar (2007), Deschamps e Molier (2009), que estudam a temática em questão. O entendimento das formas de compreensão dos atores do cotidiano escolar e sua formação identitária estão pensados à luz de Moscovici (1978) e será considerado através de uma escola pública do interior de Pernambuco.

De acordo com Deschamps e Moliner (2009), a identidade é formada por fatores interiores e exteriores ao sujeito, desenvolvida através das percepções entre as semelhanças e diferenças entre si e dos outros, nos quais o sujeito procura, através destas, sua particularidade tanto pessoal como social, na ideia de pertença ao grupo, e de comparação aos mesmos, partindo de olhares de si mesmos como meio de identificação social, ou seja, o que se evidencia aqui é a singularidade que indicará o reconhecimento de si e do outro.

Dessa forma, assinalam que:

A ideia de uma representação de si-mesmo, entendida como uma estrutura cognitiva flexível, remete a dois fenômenos cuja experiência cada um nós já pôde fazer. O primeiro corresponde ao caráter evolutivo do si-mesmo. Por exemplo, cada um sabe muito bem que não é mais o mesmo na idade adulta que foi quando era criança. O segundo corresponde ao caráter múltiplo do si mesmo. Também nesse caso, todos nós sabemos, mais ou menos, e segundo as circunstâncias, mostrar ou ocultar esta ou aquela faceta de nós mesmos. Assim, a fluidez do si-mesmo deve ser considerada em relação a fatores ligados ao desenvolvimento dos indivíduos e a contextuais (DESCHAMPS; MOLINER, 2009, p. 87).

Fischer (1996) assinala que a noção de identidade está voltada a três bases, quais sejam:

o individual, o social e a sociedade, conferindo a noção ou consciência entre essas bases que resulta ao reconhecimento do sujeito que permeará no aspecto individual e coletivo, sob a compreensão da realidade de mundo, de pertença de grupo associados às regras, crenças, aspirações e valores transformando e moldando opiniões. Como aponta a seguir:

A identidade é, portanto, o produto dos processos interativos implantados entre o indivíduo e o âmbito social e não apenas um elemento das características individuais. A identidade é uma dimensão da relação social que se atualiza em uma auto-representação (FISCHER, 1996, p. 176).

A noção de representação, para Moscovici (1978), é atribuída ao fator psicossocial, cuja construção carrega uma dimensão informal e flexível das organizações e instituições, que é desenvolvida pela comunicação e comportamentos interativos entre os membros sociais, e, desta forma, o indivíduo busca afirmar sua particularidade e diferença num composto multicultural.

Dubar (1995, p. 105) escreve que:

A identidade não é mais do que o resultado, simultaneamente estável e provisório, individual e coletivo, subjetivo e objetivo, biográfico e estrutural, dos diversos processos de socialização que, em conjunto, constroem os indivíduos e definem as instituições,

Desta forma, a representação aqui se estende à qualidade de si e por si, além de carregar atribuições dos outros, seria uma característica de auto definição de quem si é num dado momento.

Diferentemente, para Tap (1980), o sentido de representações decorre das relações conflituosas como os outros que o sujeito consegue ter acesso a diferenças e, ao mesmo tempo, adquire o reconhecimento de si mesmo e dos outros, e isso só conseguirá quando este se apropria da cultura localizando seu lugar na sociedade. Esse autor aponta que:

[...] ter uma identidade é se perceber enquanto pessoa com um conjunto de características relativamente integradas, estáveis e constantes no tempo. Em síntese, a identidade pessoal implica um sentimento de unidade pessoal, de permanência, de ser reconhecido pelo grupo social de valorização de si mesmo (TAP, 1980, p. 60).

Como contribuição ao contexto acima, expõe Lima (2016):

Dessa forma, a identidade pessoal, assim como a identidade social, estabeleceu uma separação, para o indivíduo, no mundo individual das outras pessoas. Ou seja, esta divisão ocorre, primeiramente, entre os que se conhecem e os que não se conhecem. Os que se conhecem são aqueles que tem uma identificação pessoal do indivíduo; eles só precisam vê-lo ou ouvir o seu nome para trazer a cena essa informação. Os que não se conhecem são aqueles para quem o indivíduo é estranho, alguém cuja biografia pessoal não é conhecida. Essas identidades social e pessoal são partes dos interesses e definições de outras pessoas em relação ao indivíduo cuja identidade está em questão.

Em relação a identidade pessoal, esses interesses e definições podem surgir antes mesmo de o indivíduo nascer e continuam depois de sua morte. Por outro lado, a identidade do eu é, sobretudo, uma questão subjetiva e reflexiva que deve necessariamente ser experimentada pelo indivíduo cuja identidade está em jogo. É evidente que o indivíduo constrói a imagem que tem de si próprio a partir do mesmo material do qual as outras pessoas já construíram a sua identificação pessoal e social, embora o indivíduo tenha uma considerável liberdade em relação aquilo que elabora (LIMA, 2016 p. 60).

É inerente ao indivíduo sua atuação e interação no meio em que se encontra, pois contribuem para seu crescimento e eventuais mudanças nos conceitos e comportamentos, e tanto as identidades sociais e pessoais constituem expressões do significados e perspectivas diferentes adquiridas à medida que o sujeito interage e participa ativamente da organização social. Conforme Goffman (1975, p. 36), “a informação a respeito do indivíduo serve para definir a situação, tornando os outros capazes de conhecer antecipadamente o que ele esperará deles e o que dele pode esperar”.

Como pode ser percebido no texto, são vários os autores e suas formas de percepção sobre as identidades e representações sociais, elencando diferentes formas de abordagens de construção da imagem do sujeito como ator social, atribuindo a pertença ao grupo em que se encontra e suas bases culturais como referência de si e do outro. E, em todas essas categorias, os indivíduos procuram de acordo com suas referências culturais, a sua afirmação na construção de sua identidade.

A escola é um espaço que comporta diferentes atores sociais, que interligam o respeito à formação, as esferas do trabalho, e emprego que envolvem as escolhas sociais dos indivíduos. Como declara Nóvoa (1992 p. 42), “a identidade é um espaço de construção da maneira de ser e de estar na profissão”, assim, é factível dizer que o ambiente escolar constitui um processo indenitário reproduzindo a autonomia e a emancipação do sujeito.

A partir desses conceitos que a metodologia utilizada neste trabalho procurou trazer, a partir da intervenção na escola, os conceitos e referências que os alunos tem de si e do outro, bem como suas proposições sobre o processo de identidade social, e sua atuação como ator social.

4.1 PERCURSO METODOLÓGICO

Todos os aspectos da identidade sejam eles individuais ou coletivos, são fatores importantes na participação dos indivíduos na produção, transformação e usos das identidades sociais, bem como os conceitos e indagações que circulam essa esfera, capaz de nortear o desenvolvimento e personalidade do sujeito. Foi pautado neste contexto que este trabalho

procurou entender a percepção dos sujeitos sobre diferentes formas de identificação social.

Dessa forma, considerando a importância desse processo, apresentamos o percurso metodológico no qual se configurou a construção desse conhecimento e que permitiu colocar os participantes em um processo de apreensão significativa da realidade vivenciada, possibilitando transformações, sendo ela mesma uma prática social e tendo o pesquisador ouvinte atento às necessidades e possibilidades desse coletivo.

Essa pesquisa gira em torno de uma abordagem qualitativa, procurando identificar as possibilidades de uma reconstrução, da prática do Ensino de Filosofia, no intento de promover o reconhecimento. Neste contexto, ressalta Minayo (2009, p. 21):

A pesquisa qualitativa preocupa-se, portanto, com aspectos da realidade que não podem ser quantificados, centrando-se na compreensão e explicação da dinâmica das relações sociais [...] A pesquisa qualitativa responde questões muito particulares [...] ou seja, ela trabalha com o universo dos significados, motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes. Esse conjunto de fenômenos humanos é entendido aqui como parte da realidade social, pois o ser humano se distingue não só por agir, mas por pensar sobre o que se faz e por interpretar suas ações dentro e a partir da realidade vivida e partilhada com seus semelhantes.

Compreender as determinações sociais que estão presentes nas vidas dos indivíduos oportuniza observar as experiências vivenciadas no contexto social exercidas pelos atores sociais, e é isso que a abordagem qualitativa exprime: a percepção da realidade, configurando um olhar sobre a complexidade dos conflitos sociais empregados ao longo da história.

A abordagem qualitativa repousa na pesquisa exploratória, como trata Gil (2008 p. 27), quando diz que:

As pesquisas exploratórias têm como principal finalidade desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideias, tendo em vista a formulação de problemas mais precisos ou hipóteses pesquisáveis para estudos posteriores. De todos os tipos de pesquisa, estas são as que apresentam menor rigidez no planejamento. Habitualmente envolvem levantamento bibliográfico e documental, entrevistas não padronizadas e estudos de caso. Procedimentos de amostragem e técnicas quantitativas de coleta de dados não são costumeiramente aplicados nestas pesquisas. Pesquisas exploratórias são desenvolvidas com o objetivo de proporcionar visão geral, de tipo aproximativo, acerca de determinado fato. Este tipo de pesquisa é realizado especialmente quando o tema escolhido é pouco explorado e torna-se difícil sobre ele formular hipóteses precisas e operacionalizáveis. Muitas vezes as pesquisas exploratórias constituem a primeira etapa de uma investigação mais ampla. Quando o tema escolhido é bastante genérico, tornam-se necessários seu esclarecimento e delimitação, o que exige revisão da literatura, discussão com especialistas e outros procedimentos. O produto final deste processo passa a ser um problema mais esclarecido, passível de investigação mediante procedimentos mais sistematizados (GIL, 2008, p. 27).

Para composição desta pesquisa, foi constituído um grupo 15 alunos(as) de uma escola pública do interior de Pernambuco, que envolve o sexo feminino e masculino, e integram entre 1º, 2º e 3º anos do Ensino Médio. Essa amostra foi delimitada consensualmente com o

coordenador da escola, pelas limitações práticas para o desenvolvimento da pesquisa. Foram utilizados instrumentos como questionários – estes averiguando conceitos e abordagens sobre o tema reconhecimento – e músicas, a partir da qual poderia ser elaborado um debate acerca do conteúdo exposto.

4.2 PRIMEIRA PARTE: SONDAÇÃO DO TEMA

A pesquisa foi dividida em três momentos, dos quais se procurou extrair:

1. Sondagem através de um primeiro questionário, em que se buscou preliminarmente saber o que os(as) participantes da pesquisa saberiam responder sobre significado da filosofia, como esta poderia ajudar a entender os problemas sociais, as diferenças sociais, quem são eles(as) como sujeitos no mundo;
2. Discussão e aprofundamento do tema Reconhecimento e Ensino de Filosofia como a composição e um texto, que carregou conceitos e definições sobre os temas abordados. Neste momento, abriu-se um espaço de diálogo, com troca de experiências;
3. Utilização da música de *Gabriel, o Pensador* “Até quando?” como complemento ao socialização do tema abordado. Aqui foi pedido aos(as) alunos(as) para descreverem em uma palavra sobre tudo o que foi argumentado, e, por fim, a resposta ao segundo questionário, com relação aos temas abordados e discutidos;
4. Para melhor categorizar os caminhos da pesquisas com os(as) alunos(as) do ensino médio, foram elaboradas tabelas, com o intuito de descrever todo percurso metodológico, exaltando como e de que forma os temas como ensino de filosofia e Reconhecimento foram analisados e discutidos, numa tentativa de promoção do respeito ao outro e inclusão social;
5. Por se tratar de uma pesquisa exploratória, neste primeiro momento, buscou-se compreender onde seria realizada a pesquisa, utilizando das práticas de educação. Foi escolhido um espaço da biblioteca de uma escola pública do interior de Pernambuco.

Para a realização da pesquisa utilizou-se da sequência abaixo:

Quadro 2 – Sequência Metodológica

Objetivo geral da pesquisa	– Se é possível através do ensino de Filosofia trabalhar o reconhecimento na sala de aula.
Primeiro procedimento - Instrumento de coleta de dados.	– Conversa com o coordenador e professores da escola – Contato com os alunos/participantes da pesquisa.
Data/hora	– 13 de junho de 2022 – às 9h
Registro	– Questionário 1, em folha A4 impressa.
Finalidade	– Saber previamente através de um questionário, a

	percepção sobre a Filosofia e questões do mundo da vida.
Segundo procedimento – instrumento de coleta de dados.	– Contato com os alunos/participantes da pesquisa, para diálogo e sondagem sobre temas. – Espaço escolhido – biblioteca da escola.
Data/hora	– 27 de junho – às 9h
Procedimentos	– Conversa com os participantes da pesquisa sobre temas relevantes da pesquisa: filosofia, reconhecimento, e diferenças sociais. – Observações do dialogo trago pelos participantes, bem como, pontos levantados pelo mesmos.utilização da música, como complemento aos temas trabalhados. – Resposta ao questionário 2- como forma de identificação do que foi realizado no ambiente de pesquisa.
Registro	– Foram observados e escrito pela pesquisadora, para posterior análise.
Finalidade	– Apresentar o tema da pesquisa – Trabalhar a figura do reconhecimento – Fomentar o respeito a diversidade – Saber dos participantes seus anseios, e forma de pensamento sobre o mundo da vida.

Fonte: A autora (2022).

O modelo dos questionários utilizados, encontram-se em anexo (ANEXO A; ANEXO B), bem como as respostas dos participantes compondo a realização prática da pesquisa. Dessa forma, será integrado à presente dissertação os dois modelos de questionários. O número de composição pode não corresponder aos(às) 15 participantes, pois alguns(as) deles(as) descreveram seu nome, e, respeitando a identificação dos(as) mesmos(as), optamos por não inseri-las.

Quanto às palavras citadas conforme a música utilizada, estas também serão mantidas apenas sob consulta da presente pesquisadora, por conter o nome dos participantes.

4.2.1 Sujeitos da Pesquisa

Nessa etapa inicial, observou-se quem seriam os sujeitos que interessavam a pesquisa. Desta forma, buscou-se saber através de um questionário que comportava perguntas de 1 a 6. Evidenciando perguntas sociológicas que estariam escalas de 1 a 5, e quanto ao quesito 6, perguntas abertas que tratam sobre a filosofia frente à concepção de seu significado para entender os problemas sociais, diferenças sociais, diferenças na escola e como o sujeito se enxerga no mundo.

Tabela 1 – Correspondente aos gêneros dos sujeitos²⁰.

Gênero/ano do ensino médio	1º ANO	2º ANO	3º ANO	TOTAL
Feminino	03	04	04	11
Masculino	02	01	01	04

Fonte: A autora (2022).

Quanto ao números de participantes na pesquisa, foram no total de grupo de 15 pessoas sendo elas, alunos e alunas, dos quais 11 são do gênero feminino e 04 do gênero masculino. Sendo todos integrantes do Ensino Médio, correspondendo a: i) 05 alunos(as) do 1º ano (03 do sexo feminino e 02 do sexo masculino); ii) 05 alunos(as) do 2º ano (04 do sexo feminino e 01 do sexo masculino); e iii) 05 alunos(as) do 3º ano (04 do sexo feminino e 01 do sexo masculino). A forma de descrição de gêneros vincula-se ao que foi perguntado e respondido pelos(as) alunos(as) no momento da pesquisa.

Foi perguntado como quesito 1 quantas pessoas moram com o(a) aluno(a), com as alternativas de: *a) morar sozinho, b) entre uma a três pessoas, c) entre quatro a sete, d) entre oito a dez, e, e) mais de dez pessoas*. Nessa composição, 06 alunos(as) declararam morar com até três (03) pessoas, e 08 alunos(as) entre quatro (04) a sete (07) pessoas, como descrito na Tabela abaixo.

Tabela 2 – Quantas pessoas residem com o(a) aluno(a)

Residem	Declaração dos(as) alunos(as).
a) Mora sozinho	X
b) Uma a três pessoas	06 alunos(as)
c) Quatro a sete pessoas	08 alunos (as)
d) Oito a dez pessoas	X
e) Mais de dez pessoas	X

Fonte: A autora (2022).

As categorias aqui analisadas foram da alternativa *b* e *c*, quando respondidas pelos(as) alunos(as), levando em consideração a presença de parentes que podem ser classificados como filhos(as), irmãos(as), cônjuge, genitores(as), *etc*. Quanto às alternativas *a*, *d*, e *e*, estas

²⁰ A forma como estão descritos os gêneros na Tabela representa a expressão trazida pelos sujeitos no momento da pesquisa.

não foram assinaladas. A letra x remete às categorias que não foram marcadas.

Quanto ao quesito 2, busco-se saber se a casa onde os(as) participantes da pesquisa moram é: a) própria, b) alugada, ou c) cedida. Desta forma, foi identificado que:

Tabela 3 – Situação da casa onde mora

Moradia	Declaração dos(as) alunos(as)
a) Própria	14 aluno(as)
b) Alugada	01 aluno(a)
c) Cedida	x

Fonte: A autora (2022).

Dessa forma, 14 alunos(as) responderam que têm moradia própria, enquanto 01 pessoa mora de forma alugada e ninguém respondeu quanto à moradia cedida. A letra x remete à categoria que não foi marcada.

No quesito 3, trata-se da localização da casa, tendo como referências: a) zona rural, b) zona urbana, c) comunidade indígena, d) comunidade quilombola. Diante deste, a Tabela abaixo apresenta:

Tabela 4 – Localização da casa.

Localização	Declaração dos(as) alunos(as)
a) Zona rural	02 alunos(as)
b) Zona urbana	13 alunos(as)
c) Comunidade indígena	x
d) Comunidade quilombola	x

Fonte: A autora (2022).

Dos 15 alunos(as) que responderam ao questionamento, 02 deles(as) residem na zona rural, enquanto 13 alunos(as) residem na zona urbana. Nenhuma resposta foi identificada em relação às comunidades indígenas e quilombolas. A letra x remete às categorias que não foram marcadas.

No quesito 4, pede-se para que seja assinalada a faixa de renda na qual os sujeitos se enquadram, tendo como referências as seguintes alternativas: a) nenhuma renda, b) até 1 salário mínimo (R\$ 1.045,00), c) de 1 a 3 salários mínimos, d) de 3 a 6 salários mínimos, e) de 6 a 9 salários mínimos, f) de 9 a 12 salários mínimos. Como descrito abaixo:

Tabela 5 – Renda Familiar

Renda familiar	Declaração dos(as) alunos(as)
a) Nenhuma renda	x
b) Até 1 salário mínimo	10 alunos(as)
c) De 1 a 3 salários mínimos	02 alunos(as)
d) De 3 a 6 salários mínimos	x
e) De 6 a 9 salários mínimos	x
f) De 9 a 12 salários mínimos	x

Fonte: A autora (2022).

Como relatado, 12 alunos(as) assinalaram renda de 1 a 3 salários mínimos, dos quais 10 deles(as) têm renda familiar até 1 salário mínimo e 02, renda de até 3 salários mínimos. Quanto aos(às) outros(as) 03 alunos(as), estes(as) não souberam especificar. A letra x remete às categorias que não foram marcadas.

Até agora, foram descritas as características socioeconômicas ligadas aos sujeitos participantes da pesquisa como forma de entender melhor quem são eles, sua localização, gênero, composição escolar, entre outros. Saber um pouco mais sobre esses(as) participantes constitui modos próprio do objeto estudado, pois o sujeito é um ser concreto e sofre também as condições existenciais, sociais, educacionais nas quais estão envolvidos.

Detalhada e apresentada a primeira parte do questionário 1, partimos agora para conhecer a segunda parte, que corresponde aos conhecimentos sobre a filosofia e suas questões sobre os problemas sociais, entendimento de si, diferenças na escola e sociedade. Lembrando que, nesta parte, buscou-se um prévio conhecimento dos sujeitos participantes da pesquisa, com o propósito de conhecer sobre o que pensam desses assuntos, como fonte de organização de discussão e aporte para fase seguinte.

As perguntas foram pensadas em favor da contribuição filosófica na vida do sujeito, e como a mesma pode contribuir para analisar e entender o universo físico em que os seres humanos são os principais protagonistas das mudanças e conflitos sociais. Assim, o uso dos questionários, segundo Gil (1999, p. 128), pode ser definido “como a técnica de investigação composta por um número mais ou menos elevado de questões apresentadas por escrito às pessoas, tendo por objetivo o conhecimento de opiniões, crenças, sentimentos, interesses, expectativas, situações vivenciadas etc.”

Desta forma, o quesito 6 é composto de 06 alternativas, para serem respondidas de forma escrita, compondo as seguintes perguntas:

- a) Pelo seu entendimento qual o significado da Filosofia?
- b) Como a filosofia pode ajudar a entender os problemas sociais?
- c) Como a filosofia pode ajudar a entender quem nós somos?
- d) Como a filosofia pode ajudar a entender as diferenças sociais?
- e) Como me enxergo como sujeito no mundo?
- f) Como você enxerga as diferenças sociais na sua escola?

Cada pergunta foi observada e será descrita abaixo com o entendimento amplo do que mais foi dito pelos(as) participantes, alinhando o pensamento em torno de como o ensino de filosofia, categorizando as respostas a palavras que mais se destacaram. Dessa forma, algumas respostas serão expostas diante de cada pergunta, caracterizadas como alternativas.

Quanto à **alternativa A**: 13 alunos(as) responderam que entendiam a filosofia como processo de entendimento da vida, compreensão de mundo, que, dentre estas palavras, as mais citada foram; questionamentos, compreensão de mundo, sentidos da vida. Enquanto 02 alunos(as) descreveram que não souberam explicar. Nota-se que os(as) participantes associam o significado da Filosofia às questões que cercam o mundo da vida, e que, através dela, possa compreender a realidade onde se encontram e se defrontam.

Nesse ponto foram escolhidas as seguintes respostas:

- *“A filosofia consiste no questionar-se. Para mim é a busca constante das respostas para sanar meus questionamentos. Buscar as raízes de quem sou e compreender o mundo ao meu redor”.*
- *“Busca fazer com que a gente entenda sobre nosso interior”.*
- *“Buscar respostas e entendimento para questões inacabadas”.*

Quanto à **alternativa B**: 14 alunos(as) comungam de suas respostas trazendo observações de experiências e acontecimentos do dia a dia, enquanto que 01 aluno(a) respondeu que não ajuda em nada. Aqui, é notável que a maioria dos(as) participantes aponta que a filosofia ajuda a entender os problemas sociais, através da observação e questionamento. Como demonstradas nas seguintes respostas:

- *“O ato de questionamento gera anseios pelas respostas, dessa maneira vem as ideias para tentar sanar as dúvidas e com essas, as especulações para entender a raiz dos problemas”.*
- *“Expondo eles da melhor forma, para a sociedade. Para que nós seres humanos fiquemos por dentro de todo ocorrido contemporaneamente na nossa sociedade”.*

- *“Compreendendo o outro, quando olhamos para nós, pensamos e sentimos pelo outro se colocando no lugar dele”.*

Quanto à **alternativa C**: esta procurou associar a Filosofia ao entendimento de quem nós somos, pergunta da qual gerou um interrogação no momento em que ele estavam respondendo, pela indagação de *Quem sou eu?* Diante disto, 11 alunos(as) responderam em torno de buscar reflexões do seu interior, buscar conhecer a si mesmo e tentar descobrir o que querem da vida, enquanto que 03 alunos(as) não souberam explicar.

Nesse ponto, a intenção do questionamento de entender, através da filosofia, o encontro consigo mesmo foi de como eles podem se ver como pessoa e como se reconhecem como sujeitos participantes na sociedade. Encontramos as seguintes respostas:

- *“Buscando o compreender e a essência de nós mesmos”.*
- *“Nos faz refletir e buscar resposta em nosso interior”.*
- *“Ela pode nos ajudar a descobrir quem somos e o que queremos ser”.*

Quanto à **alternativa D**: como entendimento de compreensão filosófica para entender as diferenças sociais, 03 deles(as) não souberam explicar, enquanto 12 alunos(as) responderam a partir dessas palavras: orientando-os(as) através das diferenças e semelhanças, problemas sociais, respeito e diferenças, falhas sociais, contenção de preconceito. Observando as palavras citadas por eles(as), demonstra-se como a filosofia abrange o olhar para tratar de várias questões, sobretudo, na abordagem de meios de solucionar conflitos sociais. Como expostas abaixo:

- *“A filosofia é a visão crítica e sincera, o ato de buscar mais conhecimento. Com isso, conseguimos impor diferenças e semelhanças”.*
- *“A filosofia acrescenta no nosso raciocínio, tenta mostrar como a nossa sociedade é falha e nós somos consequências disso”.*
- *“A busca pelo ser leva-nos a entender quem somos e tentar entender o que o outro é desta maneira podemos compreender as diferenças e sobretudo respeitá-las.”*

Na **alternativa E**, foi perguntado como o sujeito se enxerga no mundo. Nesta, houve várias colocações, sobre o entendimento de si próprio, exprimindo suas formas de interpretações sobre a realidade em que se encontram, conforme as respostas abaixo:

- *01 participante responde: forma insignificante, não faz diferença.*
- *02 participantes enxergam como sujeitos perdidos.*
- *05 participantes não souberam opinar.*
- *07 participantes descreveram as seguintes palavras: defeitos e qualidades, ser excêntrico, com propósitos e metas, sujeito livre, pensar antes de agir, pensar nas atitudes,*

pensa racionalmente, educada e respeitosa, engraçada.

Desse modo, como descrito, os(as) participantes expressaram o sentido de si no mundo. Fica claro, diante do exposto, uma dicotomia que existe ao falar de si mesmo. Os(As) participantes tentaram abordar questões de sua individualidade que, por um motivo ou outro, talvez por insegurança, vergonha ou até por um problema emocional, poderíamos dizer, uma questão existencial, não apontaram como se veem no mundo. Já outros relataram a ideia de uma meta, de uma ação, até de uma liberdade.

E, por fim, na **alternativa F**, foi pedido para escrever como o(a) participante enxerga as diferenças sociais na sua escola, 08 deles(as) não souberam explicar e 07 participantes demonstraram que reconhecem as diferenças na escola, dentre elas apontam diferenças sociais, nos quesitos econômico, sexual e religioso, mas relatam de forma breve e suscita. Analisadas todas as respostas dos(as) participantes, dentro dos limites apresentados, em que existem algumas respostas, ou algumas vezes os(as) mesmos(as) não conseguiram responder sobre o assunto requerido, é notável o papel da filosofia exerce nesse grupo pesquisado um importante aliado nos questionamentos frente às transformações sociais. Os olhares que esses(as) participantes puseram sobre diferenças sociais, na escola e em si mesmo, demonstram que conseguem identificar e interpretar a realidade, abarcado pela criticidade.

4.3 DISCUSSÃO E APROFUNDAMENTO

Essa parte da pesquisa correspondeu ao diálogo que se procurou extrair dos(as) participantes em relação às diferentes formas de pensamento sobre o reconhecimento e o ensino de filosofia. Nesse momento, as carteiras se localizaram em meia lua, em que todos(as) os(as) participantes pudessem estar incluídos(as). Os instrumentos utilizados foram: caneta esferográfica, papel, texto sobre o conceito de reconhecimento em Axel Honneth, uso do celular para passagem da música.

Foram trabalhados os seguintes conceitos:

- Filosofia e seu sentido filosófico, referente ao conjunto de reflexões que buscamos entender a realidade;
- Reconhecimento, sob a perspectiva de Axel Honneth.
- Identidade, conjuntos de atributos da pessoa.
- Diferenças sociais, variáveis de uma mesma espécie.

A música utilizada como complemento da discussão foi “Até quando?”, de *Gabriel*, o

*Pensador*²¹. Apesar de ser um texto razoavelmente longo, quisemos transcrever abaixo para possibilitar uma diálogo e discussão melhor fundamentado. A intenção de levar a música para contribuição do aporte teórico é que sua letra provoca uma reflexão no sujeito, capaz de aguçar sua capacidade crítica em analisar as causas humanas e sociais que permeiam a sociedade, mencionando temas como impunidade, violência, inflação, carga tributária, precariedade do sistema de saúde e educação, escândalos de corrupção e até a crise hídrica. Dessa forma, expõe:

ATÉ QUANDO?

Canção de Gabriel o Pensador

Não adianta olhar pro céu com muita fé e pouca luta
Levanta aí que você tem muito protesto pra fazer e muita greve
Você pode e você deve, pode crer

Não adianta olhar pro chão, virar a cara pra não ver
Se liga aí que te botaram numa cruz e só porque Jesus sofreu
Num quer dizer que você tenha que sofrer

Até quando você vai ficar usando rédea
Rindo da própria tragédia?
Até quando você vai ficar usando rédea
Pobre, rico ou classe média?
Até quando você vai levar cascudo mudo?
Muda, muda essa postura
Até quando você vai ficando mudo?
Muda que o medo é um modo de fazer censura
Até quando você vai levando porrada,
porrada? Até quando vai ficar sem fazer nada?
Até quando você vai levando porrada, porrada?
Até quando você vai ser saco de pancada?(2x)

Você tenta ser feliz, não vê que é deprimente
Seu filho sem escola, seu velho tá sem dente
Você tenta ser contente, não vê que é revoltante
Você tá sem emprego e sua filha tá gestante
'Cê se faz de surdo, não vê que é absurdo
Você que é inocente foi preso em flagrante
É tudo flagrante
É tudo flagrante

Até quando você vai levando porrada, porrada?
Até quando vai ficar sem fazer nada?
Até quando você vai levando porrada, porrada?
Até quando você vai ser saco de pancada?(2x)

A polícia matou um estudante
Falou que era bandido, chamou de traficante
A justiça prendeu o pé-rapado
Soltou o deputado e absolveu os PM's de Vigário

Até quando você vai levando porrada, porrada?
Até quando vai ficar sem fazer nada?
Até quando você vai levando porrada, porrada?
Até quando você vai ser saco de pancada? (2x)

A polícia só existe pra manter você na lei
Lei do silêncio, lei do mais fraco:
Ou aceita ser um saco de pancada ou vai pro saco
A programação existe pra manter você na frente
Na frente da TV, que é pra te entreter
Que pra você não ver que programado é você
Acordo num tenho trabalho, procuro trabalho, quero trabalhar
O cara me pede

²¹ GABRIEL, o Pensador. Até quando? Álbum: Seja Você Mesmo (mas não Seja sempre o Mesmo). Gravadora: Sony music: 2001. Duração: 4:23

diploma, num tenho diploma, num pude estudar
 E querem q'eu seja educado, q'eu ande arrumado q'eu saiba falar Aquilo que o mundo
 me pede não é mundo que me dá
 Consigo emprego, começo o emprego, me mato de tanto ralar Acordo bem cedo, não
 tenho sossego nem tempo pra raciocinar Não peço arrego mas na hora que chego só
 fico no mesmo lugar Brinquedo que o filho me pede num tenho dinheiro pra dar
 Escola, esmola
 Favela, cadeia Sem terra, enterra
 Sem renda, se renda. Não, não!

Até quando você vai levando porrada, porrada? Até quando vai ficar sem fazer nada?
 Até quando você vai levando porrada, porrada? Até quando você vai ser saco de
 pancada?(2x)

Muda que quando a gente muda o mundo muda com a gente A gente muda o mundo
 na mudança da mente
 E quando a mente muda a gente anda pra frente
 E quando a gente manda ninguém manda na gente
 Na mudança de atitude não há mal que não se mude nem doença sem cura
 Na mudança de postura a gente fica mais seguro Na mudança do presente a gente
 molda o futuro

Até quando você vai levando porrada? Até quando vai ficar sem fazer nada?
 Até quando você vai ficar de saco de pancada? Até quando você vai levando?

A partir dos conceitos e músicas trabalhados com os(as) aluno(as) participantes, foi pedido que eles destacassem uma palavra que descrevesse naquele momento seu pensamento, em relação a todo contexto vivenciado, será descrito abaixo a maneira de como cada um se expressou:

Quadro 3 – Dizeres dos participantes

Participante A – MEDO : “Porque se todos agissem na base do respeito não existiriam desigualdades, racismo entre outros, se ninguém se escondesse na escuridão e não se calasse diante de quem tem mais poder, hoje eu acho que as coisas poderiam ser diferente do que vemos”.
Participantes B e C – MUDAR PENSAMENTO : “Precisamos mudar nossos pensamentos e ações, pois a sociedade é toda sobre nós, e tudo se inicia no nosso interior. Se nos calarmos tudo se repete, nossa voz é nossa maior arma, para buscar justiça e racionalidade.
Participantes D, E e F – REVOLTA : “Pois, por mais que seja algo errado e ruim, da sociedade, é uma situação que acontece muito, todos os dias e com todas as pessoas por falta de respeito e da aceitação”.
Participante G – REFLEXÃO : “É preciso pensar além do que vemos, aplicar o pensamento sociológico, passar a olhar os fatos sob outros ângulos”.
Participante H – MUDANÇA : “Só vai acontecer quando começarmos o questionamento, e busca pelas respostas tentando maneiras de solucionar os problemas, é preciso entender que não é a sociedade que deve nos moldar, mas, nos devemos construir quem somos ganhando nosso espaço na sociedade”.
Participante I – DETERMINAÇÃO : “Porque se a gente não fazer nada, nada vai mudar, precisamos agir, cada ação tem uma reação”.

Participante J – PRECONCEITO : “Temos que ter respeito independentemente da pessoa e de como ela se identifica”.
Participantes K, L, M, N e O – DESIGUALDADE SOCIAL : “Tanto na música como na vida real há muita desigualdade social, falta de respeito em todos os sentidos”. “O padrão de beleza somos nós quem fazemos”. “Se alguém não gosta do estilo do próximo, jeito e maneira de ser, totalmente deve-serespeitar”. “Devemos e temos o poder de falar, pessoas que se calam, tem medo de dizer, acho que se sentem excluídas”. “Um sistema perfeito, esperam grandes expectativas nossas, grandes avanços e coisas maiores. Esperam que tenhamos em mão o pão, enquanto nem ganhamos a terra para cultivar o trigo. A falta de igualdade é mortal, indiferente e fria. Lute ou aceite ser fraco”.

Fonte: A autora (2022).

Como pode ser visto no Quadro 3, várias foram as palavras destacadas pelos(as) participantes sobre a discussão entre reconhecimento e filosofia, as quais estão uma vinculada a outra. A forma de expressão dos(as) participantes/alunos(as) parte da compreensão da metodologia aplicada no momento da pesquisa e sua relação com o mundo à sua volta.

Nesse momento, foi sugerido que os(as) discentes escrevessem numa folha de papel a palavra que naquele momento pudesse vir a mente como forma de pensamento sobre o que foi discutido e observado. Nesta, as palavras em destaque foram: “Medo”, “Mudar pensamento”, “Revolta”, “Reflexão”, “Mudança”, “Determinação”, “Preconceito”, “Desigualdade social”. No quadro 2, em que aparece mais de um(a) participante, é que culminaram na mesma palavra. Dessa forma, quanto à análise das mesmas, foram separadas por categorias de identificação. Chamamos categorias marcadas que organizam nossos achados diante das discussões realizadas. Procuramos manter-nos fidedignos sem operar nenhuma intervenção que pudesse dar horizonte ao destino das falas. Assim, tudo o que foi até o momento citado refere-se *ipsis litteris* às falas dos participantes.

Quadro 4 – Categorias de Identificação

CATEGORIA	NOMENCLATURA	OS SENTIDOS
I	MEDO E REVOLTA	Nota-se a partir das palavras apresentadas um misto de sentimentos, em que pese das provocações apresentadas do texto, pela música e pelos acontecimentos sociais, pois exprime muitas vezes o recuo dos indivíduos a uma postura que deveria ser de enfrentamento em busca de respeito. As respostas deles mostram exatamente esse incômodo, pela

		negação do respeito ao outro e a aceitação na sociedade.
II	PRECONCEITO E DESIGUALDADE SOCIAL	Percebe-se o olhar dos participantes a um interpretação social, que, nas suas palavras, exprimem focos diferentes, mas que estão interligadas revelando pontos fortes socialmente, como: padrão de beleza, pensamentos, diferentes identidades, e ou condições sociais dos sujeitos na sociedade.
III	MUDAR PENSAMENTO, REFLEXÃO, MUDANÇA e DETERMINAÇÃO	Todas essas provocam a ação do sujeito em tomar atitudes diante sob toda forma de discriminação e preconceito à sua volta, moldando o pensamento ao convívio social de inclusão, igualdade, justiça e respeito.

Fonte: A autora (2022).

Tanto nas categorias 1, 2 e 3, embora classificadas em olhares diferentes, aparecem a palavra “**RESPEITO**”, valor humano que é fundamental à vida em sociedade e visto como intermédio para mudança social. E é visto que, em vários pontos, e por diferentes perspectivas, que os participantes exprimem essa palavra como forma de buscar equilíbrio social, e uma convivência harmônica.

Diante do que foi visto nessa parte da pesquisa, sob a avaliação das posturas dos(as) participantes, suas expressões e apontamentos, através de suas respostas pode-se perceber que tanto o texto e conceitos, como a música acarretaram novas possibilidades de percepção e compreensão em relação à temática abordada, assim como olhares para as condutas sociais e seu reflexo em sociedade.

4.4 QUESTIONÁRIO FINAL

Como último passo da realização da pesquisa, foi aplicado um questionário conforme se apresenta abaixo. Este comporta questões que foram realizadas na aplicação da pesquisa, como referência e relação do ensino de Filosofia e esfera do reconhecimento. Está dividido em 05 etapas, para melhor esboçar o pensamento dos(as) participantes quanto ao contexto da pesquisa aplicado.

Etapa 1

Tabela 6 - Sobre a opinião dos participantes quanto aos referentes assuntos.

Perguntas	Nível de concordância				
*1 significa que discorda fortemente, e 5 que concorda fortemente.	1	2	3	4	5
1. É na juventude que se pode esperar o máximo de satisfações na vida.	3	1	5		2
2. Ao pensar na discriminação social, vejo que isso me afeta.	x	1	4	1	5
3. Você acredita que a escola pode ajudar a formar cidadãos?	x	x	2	5	8
4. Você acredita que a escola pode ajudar a formar consciência sobre o respeito?	x	x	4	6	5
5. A escola permite me enxergar como ser humano que possuem direitos?	1	1	5	5	3
6. Você enxerga na filosofia meios de compreender melhor a vida?	x	x	3	4	8
7. O ensino de Filosofia ajuda a compreender as diferenças?	x	x	1	3	11
8. Você se sente acolhido na sua cidade?	1	4	4	4	2
9. Você se sente acolhido na sua comunidade escolar?	1	3	2	5	4
10. Você acha válido discutir sobre o respeito, reconhecimento, e diferenças na escola?	x	x	x	4	11

Fonte: A autora (2022).

Antes de detalhar cada item da tabela acima, é importante relatar que os lugares em que contém o x significa dizer que nenhum(a) dos(as) alunos(as)/participantes respondeu ao item de numeração.

Ao serem questionados(as) sobre o item 1 – Se é na juventude que se espera o máximo de satisfação na vida – 03 participantes discordam fortemente, 01 participante discorda, 05 não souberam dizer, 04 participante concordam e 02 participantes concordam fortemente. A intenção de lançar a pergunta é saber os anseios que permeiam esse grupo jovem, em que as expectativas de futuro começam a aflorar e que também marca uma etapa de muitos desafios a partir das escolhas de sua vida.

No item 2, pediu-se para eles responderem em relação às discriminações sociais os afetam. Dessa forma, responderam: 01 participante discorda; 04 participantes não souberam dizer; 01 participante concorda; e 05 participantes concordam fortemente. Aqui, demonstra-se que a conduta de discriminação social afeta e está presente em seu cotidiano, dando tratamento diferenciado aos indivíduos, inferiorizando-os.

No item 3, considera-se a escola como formadora de cidadãos(ãs). Neste ponto, 02 participantes não souberam dizer, 05 participantes concordam e 08 concordam fortemente. Demonstra que esses(as) aluno(as) observam que a escola contribui para o desenvolvimento e

inserção dos círculos sociais, bem como contribuem para preparação para vida.

No item 4, perguntou-se se os participantes acreditavam que a escola pode ajudar a formar consciência sobre o respeito. Assim, 04 participantes não souberam dizer, 06 participantes concordam e 05 participantes concordam fortemente. A maioria deles(as) concorda que a promoção do respeito ser atitude alinhada com o comprometimento da escola.

No item 5, presou-se em saber se a escola permite o aluno se enxergar como ser humano que possui direitos e revelou o seguinte: 01 participante discorda fortemente; 01 participante discorda; 05 participantes não souberam dizer; 05 participantes concordam; e 03 participantes concordam fortemente. Nesse item, há uma divisão quanto à percepção do que é um ser de direitos e como a escola pode ajudar na compreensão de formas sociais que expressem como os direitos fazem parte de uma construção social, na qual todos os seres humanos partícipes de uma sociedade possuem, mas precisam conhecê-la e reconhecê-la.

No item 6, pediu-se para os(as) participantes verem como a filosofia pode enxergar meios de compreender melhor a vida. Suas respostas foram: 03 participantes não souberam dizer; 04 participantes concordam; e 08 participantes concordam fortemente. Aqui, fica demonstrado que 12 participantes entendem que a filosofia pode auxiliar na compreensão de mundo da vida, ajudando a deliberar escolhas, e entendendo o papel do sujeito em sociedade.

No item 7, a pergunta era pautada em como a filosofia pode ajudar a compreender as diferenças. Nas respostas, 01 participante não soube dizer, 03 participantes concordam e 11 participantes concordam fortemente. Este item pode levar em consideração o item anterior (item 6), afirmando o papel da filosofia como compreensão dos acontecimentos sociais.

No item 8, a intenção era saber sobre o acolhimento na cidade. Assim: 01 participante discorda fortemente, 04 participantes discordam, 04 participantes não souberam dizer, 04 participantes concordam e 02 participantes concordam fortemente. É visto que a temática da aceitação é um termo de extrema importância quando se refere à forma em que um indivíduo está envolto no seu contexto social. A não identificação com um contexto citadino se caracteriza como um local para surgimento de apatias sociais, que podem macular a relação entre indivíduo e a sociedade.

No item 9, quis-se saber se o(a) participante aluno(a) se sente acolhido(a) na comunidade escolar. A leitura dos dados aponta que: 01 participante discorda fortemente; 03 participantes discordam; 02 participantes não souberam dizer; 05 participantes concordam; e 04 participantes concordam fortemente. A maioria deles se sente acolhido pelo ambiente escolar, enquanto 04 participantes não se sentem acolhidos.

E, por fim, no item 10, saber se é válido discutir sobre o respeito, reconhecimento e

diferenças na escola. Sobre este item: 04 participantes concordam; e 11 concordam fortemente. Isso mostra a necessidade de discussão sobre assuntos que permeiam a sociedade, em que, muitas vezes, esses(as) alunos(as)/participantes presenciam ou sofrem algum tipo de discriminação e desrespeito.

A intenção quanto a essa primeira etapa foi absorver dos(as) participantes sua opinião decorrente ao que tinha sido discutido, e o que eles pensam sobre consciência, respeito, e acolhimento, levando em consideração o lugar que pertence, sob a ótica de conhecer o espaço em que esses indivíduos estão inseridos e como os mesmos observam sua inclusão nele.

ETAPA 2

Partimos agora ainda no questionário 2, a segunda etapa, procurando entender sobre o convívio social desses(as) participantes e sua opinião quanto a esse convívio com as pessoas, o que teve as seguintes demonstrações:

Tabela 7 – Convívio social na escola

Convívio com muitas pessoas	Convívio com poucas pessoas	Prefiro ficar sozinho
06 participantes	08 participantes	01 participante

Fonte: A autora (2022).

Essa parte da pesquisa consistiu em saber sobre o convívio social dos(as) participantes, como eles se localizam na comunidade escolar. Dessa forma, 06 participantes convivem com muitas pessoas, demonstrando uma maior interação desses participante no ambiente escolar, enquanto 08 participantes dizem conviver com poucas pessoas. Trago umas falas neste item: *“convivo com poucas pessoas que me dou bem”, “sou uma pessoa mais reservada diante da sociedade”, “não tem como ser amigo de todas as pessoas”*.

Através das justificativas apresentada pelos(as) participantes, percebe-se que a forma de interação social é mais restrita, seja por formas de pensamento, timidez, ou até identificação de grupo. Apenas 01 participante diz preferir ficar sozinho, em suas palavras: *“não me sinto bem enturmado com muitas pessoas, mesmo tendo meu círculo íntimo”*. Demonstra sua preferência em ficar só, que pode estar relacionada à confiança ou segurança com os demais indivíduos.

ETAPA 3

Na sequência, tem-se a etapa 3, que corresponde à terceira questão do questionário 2,

em que foi pedido para descrever três (03) palavras que viessem à mente quando os participantes pensam sobre reconhecimento. Essas palavras estão apresentadas na tabela abaixo, de acordo com a intensidade em que foram citadas.

Tabela 8 – Palavras como representação do Reconhecimento

Palavras escritas pelos participantes	Quantidades de vezes que a palavra aparece
Respeito	05
Justiça	03
Diálogo	03
Interações	03
Desigualdades	02
Alto confiança	02
Mente aberta	02
Comunicação	02
Competência	02
Sabedoria	02
Ação	01
Pontualidade	01
Amor	01
Credibilidade	01
Espaço	01
Observação	01
Acolhimento	01
Modo de viver	01
Conhecimento	01
Convivência	01
Expressões	01
Valorizações	01
Escolhas	01
Felicidade	01
Julgamento	01
Afirmação	01

Identidade	01
Harmonia	01

Fonte: A autora (2022).

De acordo com a tabela acima, podem ser identificadas várias formas de estabelecimento intersubjetivo com as quais os(as) participantes membros(as) da referida comunidade fala trouxeram ao transpor a realidade debatida em relação à temática do reconhecimento como forma de expressão mental ou de pensamento. Diante disso, é perceptível que a palavra/termo que mais foi citada se refere à temática do “Respeito”.

Tal temática expõe que umas das principais formas de identificar o reconhecimento social está interligada com a prática ou o princípio ético que nos diz que a melhor forma de convivência seria estabelecer um elo entre o “EU” e o “OUTRO”.

Outro dado citado foi em relação à Justiça. Tal expressão/conceito pode reverberar diversas formas de tensão social, sejam elas políticas, econômicas, educacionais, religiosas, *etc.* Podemos balizar um debate no tocante às concepções ética e morais que podem exprimir vontades, desejos, frustrações e até decepções. Mas, o que não se pode negar quando se traz em mente a palavra ou termo JUSTIÇA é a luta ou a busca por uma igualdade de direitos e deveres.

Não menos importante surgem formas de exprimir vontades e desejos por meio da habilidade ou capacidade humana de fala, o homem como um ser comunicação. A grande questão que envolve o viés comunicativo é a linha tênue entre transmitir uma mensagem e construir laços, data venia, as expressões “DIÁLOGO” e “INTERAÇÃO” podem expressar, no mínimo, a vontade de ser ouvido, ou seja, porque não dizer reconhecido. Ora, só se pode ser reconhecido através de outrem; este é o elo que se intenta constituir formas de convivência social.

Por fim, elencamos algumas temáticas que foram debatidas com os participantes, não menos importantes e que também foram citadas mais de uma vez por eles como: “desigualdade”, “mente aberta”, “sabedoria”. Em uma breve análise, podemos afirmar que os indivíduos se identificam considerando o contexto social de onde veem formas ou práticas que representam desigualdades sociais em diversas facetas e campos constitutivos da sociedade, sejam intrafamiliar ou extrafamiliar.

É fato que os anseios por mudança ou, como dizia Heráclito de Éfeso, filósofo grego, o devir social pode representar mudanças de perspectivas intersubjetivas constituídas como fatores de vontade e de capacidade de conseguir superar desafios e problemas de ordem social.

ETAPA 4

Dando seguimento, chega-se à etapa 4, em que foi perguntado “Quem sou eu e quem é o outro na sociedade?”. Neste momento, os(as) participantes escreveram o que pensam sobre si e sobre o outro, tendo resposta de 08 participantes, enquanto 07 participante não responderam ou não souberam dizer. Dessa forma, serão expostas as respostas dos(as) 08 participantes, que serão analisadas.

Tabela 9 – Percepções de Si e do Outro

Dizeres dos Participantes
“Acho que não há como definir o ser humano. Biologicamente, sim. A área psicológica talvez até tente. Mas somos diferentes e estamos em constante mudanças. Eu sou eu, o outro é o outro, dependendo do ponto de vista, mas isso não significa que sou maior ou menor que o outro”.
“Eu sou o outro como outra pessoa me ver na sociedade”.
“Na minha visão eu sou diferente do que as pessoas me veem em sociedade”.
“Eu sou eu e outro, em diferentes casos, lados diferentes da moeda”.
“Eu gosto de respeitar em modo geral, ainda estou me auto conhecendo, muito difícil essa pergunta! As outras pessoas podem sofrer calados e precisa mais dialogar”.
“No atual momento, eu não sei quem sou, não gosto de rótulos nem em mim, nem no outro, gosto de liberdade quando é me dada e ofereço o mesmo sentimento, nada é constante”.
“Eu sou uma pessoa racional, porem falha na sociedade. Mas buscando a melhora”.
“Eu sou o que penso e idealizo, os outros são quem nos ouvem e com quem dialogamos, pedimos conselho ou ajuda sobre determinada coisa ou assunto”.

Fonte: A autora (2022).

Como pode ser visto através das respostas dos(as) participantes, definir quem “sou eu” e o “outro” na sociedade não é tarefa fácil, engloba uma complexidade de referências e sentidos pessoais e sociais, que se torna, muitas vezes, em associar jeito de ser, gostos, modo de fazer e ver as coisas, ou seja, características intrínsecas que diferenciam das outras pessoas sob um olhar de percepção e comparação.

O propósito em lançar a pergunta foi exatamente inquietar quanto à percepção de si mesmo. Ora, se não conseguimos enxergar quem sou eu, como o outro, ou os outros podem ser taxados ou moldados? Ou se tenho convicção de minhas qualidades, defeitos gostos. Será que a forma de percepção do outro não estaria equivalente a ter desejos próprios? Dessa forma, a importância de reflexão sobre o reconhecimento se revela no sentido, na capacidade de se colocar no lugar do outro, reconhecendo como parte de nós mesmos pela igualdade quanto seres humanos, mas diferentes nas convicções individuais.

Um dado relevante é que sete estudantes nada queiram falar sobre si ou sobre o outro.

Não saber “dizer”, “expressar”, até mesmo, se “representar”; enquanto seres que sentem e pensam, onde tal característica pode estar relacionada desde um tipo de timidez até uma repressão por não poder dizer o suas opiniões e intenções, ambas situações podem demonstrar e criar bloqueios sobre o falar de si. Esse dado nos instiga a pensar aquilo que não se pode “ler, descrever ou observar”, uma espécie de tentar compreender o “impensado”, mas isto não é objeto desta pesquisa.

ETAPA 5

E, por último, chega-se à etapa 5, em que se procurou saber sobre a importância de discutir sobre o reconhecimento na filosofia. Havia, nessa pergunta, o composto sim ou não e a justificação da resposta. Dessa forma:

Tabela 10 – Reconhecimento no ensino de Filosofia

Pergunta: Depois de discutir sobre o reconhecimento na filosofia, você considera atemática importante?		
SIM	NÃO	JUSTIFIQUE
X		“Deveria ter mais momentos, gostei muito desse diálogo. Acredito que todos refletimos”.
X		“Reconhecer alguém é valoriza-la como pessoa, reconhecer seus traços”.
X		“Porque aprendemos a respeitar o outro e a si mesmo, a amar o próximo e aceitarmos o outro como ele é”.
X		“É importante para enxergarmos pelas lentes da filosofia para não ver apenas a capa das arvores, mas as raízes também”.
X		“Aborda muitos assuntos, como preconceito e quem sou eu”.
X		<i>Mas não justificou</i>
X		“Porque nós aprendemos a ouvir, respeitar e aceitar ao próximo através do conhecimento filosófico sobre os outros”.
X		“A filosofia é importante na nossa sociedade pelo modo de mostrar como a sociedade é falha e corrupta”.
X		“O ato de reconhecer a mim e ao próximo é uma soma que resulta em uma valorização de consciência e respeito”.
X		<i>Mas não justificou</i>
X		<i>Mas não justificou</i>
X		“Pois com o nosso conhecer sobre nós mesmos ajuda em todos os aspectos de nossa vida socialmente, no trabalho, etc”.
X		“Pois faz com que reconheça as competências tanto nossa como as dos outros”.
X		“É importante para tentar se compreender e compreender os outros”.
X		<i>Mas não justificou</i>

Fonte: A autora (2022).

Pode ser visto, através das respostas dos(as) participantes, o quão importante é discutir filosofia alinhado através de assuntos que são vivenciados na sociedade, aproximar o conteúdo estudado em sala com interpretações de práticas sociais e estimular a percepção de atitudes e ações a serem tomadas diante o outro.

Palavras como valorização, respeito, compreensão fazem parte das respostas do participantes e expressam o quanto o estímulo à formação humana desempenha um papel de práticas que favoreça, através do ensino, o desenvolvimento do pensamento crítico, maior capacidade de enfrentamento de situações que podem ser vivenciadas ao longo da vida.

Além disso, proporcionar um espaço de fala, em que os sujeitos possam posicionar-se diante o tema trabalhado, como o tema o ajudou a aguçar as diferentes formas de pensamentos, e olhares que presenciaram certas situações, a fim de compreender as ações que são levadas como reflexos de algum sofrimento, ofensa ou restrição de direito. Mas, é claro, direcionando a reflexão com a prática com responsabilidade e respeito na tentativa de contribuir para a humanização dos indivíduos em sociedade, bem como na tentativa de entender os diferentes processos de individualização e socialização nos quais estes indivíduos estão envolvidos dentro da temática da pesquisa.

Algo que se mostrou visível foi que alguns(as) participantes, apesar de assinalarem que seria importante discutir o reconhecimento na filosofia, não souberam expressar o porquê desta relevância, e isto pode indicar uma certa insegurança em tentar descrever, ou, uma timidez, mas não podemos desconsiderar o fato de que a não justificação pode estar relacionada a uma falta de capacidade argumentativa, ou até de familiaridade com a discussão filosófica. E isto nos “acende” um alerta e um questionamento, a saber: o quão próxima está a filosofia dos seres pensantes na atualidade? Como pode ela mesma querer que os seres reflitam, se não consegue constituir nexos familiares com os que têm contato no cotidiano? Mesmo não possuindo respostas rápidas, tais questionamentos são essenciais para que possa se compreender a natureza humana.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na presente pesquisa, foi discutida a teoria do reconhecimento intersubjetivo numa categoria filosófica ligada ao ensino de filosofia, tendo Axel Honneth como referência principal no debate do reconhecimento frente às questões sociais que permeiam nossa sociedade, com intenção a investigar se seria possível inserir o estudo sobre o reconhecimento intersubjetivo na sala de aula de filosofia, em uma necessidade de combater experiências do não reconhecimento pela atuação de desrespeito que afetam a identidade pessoal e coletiva.

Diante disso, fundamentou-se sobre a obra *Luta por Reconhecimento*, trazendo um percurso das relações de reconhecimento, tais quais, amor, direito e solidariedade, que são entendidas como concepção de justiça social e da preeminência do reconhecimento prévio em relação ao conhecimento, o que possibilita pensarmos inúmeras contribuições no processos educativos.

E foi exatamente nessa perspectiva que tentou identificar a relação entre filosofia e reconhecimento partindo da condição de sujeito hermenêutico. É fato que os estudos filosóficos podem ligar-se a temáticas discursivas e racionalizantes, mas, na teoria crítica, especificamente na crítica de Honneth, percebemos a materialidade tangente e pujante às questões políticas, sociais; neste caso, que envolvem os processos educativos. Ora, ratificando os dizeres de Honneth, os processos educativos são também processos de socialização, portanto, não estão escusos das discussões sobre formação do conhecimento, interpretação do mundo da vida, convergências e dicotomias sociais, ou, como o próprio Honneth expressa, conflitos sociais inerentes à tessitura social. Ora, não é de hoje que os processos educativos, em especial no contexto brasileiro, passam por questões de poder, de violência, de exclusão e controle, por vezes autoritário, misógino, vexatório, classista e excludente, fazendo com o que parcelas da população sofram com tais exposições ou verbalizações, apoiadas numa lógica de uma dominação ou de uma superposição de um ser sobre o outro, ou grupo sobre o outro, descaracterizando até a capacidade de construção crítica e emotiva do sujeito.

Por isso, há de se concordar do benefício do uso do sentido filosófico como instrumento de formação e tomada de consciência, dando a possibilidade de que grupos que passam por situações nos dizeres de Honneth, de não reconhecimento, possam aprender, reaprender e serem reconhecidos como sujeitos socializantes, que possuem direitos.

A percepção filosófica aqui pretendida reflete o modelo de formação para a diversidade, em que comportamentos e reflexões possuem corporeidade existencial, política, emocional, racional. De modo peculiar, a racionalidade que mira o reconhecimento deve preservar a

construção de uma relação intersubjetiva e interacional, em que o escopo social possa se construir através da estima social da honra e da dignidade humana.

Trazendo à tona, a convicção de Serlet (2008, p. 12), “o convite a pensar” deve estar relacionado à transformação, à perspectiva que possibilita sermos quem somos e em vista do que podemos ser. Portanto, o fundamento desta força de reflexão filosófica tem com tudo olhar o outro como um outro de mim. A filosofia representa, assim, uma contribuição ao mundo social na busca incessante por respostas das perguntas que norteiam a existência em suas múltiplas dimensões de pensamento e ação humana.

Quanto às técnicas utilizadas para estruturar o estudo sobre o reconhecimento, estas tiveram uma motivação para que o tema detivesse um lugar central para construção do diálogo. Dessa forma, tiveram como escopo questionários, discussão do texto sobre teoria do reconhecimento e uso de uma música como proposta de reflexão. Todas utilizadas de maneira que pudesse observar a relação entre filosofia, reconhecimento e educação, tendo em vista a formação dos sujeitos envolvidos na pesquisa como proposta de esclarecimento do objeto trabalhado.

Considerando o processo de integração social, a teoria crítica sustentada por Honneth aponta para uma necessidade prognóstica da sociedade para que sejam verificados os elementos e categorias que sirvam a construção das condições necessárias para um projeto emancipatório de sociedade. Nesse sentido, buscou-se identificar como o reconhecimento e o não reconhecimento estão presente no tecido social, bem como na educação escolar, tendo em vista a necessidade da discussão e da efetivação de propostas pedagógicas que sustentem uma análise crítica da realidade social na qual os sujeitos que se encontram no processo formativos estão envolvidos.

Vale destacar que, ao nos basearmos na teoria de Axel Honneth como um instrumento de leitura para contexto educativo, notamos que os seus conceitos trabalhados, dentre eles retificação, degradação, luta, autoestima, autorespeito, *etc.*, são mais do que suficientes para apontar o relevante potencial social, filosófico, e educativo que tem em vista à reconstrução da identidade coletiva, historicamente construída.

A teoria do reconhecimento, tomada como fundamento para prática do ensino de filosofia, tornou-se essencial para compreender o processo de interação no contexto educativo, no qual ainda se observa falhas e distorções profundas, que, ao propormos uma reflexão sobre elas, temos em vista um estabelecimento de um progresso moral da dimensão do reconhecimento no conjunto da sociedade.

Todo esse arcabouço teórico, serviu de base para aplicação da intervenção que

fundamenta a pesquisa, com o intuito de compreender as diferenças sociais e coletivas que são comuns à vida dos sujeitos sociais que estavam envolvidos nesse projeto, os educandos. Desta forma, foram utilizadas três ferramentas que estruturam e deram corpo nossa prática, a saber: uma averiguação socioeconômica, com intenção de conhecer as raízes dos partícipes, seguida de um questionário com a intenção de investigar previamente a noção de conceitos que se referem à formulação do significado da filosofia, diferenças e problemas sociais, na tentativa de instigar a discussão posterior, valorizando o conhecimento já trazidos pelos(as) educandos(as). Logo após, foi feita uma discussão sobre um texto que foram trazidos conceitos e ideias trabalhadas por Alex Honneth, direcionando a uma reflexão sobre pontos e nuances “gritantes” na costura social, como questões relacionadas à não aceitação das diferenças sociais fruto, segundo Honneth de um não reconhecimento.

Utilizou-se a música de *Gabriel, o pensador*, por conter diferentes pontos de reflexão, que estavam enquadrados na discussão, como tentativa de instigar nos partícipes a sensibilidade de um olhar reflexivo e crítico diante dos problemas sociais dos quais estão envolvidos. Como último ponto, foi aplicado um questionário sobre a relação entre filosofia e reconhecimento, identificando especificidades que corroborem com a categorização do não reconhecimento como causador de distorções sociais que atrapalham o reconhecimento.

Dessa forma, podemos afirmar que o ensino de filosofia é um valioso instrumento de reflexão de construção, de debate e de investigação dos problemas sociais, econômicos, educacionais, políticos, estéticos e normativos da vida social. Também é fato que as problemáticas relatadas por Honneth a respeito do Reconhecimento tomam corpo no contexto educacional brasileiro, como trazido em específico, no interior do estado de Pernambuco. Portanto, é possível discutir e utilizar a categoria dos estudos sobre o Reconhecimento, partindo da teoria de Honneth como instrumento de promoção da reflexão, tendo em vista à efetivação da primazia do convívio humano, o respeito.

REFERÊNCIAS

- ANDREOZZI, Maria Luiza. Educação inclusiva: fracasso escolar da educação na modernidade. **Educação e subjetividade**, ano 1, n. 2, p. 43-75, 1, sem. 2006.
- BENETTI, Claudia Cisiane. Ensinar a pensar no contexto do ensino de Filosofia: um estudo com Gildes Deleuze. In: SARDI, Sérgio Augusto; SOUZA, Draiton Gonzaga de; CARBONARA, Vanderlei. **Filosofia e Sociedade: perspectivas para o ensino de filosofia**. Ijuí: Ed. Unijuí, 2007.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação básica. **Orientações Curriculares Nacionais para o Ensino Médio**. v. 3 Ciências humanas e suas tecnologias. Brasília, DF, 2006.
- BODINEAU, Pierre; VERPEAUX, Michel. **Histoire Constitutionnelle de la France**. Paris: Presses Universitaires de France, 2004.
- CARVALHO, Marcelo; SANTOS, Marli dos. O ensino de filosofia no Brasil: três gerações. In: CORNELLI, Gabrielle; CARVALHO, Marcelo; DANELON, Márcio (orgs.). **Filosofia: ensino médio**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2010.
- CARVALHO, Virgínia Donizete de; BORGES, Livia de Oliveira e REGO, Denise Pereira do. **Interacionismo simbólico: origens, pressupostos e contribuições aos estudos em Psicologia Social**. 2010. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/pcp/v30n1/v30n1a11.pdf>. Acesso em: 15 de julho de 2022.
- CENCI, Angelo Vitório. Autonomia, reconhecimento e educação. **Práxis Educativa**, Ponta Grossa, v. 10, n. 1, p. 253-274, jan./jun. 2017. Disponível em: <http://www.revistas2.uepg.br/index.php/praxiseducativa/article/view/6723>> Acesso em 22 de junho de 2022.
- CERLETTI, Alejandro A. Ensinar Filosofia: da pergunta filosófica a proposta metodológica. In: KOHAN, Walter O. **Filosofia: caminhos para o seu ensino**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2008.
- CESCO, Marcelo Lucas. **Reconhecimento em Axel Honneth**. Caxias do Sul- RS, 2015.
- CURY, Carlos Roberto Jamil. Direito a educação: Direito a igualdade, direito a diferença. **Cadernos de Pesquisa**, n. 116, julho/2002 p. 260
- DESCHAMPS, J. C.; MOLINER, P. **A identidade em psicologia social**. Petrópolis: Vozes, 2009.
- DEWEY, John. **Democracia e educação**. Introdução a filosofia da educação. 3, ed. Trad. Godofredo Rangel e Anísio Teixeira. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1959.
- DIAS, André Bonsanto. **PERCURSO DO RECONHECIMENTO: um caminho teórico-metodológico para pensar o jornalismo enquanto sujeito em comunicação**. 2017. Disponível em: DOI: <http://dx.doi.org/10.25200/BJR.v13n3.2017.976>. Acesso: 14 de julho de 2022.

DUBAR, Claude. A Construção de si pela atividade de trabalho: a socialização profissional. Tradução: Fernanda Machado. **Cadernos de Pesquisa**, v. 42, n. 146, p. 351-367, maio/ago. 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cp/a/zrnHPNJ4DzKqd3Y3nq7mKKH/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 26 jun. 2022.

FAVARETTO, Celso. Filosofia, ensino e cultura. In: KOHAN, Walter O. (org.). **Filosofia: caminhos para seu ensino**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2008.

FICHTE, Johann Gottlieb: Grundlage der gesamten Wissenschaftslehre. In: Fichtes Werke, vol. 1, Berlim: De Gruyter 1971. **ANALYTICA**, Rio de Janeiro, vol 23 nº 1, 2019, p. 154-161 <http://dx.doi.org/10.35920/1414-3004.2019v23n1p154-161>. Acesso em: 27 de abr. De 2022.

FISCHER, R. M. O Círculo do Poder – As Práticas Invisíveis de Sujeição nas Organizações Complexas. In: FLEURY, M. T. L.; FISCHER, R. M. **Cultura e Poder nas Organizações**. Editora Atlas, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**. Saberes necessários a prática educativa. Ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996. P.18.

FUHRMANN, Nadia. Luta por Reconhecimento: reflexões sobre a teoria de Axel Honneth e as origens dos conflitos sociais. **Barbaroi** [online]. 2013, n.38. pp. 79-96. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S0104-65782013000100006&lng=pt&nrm=iso. Acesso em 12 jul. 2022.

GHEDIN, Evandro. **Ensino de filosofia no Ensino Médio**. 2ed. São Paulo: Cortez, 2009.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GOFFMAN, Erving. Estigma: **Notas sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1975.

GONÇALVES, Rita de Athayde. Interlocução entre o pensamento complexo e a Filosofia como disciplina escolar. In: SARDI, Sérgio Augusto; SOUZA, Drailton Gonzaga de; CARBONARA, Vanderlei. **Filosofia e Sociedade: perspectivas para o ensino**. Ijuí: Ed. Unijuí, 2007.

GUEDES, Livia Couto. **Educação e axiologia do reconhecimento intersubjetivo: um olhar sobre a formação docente em pedagogia**. Maceió – AL, 2020.

HAMEL - revista direitos sociais e políticas públicas (unifafibe) disponível em: www.unifafibe.com.br/revista/index.php/direitos-sociais-politicas-pub/index n.2318 -5732 – vol.8 , n .2 , 2020.

HERZOG, Benno; HERNÁNDEZ, Frances J. **Axel Honneth e o Renascimento da Teoria Crítica**. Revista Ideação, n. 36, jul./dez., 2017, pp. 101-120. Disponível em: periodicos.uefs.br/index.php/revistaideacao/article/download/3150/2664. Acesso em: 10jan. 2019.

HONNETH, Axel. A textura da justiça: sobre os limites do procedimentalismo contemporâneo. **Civitas-Revista de Ciências Sociais**, Porto Alegre, v. 9, n. 3, p. 345-368, 2009. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/civitas/article/viewArticle/6896>. Acesso em: 12 maio. 2022.

HONNETH, Axel. **Honneth esquadrinha “déficit sociológico”**. Entrevista a Marcos Nobre e Luiz Repa, em 11/10/2003, para a Folha de S. Paulo. 2003. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq1110200318.htm>>. Acesso em: 15 de maio.22.

HONNETH, Axel. Invisibilidad: sobre la epistemologia moral del reconocimiento. In: **La sociedade del desprecio**. Madrid: Editorial Trotta, 2011.

HONNETH, Axel. **Luta por reconhecimento: a gramática moral dos conflitos sociais**. São Paulo: Editora 34, 2003 (Obra original publicada em 1992).

HONNETH, Axel. **Luta por reconhecimento: a gramática moral dos conflitos sociais**. São Paulo: Editora 34, 2003.

HONNETH, Axel. **O direito da liberdade**. São Paulo: Martins Fontes, 2015.

HONNETH, Axel. Observações sobre a reificação. **Civitas**, Porto Alegre, v. 8, n. 1, p.68-79, 2008. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/civitas/article/view/4322>>. Acesso em:12 de maio.22.

HORKHEIMER, M.. Teoria Tradicional e Teoria Crítica. In W. Benjamin, M. Horkheimer, T. W. Adorno, J. Habermas. **Textos Escolhidos**. São Paulo: Abril Cultural, 2017.

JAPIASSU, H. **Um desafio a filosofia: Pensar-se nos dias de Hoje**. São Paulo. Editora Letras & Letras.1977.

JUNIOR, Williams Nunes da Cunha. **Os sentidos do ensino de filosofia no ensino médio: uma abordagem fenomenológica**. In: BODART, Cristiano das Neves (org.). **O ensino de Sociologia e Filosofia escolar**/1 ed. –Maceió, AL: Editora Café com Sociologia, 2020.

LIMA, Suely Sousa. **As representações sociais da identidade docente: com a palavra os professores do profebpar/ufma**. São Luís – Maranhão, 2016.

MATOS, Junot Cornélio. **Filosofia do Ensino de Filosofia**. In Matos; Junot Cornélio; Costa, Marcos Roberto Nunes, (orgs). **Ensino de Filosofia: Questões fundamentais**. Recife. Ed. Universitária da UFPE, 2014.

MATTOS, Patrícia Castro. **A Sociologia Política do Reconhecimento: as contribuições de Charles Taylor, Axel Honneth e Nancy Fraser**. São Paulo: Annablume, 2006.

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção**. São Paulo: Martins fontes, 1999.

MINAYO, M. C. de S. Trabalho de campo: contexto de observação, interação e descoberta In. MINAYO, M. C. de S.; DESLANDES, S. F. GOMES, R. (Org). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 28ª. ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

MOSCOVICI, S. **A representação social da psicanálise**. Tradução de Cabral. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

NOBRE, Marcos Severino; REPA, Luiz. **Honneth esquadrinha “déficit sociológico”**. São Paulo: Folha de São Paulo, 2003 (Entrevista). Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u37729.shtml>. Acesso em: 12 de julho. 2022.

NOBRE, Marcos. **A Teoria Crítica**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2004.

NÓVOA, Antônio. Formação de professores e profissão docente. In: NÓVOA, A. (org.) **Os professores e a sua formação**. Lisboa: Publicações Dom Quixote. 1992.

OFFREDI, Júlio Cesar Figueiredo. **Uma proposta de democracia segundo Habermas: uma contribuição para concepção e análise do Direito**, 2007. Disponível em: https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/10808/10808_1.PDF.

PETERS, Michael. **Pós-estruturalismo e Filosofia da Diferença: uma introdução**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

PIAGET, Jean. **Para onde vai a educação?** Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1973.

RAVAGNANI, Herbert Barucci. Honneth leitor do jovem Hegel. **Revista de Iniciação Científica da FFC**, v. 8, n.1, p. 91-101, 2008.

REPA, Luiz; TERRA; Ricardo. Teoria Crítica. **Caderno CRH**, Salvador, v. 24, n. 62, p. 245-248, maio/ago. 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ccrh/a/zSLP7DGxpVx56CW735Sn3tQ/?lang=pt>. Acesso em: 3 fev. 2022.

RICOEUR, Paul. **Percurso do Reconhecimento**. Tradução de Nicolás Nyimi Campanário. São Paulo: Loyola, 2006.

SERLET, Ingo Wolfgang. **A Eficácia dos Direitos Fundamentais: uma teoria geral dos direitos fundamentais na perspectiva constitucional**. 10. Porto Alegre: Livraria do Advogado, 2008.

SODELLI, Marcelo. Sobre o sentido de educar. **Aprender – Caderno de Filosofia e Psicologia da Educação**, Vitória da conquista, n. 10, p. 203-222, jan./jul, 2008.

TOMASI, Rubilar. **Formação da identidade pessoal, reconhecimento e educação a a partir da perspectiva de Axel Honneth**. 2019. Passo Fundo – RS. Disponível em: <http://tede.upf.br:8080/jspui/handle/tede/1760>. Acesso em: 14 de abr.2022.

WERLE, D; Melo, R. Introdução. In: Honneth, Axel. **Sofrimento de indeterminação: uma reatualização da filosofia do direito de Hegel**. Tradução de Rúrion Melo. São Paulo: Esfera Pública, 2007, pág. 7 à 44 (Obra original publicada em 2001).



ANEXO A – QUESTIONÁRIO 01
UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
PROF –FILO – MESTRADO PROFISSIONAL EM FILOSOFIA
PESQUISA DE MESTRADO



QUESTIONÁRIO 1

1- Quantas pessoas moram com você? (Incluindo filhos, irmãos, parentes e amigos (Marque apenas uma resposta)

- (A) Moro sozinho
- (B) Uma a três
- (C) Quatro a sete
- (D) Oito a dez
- (E) Mais de dez

2- A casa onde você mora é? (Marque apenas uma resposta)

- (A) Própria
- (B) Alugada
- (C) Cedida

3- Sua casa está localizada em? (Marque apenas uma resposta)

- (A) Zona rural.
- (B) Zona urbana
- (C) Comunidade indígena.
- (D) Comunidade quilombola.

4. Qual é o seu nível de escolaridade? (Marque apenas uma resposta)

- (A) Da 1ª à 4ª série do Ensino Fundamental (antigo primário)
- (B) Da 5ª à 8ª série do Ensino Fundamental (antigo ginásio)
- (C) Ensino Médio (antigo 2º grau) Qual ano? _____
- (D) Ensino Superior
- (E) Especialização
- (F) Não estudou
- (G) Não sei

5. Somando a sua renda com a renda das pessoas que moram com você, quanto é, aproximadamente, a rendafamiliar mensal? (Marque apenas uma resposta)

- (A) Nenhuma renda.
- (B) Até 1 salário mínimo (até R\$1.045,00).
- (C) De 1 a 3 salários mínimos (de R\$ 1.045,00 até R\$ 2.090,00).
- (D) De 3 a 6 salários mínimos (de R\$ 2.090,01 até R\$ 4.180,00).
- (E) De 6 a 9 salários mínimos (de R\$ 4.180,01 até R\$ 8.360,00).
- (F) De 9 a 12 salários mínimos (de R\$ 8.360,01 até R\$ 16.720,00)

6. Estas questões você deverá responder de forma escrita.

a) Pelo seu entendimento qual o significado da Filosofia?

b) Como a Filosofia pode ajudar a entender os problemas sociais?

c) Como a Filosofia pode ajudar a entender quem nós somos?

d) Como a filosofia pode ajudar a entender as diferenças sociais?

e) Como me enxergo como sujeito no mundo?

f) Como você enxerga as diferenças sociais na sua escola?



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
PROF -FILO – MESTRADO PROFISSIONAL EM FILOSOFIA
PESQUISA DE MESTRADO



QUESTIONÁRIO 1

1-Quantas pessoas moram com você? (Incluindo filhos, irmãos, parentes e amigos (Marque apenas uma resposta)

- (A) Moro sozinho
- (B) Uma a três
- ☒ (C) Quatro a sete
- (D) Oito a dez
- (E) Mais de dez

2- A casa onde você mora é? (Marque apenas uma resposta)

- ☒ (A) Própria
- (B) Alugada
- (C) Cedida

3- Sua casa está localizada em? (Marque apenas uma resposta)

- ☒ (A) Zona rural.
- (B) Zona urbana
- (C) Comunidade indígena.
- (D) Comunidade quilombola.

4. Qual é o seu nível de escolaridade? (Marque apenas uma resposta)

- (A) Da 1ª à 4ª série do Ensino Fundamental (antigo primário)
- (B) Da 5ª à 8ª série do Ensino Fundamental (antigo ginásio)
- ☒ (C) Ensino Médio (antigo 2º grau) Qual ano? 2º Ano
- (D) Ensino Superior
- (E) Especialização
- (F) Não estudou
- (G) Não sei

5. Somando a sua renda com a renda das pessoas que moram com você, quanto é, aproximadamente, a renda familiar mensal? (Marque apenas uma resposta)

- (A) Nenhuma renda.
- ☒ (B) Até 1 salário mínimo (até R\$1.045,00).
- (C) De 1 a 3 salários mínimos (de R\$ 1.045,00 até R\$ 2.090,00).
- (D) De 3 a 6 salários mínimos (de R\$ 2.090,01 até R\$ 4.180,00).
- (E) De 6 a 9 salários mínimos (de R\$ 4.180,01 até R\$ 8.360,00).
- (F) De 9 a 12 salários mínimos (de R\$ 8.360,01 até R\$ 16.720,00)

6. Estas questões você deverá responder de forma escrita.

a) Pelo seu entendimento qual o significado da Filosofia?

A filosofia sobre meu entendimento, tem como proposta
falar sobre a vida e questionar-la e debater su-
os pensamentos de alguns filósofos.

b) Como a Filosofia pode ajudar a entender os problemas sociais?

Com algumas citações de filósofos.

c) Como a Filosofia pode ajudar a entender quem nós somos?

Não sei explicar!

d) Como a filosofia pode ajudar a entender as diferenças sociais?

Não sei explicar!

e) Como me enxergo como sujeito no mundo?

Não sei explicar!

f) Como você enxerga as diferenças sociais na sua escola?

Não sei explicar!



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
PROF -FILO – MESTRADO PROFISSIONAL EM FILOSOFIA
PESQUISA DE MESTRADO



QUESTIONÁRIO 1

1-Quantas pessoas moram com você? (Incluindo filhos, irmãos, parentes e amigos (Marque apenas uma resposta)

- (A) Moro sozinho
 (B) Uma a três
 (X) Quatro a sete
 (D) Oito a dez
 (E) Mais de dez

2- A casa onde você mora é? (Marque apenas uma resposta)

- (X) Própria
 (B) Alugada
 (C) Cedida

3- Sua casa está localizada em? (Marque apenas uma resposta)

- (X) Zona rural.
 (B) Zona urbana
 (C) Comunidade indígena.
 (D) Comunidade quilombola.

4. Qual é o seu nível de escolaridade? (Marque apenas uma resposta)

- (A) Da 1ª à 4ª série do Ensino Fundamental (antigo primário)
 (B) Da 5ª à 8ª série do Ensino Fundamental (antigo ginásio)
 (X) Ensino Médio (antigo 2º grau) Qual ano? 2º
 (D) Ensino Superior
 (E) Especialização
 (F) Não estudou
 (G) Não sei

5. Somando a sua renda com a renda das pessoas que moram com você, quanto é, aproximadamente, a renda familiar mensal? (Marque apenas uma resposta)

- (A) Nenhuma renda.
 (X) Até 1 salário mínimo (até R\$1.045,00).
 (C) De 1 a 3 salários mínimos (de R\$ 1.045,00 até R\$ 2.090,00).
 (D) De 3 a 6 salários mínimos (de R\$ 2.090,01 até R\$ 4.180,00).
 (E) De 6 a 9 salários mínimos (de R\$ 4.180,01 até R\$ 8.360,00).
 (F) De 9 a 12 salários mínimos (de R\$ 8.360,01 até R\$ 16.720,00)

6. Estas questões você deverá responder de forma escrita.

a) Pelo seu entendimento qual o significado da Filosofia?

A filosofia busca entender a vida e encastrear
respostas para os questionamentos.

b) Como a Filosofia pode ajudar a entender os problemas sociais?

Questionando as atitudes e comportamentos da sociedade
mas da resposta.

c) Como a Filosofia pode ajudar a entender quem nós somos?

Não faz refletir e buscar respostas em nosso
interior.

d) Como a filosofia pode ajudar a entender as diferenças sociais?

Questionando ela mas da respostas que precisamos.

e) Como me enxergo como sujeito no mundo?

Não tenho opinião sobre meu "eu" no mundo.

f) Como você enxerga as diferenças sociais na sua escola?

Não enxergo muito sobre, não há o que opinar.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
PROF -FILO – MESTRADO PROFISSIONAL EM FILOSOFIA
PESQUISA DE MESTRADO



QUESTIONÁRIO 1

1-Quantas pessoas moram com você? (Incluindo filhos, irmãos, parentes e amigos (Marque apenas uma resposta)

- (A) Moro sozinho
- ☒ (B) Uma a três
- (C) Quatro a sete
- (D) Oito a dez
- (E) Mais de dez

2- A casa onde você mora é? (Marque apenas uma resposta)

- (A) Própria
- ☒ (B) Alugada
- (C) Cedida

3- Sua casa está localizada em? (Marque apenas uma resposta)

- (A) Zona rural.
- ☒ (B) Zona urbana
- (C) Comunidade indígena.
- (D) Comunidade quilombola.

4. Qual é o seu nível de escolaridade? (Marque apenas uma resposta)

- (A) Da 1ª à 4ª série do Ensino Fundamental (antigo primário)
- (B) Da 5ª à 8ª série do Ensino Fundamental (antigo ginásio)
- ☒ (C) Ensino Médio (antigo 2º grau) Qual ano? 3º ano do e. m.
- (D) Ensino Superior
- (E) Especialização
- (F) Não estudou
- (G) Não sei

5. Somando a sua renda com a renda das pessoas que moram com você, quanto é, aproximadamente, a renda familiar mensal? (Marque apenas uma resposta)

- (A) Nenhuma renda.
- (B) Até 1 salário mínimo (até R\$1.045,00).
- ☒ (C) De 1 a 3 salários mínimos (de R\$ 1.045,00 até R\$ 2.090,00).
- (D) De 3 a 6 salários mínimos (de R\$ 2.090,01 até R\$ 4.180,00).
- (E) De 6 a 9 salários mínimos (de R\$ 4.180,01 até R\$ 8.360,00).
- (F) De 9 a 12 salários mínimos (de R\$ 8.360,01 até R\$ 16.720,00)

6. Estas questões você deverá responder de forma escrita.

a) Pelo seu entendimento qual o significado da Filosofia?

A filosofia consiste no questionar-se. Para mim, é a busca constante das respostas para sanar os meus questionamentos.
Buscar a razão de quem sou e compreender o mundo ao meu redor.



b) Como a Filosofia pode ajudar a entender os problemas sociais?

O ato do questionamento gera o anseio pelas respostas; Dessa maneira usamos as ideias para tentar sanar as dúvidas e com essas as especulações para entender a raiz dos problemas.

c) Como a Filosofia pode ajudar a entender quem nós somos?

Ela pode nos ajudar em nosso autoconhecimento já que nela encontra-se a busca constante de nosso ser para entendermos as relações externas, afinal, só podemos lidar bem com a sociedade quando de fato compreendemos quem somos.

d) Como a filosofia pode ajudar a entender as diferenças sociais?

A busca pelo ser leva-nos a entender quem somos e tentar entender o que o outro é, dessa maneira podemos compreender as diferenças e sobretudo respeitá-las.

e) Como me enxergo como sujeito no mundo?

O fato de ser um "ser finito" não me torna um ser sem valor. No mundo, compreendendo quem sou, meus defeitos e qualidades posso contribuir e deixar marcas no mundo que vivo.

f) Como você enxerga as diferenças sociais na sua escola?

É claro enxergarmos isso. As diferenças sociais estão presentes não só no quesito econômico, mas também sexual e religioso. Os grupos são vistos com frequência e a interação entre os mesmos parece inexistente muitas vezes.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
PROF -FILO – MESTRADO PROFISSIONAL EM FILOSOFIA
PESQUISA DE MESTRADO



QUESTIONÁRIO 1

1-Quantas pessoas moram com você? (Incluindo filhos, irmãos, parentes e amigos (Marque apenas uma resposta)

- (A) Moro sozinho
 (B) Uma a três
☒ (C) Quatro a sete
 (D) Oito a dez
 (E) Mais de dez

2- A casa onde você mora é? (Marque apenas uma resposta)

- ☒ (A) Própria
 (B) Alugada
 (C) Cedida

3- Sua casa está localizada em? (Marque apenas uma resposta)

- ☒ (A) Zona rural.
 (B) Zona urbana
 (C) Comunidade indígena.
 (D) Comunidade quilombola.

4. Qual é o seu nível de escolaridade? (Marque apenas uma resposta)

- (A) Da 1ª à 4ª série do Ensino Fundamental (antigo primário)
 (B) Da 5ª à 8ª série do Ensino Fundamental (antigo ginásio)
☒ (C) Ensino Médio (antigo 2º grau) Qual ano? 2º ano
 (D) Ensino Superior
 (E) Especialização
 (F) Não estudou
 (G) Não sei

5. Somando a sua renda com a renda das pessoas que moram com você, quanto é, aproximadamente, a renda familiar mensal? (Marque apenas uma resposta)

- (A) Nenhuma renda.
☒ (B) Até 1 salário mínimo (até R\$1.045,00).
 (C) De 1 a 3 salários mínimos (de R\$ 1.045,00 até R\$ 2.090,00).
 (D) De 3 a 6 salários mínimos (de R\$ 2.090,01 até R\$ 4.180,00).
 (E) De 6 a 9 salários mínimos (de R\$ 4.180,01 até R\$ 8.360,00).
 (F) De 9 a 12 salários mínimos (de R\$ 8.360,01 até R\$ 16.720,00)

6. Estas questões você deverá responder de forma escrita.

a) Pelo seu entendimento qual o significado da Filosofia?

A filosofia é uma disciplina que nos ajuda tanto
na vida acadêmica quanto na nossa vida a dia
porque a moral é um dos exemplos comuns
que sem eles somos seres humanos irracionais.

b) Como a Filosofia pode ajudar a entender os problemas sociais?

Expondo eles da melhor forma para a sociedade.
Para que nos seres humanos fiquemos por dentro
de todos os assuntos contemporaneamente na nossa sociedade

c) Como a Filosofia pode ajudar a entender quem nós somos?

nos ajuda a entender como devemos pensar e agir
na sociedade. "Se eu que nada sou..."

d) Como a filosofia pode ajudar a entender as diferenças sociais?

A filosofia acrescenta na nossa ~~no~~ raciocínio
frente a nossa como a nossa sociedade e falta
e nos somos consequência disso.

e) Como me enxergo como sujeito no mundo?

Eu me enxergo como uma pessoa racional,
que pensa nas atitudes antes de executá-las.

f) Como você enxerga as diferenças sociais na sua escola?

no nosso ambiente infelizmente existe várias diferenças,
uma delas é a infraestrutura da nossa escola
que não caminha com a abrigação e a educação
pois tem profissionalismo dentro de uma sala de aula.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
PROF -FILO – MESTRADO PROFISSIONAL EM FILOSOFIA
PESQUISA DE MESTRADO



QUESTIONÁRIO 1

1-Quantas pessoas moram com você? (Incluindo filhos, irmãos, parentes e amigos (Marque apenas uma resposta)

- (A) Moro sozinho
 (B) Uma a três
☒ (C) Quatro a sete
 (D) Oito a dez
 (E) Mais de dez

2- A casa onde você mora é? (Marque apenas uma resposta)

- ☒ (A) Própria
 (B) Alugada
 (C) Cedida

3- Sua casa está localizada em? (Marque apenas uma resposta)

- ☒ (A) Zona rural.
 (B) Zona urbana
 (C) Comunidade indígena.
 (D) Comunidade quilombola.

4. Qual é o seu nível de escolaridade? (Marque apenas uma resposta)

- (A) Da 1ª à 4ª série do Ensino Fundamental (antigo primário)
 (B) Da 5ª à 8ª série do Ensino Fundamental (antigo ginásio)
☒ (C) Ensino Médio (antigo 2º grau) Qual ano? 3º Ano
 (D) Ensino Superior
 (E) Especialização
 (F) Não estudou
 (G) Não sei

5. Somando a sua renda com a renda das pessoas que moram com você, quanto é, aproximadamente, a renda familiar mensal? (Marque apenas uma resposta)

- (A) Nenhuma renda.
☒ (B) Até 1 salário mínimo (até R\$1.045,00).
 (C) De 1 a 3 salários mínimos (de R\$ 1.045,00 até R\$ 2.090,00).
 (D) De 3 a 6 salários mínimos (de R\$ 2.090,01 até R\$ 4.180,00).
 (E) De 6 a 9 salários mínimos (de R\$ 4.180,01 até R\$ 8.360,00).
 (F) De 9 a 12 salários mínimos (de R\$ 8.360,01 até R\$ 16.720,00)

6. Estas questões você deverá responder de forma escrita.

a) Pelo seu entendimento qual o significado da Filosofia?

Filosofia, onde buscamos e estudamos acontecimentos antigos
na qual os filósofos fizeram parte.

A Filosofia pode entender que nós precisamos ter ética, e devemos ter responsabilidade e responder pelos nossos atos e termos mais consciência.

QUESTIONÁRIO 1

c) Como a Filosofia pode ajudar a entender quem nós somos?

Em virtude, nós precisamos nos identificar, de tal forma que devemos compreender e se por um lugar do próximo. Devemos buscar e nos informar e falar sobre o que achamos necessário.

d) Como a filosofia pode ajudar a entender as diferenças sociais?

Ter ética, ser honesto e justo. Nas diferenças sociais grande parte da sociedade não tem, levando em consideração, interação e falar mais sobre este assunto até é bastante importante na compreensão.

e) Como me enxergo como sujeito no mundo?

Eu me enxergo um sujeito que age de forma livre e espontânea, mas sempre pensando antes de agir.

f) Como você enxerga as diferenças sociais na sua escola?

Não minha escola grande parte da população precisa melhorar, pois vivemos em outros escolas que não temos no mesmo.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
PROF -FILO – MESTRADO PROFISSIONAL EM FILOSOFIA
PESQUISA DE MESTRADO



QUESTIONÁRIO 1

1-Quantas pessoas moram com você? (Incluindo filhos, irmãos, parentes e amigos (Marque apenas uma resposta)

- (A) Moro sozinho
 (B) Uma a três
 (C) Quatro a sete
 (D) Oito a dez
 (E) Mais de dez

2- A casa onde você mora é? (Marque apenas uma resposta)

- (A) Própria
 (B) Alugada
 (C) Cedida

3- Sua casa está localizada em? (Marque apenas uma resposta)

- (A) Zona rural.
 (B) Zona urbana
 (C) Comunidade indígena.
 (D) Comunidade quilombola.

4. Qual é o seu nível de escolaridade? (Marque apenas uma resposta)

- (A) Da 1ª à 4ª série do Ensino Fundamental (antigo primário)
 (B) Da 5ª à 8ª série do Ensino Fundamental (antigo ginásio)
 (C) Ensino Médio (antigo 2º grau) Qual ano? _____
 (D) Ensino Superior
 (E) Especialização
 (F) Não estudou
 (G) Não sei

5. Somando a sua renda com a renda das pessoas que moram com você, quanto é, aproximadamente, a renda familiar mensal? (Marque apenas uma resposta)

- (A) Nenhuma renda.
 (B) Até 1 salário mínimo (até R\$1.045,00).
 (C) De 1 a 3 salários mínimos (de R\$ 1.045,00 até R\$ 2.090,00).
 (D) De 3 a 6 salários mínimos (de R\$ 2.090,01 até R\$ 4.180,00).
 (E) De 6 a 9 salários mínimos (de R\$ 4.180,01 até R\$ 8.360,00).
 (F) De 9 a 12 salários mínimos (de R\$ 8.360,01 até R\$ 16.720,00)

6. Estas questões você deverá responder de forma escrita.

a) Pelo seu entendimento qual o significado da Filosofia?

Busca respostas e entendimento para questões
iniciais.



b) Como a Filosofia pode ajudar a entender os problemas sociais?

pela ética e moral

c) Como a Filosofia pode ajudar a entender quem nós somos?

buscando o entendimento e a essência de nós mesmos

d) Como a filosofia pode ajudar a entender as diferenças sociais?

~~pela ética e moral~~ buscando as questões e problemas na sociedade atual

e) Como me enxergo como sujeito no mundo?

~~buscando uma pessoa interessada~~
com propósitos e metas a serem alcançadas

f) Como você enxerga as diferenças sociais na sua escola?

algo comum porque se pensarmos diferenças sociais existem por todo lugar



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
PROF -FILO – MESTRADO PROFISSIONAL EM FILOSOFIA
PESQUISA DE MESTRADO



QUESTIONÁRIO 1

1-Quantas pessoas moram com você? (Incluindo filhos, irmãos, parentes e amigos (Marque apenas uma resposta)

- (A) Moro sozinho
 (B) Uma a três
 (C) Quatro a sete
 (D) Oito a dez
 (E) Mais de dez

2- A casa onde você mora é? (Marque apenas uma resposta)

- (A) Própria
 (B) Alugada
 (C) Cedida

3- Sua casa está localizada em? (Marque apenas uma resposta)

- (A) Zona rural.
 (B) Zona urbana
 (C) Comunidade indígena.
 (D) Comunidade quilombola.

4. Qual é o seu nível de escolaridade? (Marque apenas uma resposta)

- (A) Da 1ª à 4ª série do Ensino Fundamental (antigo primário)
 (B) Da 5ª à 8ª série do Ensino Fundamental (antigo ginásio)
 (C) Ensino Médio (antigo 2º grau) Qual ano? 1- Ano
 (D) Ensino Superior
 (E) Especialização
 (F) Não estudou
 (G) Não sei

5. Somando a sua renda com a renda das pessoas que moram com você, quanto é, aproximadamente, a renda familiar mensal? (Marque apenas uma resposta)

- (A) Nenhuma renda.
 (B) Até 1 salário mínimo (até R\$1.045,00).
 (C) De 1 a 3 salários mínimos (de R\$ 1.045,00 até R\$ 2.090,00).
 (D) De 3 a 6 salários mínimos (de R\$ 2.090,01 até R\$ 4.180,00).
 (E) De 6 a 9 salários mínimos (de R\$ 4.180,01 até R\$ 8.360,00).
 (F) De 9 a 12 salários mínimos (de R\$ 8.360,01 até R\$ 16.720,00)

6. Estas questões você deverá responder de forma escrita.

a) Pelo seu entendimento qual o significado da Filosofia?

Busca do conhecimento humano, das causas, da
origem de tudo. Desagarrar de uma vida rati-
onal e sã, sem superficialidade

b) Como a Filosofia pode ajudar a entender os problemas sociais?

Compreendendo os outros (humanos) humanos, para-
mos, pessoas e sentimentos pelo outro, de Bole-
canos no lugar dele.

QUESTIONÁRIO 1

c) Como a Filosofia pode ajudar a entender quem nós somos?

A filosofia como busca constante, de um an-
tecedente, mas, faz olhar para o espelho e
perguntar: Qual é a minha verdade? E que
dentro de mim? Busca a verdade de dentro.
É nisso que ela ajuda

d) Como a filosofia pode ajudar a entender as diferenças sociais?

A filosofia é a visão crítica e sincera, nate
do pensar mais conhecimento. Com isso, con-
seguimos impor diferenças e semelhanças

e) Como me enxergo como sujeito no mundo?

Como um facto e sua flor; ser excentrico

f) Como você enxerga as diferenças sociais na sua escola?

Vejo que a maioria habita sua exteriorização
e observa como uma vez disse Platão. Alguns são
e poucos são os que se tornam aqueles que se
perderam no reino interior são pura e alta
luz, trazendo empatia e todos

6. Estas questões devem ser respondidas de forma escrita.

7. Pelo seu entendimento qual o significado da Filosofia?



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
PROF -FILO - MESTRADO PROFISSIONAL EM FILOSOFIA
PESQUISA DE MESTRADO



QUESTIONÁRIO 1

1-Quantas pessoas moram com você? (Incluindo filhos, irmãos, parentes e amigos (Marque apenas uma resposta)

- (A) Moro sozinho
 (B) Uma a três
☒ (C) Quatro a sete
 (D) Oito a dez
 (E) Mais de dez

2- A casa onde você mora é? (Marque apenas uma resposta)

- ☒ (A) Própria
 (B) Alugada
 (C) Cedida

3- Sua casa está localizada em? (Marque apenas uma resposta)

- ☒ (A) Zona rural.
 (B) Zona urbana
 (C) Comunidade indígena.
 (D) Comunidade quilombola.

4. Qual é o seu nível de escolaridade? (Marque apenas uma resposta)

- (A) Da 1ª à 4ª série do Ensino Fundamental (antigo primário)
 (B) Da 5ª à 8ª série do Ensino Fundamental (antigo ginásio)
☒ (C) Ensino Médio (antigo 2º grau) Qual ano? 3º ano
 (D) Ensino Superior
 (E) Especialização
 (F) Não estudou
 (G) Não sei

5. Somando a sua renda com a renda das pessoas que moram com você, quanto é, aproximadamente, a renda familiar mensal? (Marque apenas uma resposta)

- (A) Nenhuma renda.
☒ (B) Até 1 salário mínimo (até R\$1.045,00).
 (C) De 1 a 3 salários mínimos (de R\$ 1.045,00 até R\$ 2.090,00).
 (D) De 3 a 6 salários mínimos (de R\$ 2.090,01 até R\$ 4.180,00).
 (E) De 6 a 9 salários mínimos (de R\$ 4.180,01 até R\$ 8.360,00).
 (F) De 9 a 12 salários mínimos (de R\$ 8.360,01 até R\$ 16.720,00)

6. Estas questões você deverá responder de forma escrita.

a) Pelo seu entendimento qual o significado da Filosofia?

Não sei ao certo.



b) Como a Filosofia pode ajudar a entender os problemas sociais?

Para mim não ajuda em nada (sendo sincera)

c) Como a Filosofia pode ajudar a entender quem nós somos?

O auto-conhecimento

d) Como a filosofia pode ajudar a entender as diferenças sociais?

meu forte não é humanas RSRS!

e) Como me enxergo como sujeito no mundo?

me enxergo de forma insignificante, não faço diferença no mundo, então pra mim tanto faz

f) Como você enxerga as diferenças sociais na sua escola?

De forma normal, é bom ver ^{diferente} ~~diferença~~



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
PROF -FILO – MESTRADO PROFISSIONAL EM FILOSOFIA
PESQUISA DE MESTRADO



QUESTIONÁRIO 1

1-Quantas pessoas moram com você? (Incluindo filhos, irmãos, parentes e amigos (Marque apenas uma resposta)

- (A) Moro sozinho
 (B) Uma a três
 (C) Quatro a sete
 (D) Oito a dez
 (E) Mais de dez

2- A casa onde você mora é? (Marque apenas uma resposta)

- (A) Própria
 (B) Alugada
 (C) Cedida

3- Sua casa está localizada em? (Marque apenas uma resposta)

- (A) Zona rural.
 (B) Zona urbana
 (C) Comunidade indígena.
 (D) Comunidade quilombola.

4. Qual é o seu nível de escolaridade? (Marque apenas uma resposta)

- (A) Da 1ª à 4ª série do Ensino Fundamental (antigo primário)
 (B) Da 5ª à 8ª série do Ensino Fundamental (antigo ginásio)
 (C) Ensino Médio (antigo 2º grau) Qual ano? 1º
 (D) Ensino Superior
 (E) Especialização
 (F) Não estudou
 (G) Não sei

5. Somando a sua renda com a renda das pessoas que moram com você, quanto é, aproximadamente, a renda familiar mensal? (Marque apenas uma resposta)

- (A) Nenhuma renda.
 (B) Até 1 salário mínimo (até R\$1.045,00).
 (C) De 1 a 3 salários mínimos (de R\$ 1.045,00 até R\$ 2.090,00).
 (D) De 3 a 6 salários mínimos (de R\$ 2.090,01 até R\$ 4.180,00).
 (E) De 6 a 9 salários mínimos (de R\$ 4.180,01 até R\$ 8.360,00).
 (F) De 9 a 12 salários mínimos (de R\$ 8.360,01 até R\$ 16.720,00)

6. Estas questões você deverá responder de forma escrita.

a) Pelo seu entendimento qual o significado da Filosofia?

Eu entendo um pouco mais não estou lembrado

b) Como a Filosofia pode ajudar a entender os problemas sociais?

Com muito amor e respeito

c) Como a Filosofia pode ajudar a entender quem nós somos?

Muito coisas do vida

d) Como a filosofia pode ajudar a entender as diferenças sociais?

Como a filosofia da pode ajudar a entender sobre muitos
coisas sobre o vida e a inteligência do filósofo de gregos
antiga

e) Como me enxergo como sujeito no mundo?

Uma Pessoa muito engraçada amigável e o elizer
chato

f) Como você enxerga as diferenças sociais na sua escola?

Muito diferente e muito bom de fazer amigos
e muito de conversar...



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
PROF -FILO - MESTRADO PROFISSIONAL EM FILOSOFIA



PESQUISA DE MESTRADO

QUESTIONÁRIO 1

1-Quantas pessoas moram com você? (Incluindo filhos, irmãos, parentes e amigos (Marque apenas uma resposta)

- (A) Moro sozinho
 (B) Uma a três
☒ (C) Quatro a sete
 (D) Oito a dez
 (E) Mais de dez

2- A casa onde você mora é? (Marque apenas uma resposta)

- ☒ (A) Própria
 (B) Alugada
 (C) Cedida

3- Sua casa está localizada em? (Marque apenas uma resposta)

- ☒ (A) Zona rural.
 (B) Zona urbana
 (C) Comunidade indígena.
 (D) Comunidade quilombola.

4. Qual é o seu nível de escolaridade? (Marque apenas uma resposta)

- (A) Da 1ª à 4ª série do Ensino Fundamental (antigo primário)
 (B) Da 5ª à 8ª série do Ensino Fundamental (antigo ginásio)
☒ (C) Ensino Médio (antigo 2º grau) Qual ano? 2º
 (D) Ensino Superior
 (E) Especialização
 (F) Não estudou
 (G) Não sei

5. Somando a sua renda com a renda das pessoas que moram com você, quanto é, aproximadamente, a renda familiar mensal? (Marque apenas uma resposta)

- (A) Nenhuma renda.
☒ (B) Até 1 salário mínimo (até R\$1.045,00).
 (C) De 1 a 3 salários mínimos (de R\$ 1.045,00 até R\$ 2.090,00).
 (D) De 3 a 6 salários mínimos (de R\$ 2.090,01 até R\$ 4.180,00).
 (E) De 6 a 9 salários mínimos (de R\$ 4.180,01 até R\$ 8.360,00).
 (F) De 9 a 12 salários mínimos (de R\$ 8.360,01 até R\$ 16.720,00)

6. Estas questões você deverá responder de forma escrita.

a) Pelo seu entendimento qual o significado da Filosofia?

Busca fazer com que a gente entenda sobre nosso interior



b) Como a Filosofia pode ajudar a entender os problemas sociais?

Ajuda a refletir sobre os acontecimentos, até chegar a uma solução.

c) Como a Filosofia pode ajudar a entender quem nós somos?

Faz com que refletimos sobre o que somos.

d) Como a filosofia pode ajudar a entender as diferenças sociais?

Ajuda na resposta que procuramos

e) Como me enxergo como sujeito no mundo?

Não tenho opinião sobre.

f) Como você enxerga as diferenças sociais na sua escola?

Não tenho opinião formada.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
PROF -FILO - MESTRADO PROFISSIONAL EM FILOSOFIA
PESQUISA DE MESTRADO



QUESTIONÁRIO 1

1-Quantas pessoas moram com você? (Incluindo filhos, irmãos, parentes e amigos (Marque apenas uma resposta))

- (A) Moro sozinho
☒ (B) Uma a três
 (C) Quatro a sete
 (D) Oito a dez
 (E) Mais de dez

2- A casa onde você mora é? (Marque apenas uma resposta)

- ☒ (A) Própria
 (B) Alugada
 (C) Cedida

3- Sua casa está localizada em? (Marque apenas uma resposta)

- ☒ (A) Zona rural.
 (B) Zona urbana
 (C) Comunidade indígena.
 (D) Comunidade quilombola.

4. Qual é o seu nível de escolaridade? (Marque apenas uma resposta)

- (A) Da 1ª à 4ª série do Ensino Fundamental (antigo primário)
 (B) Da 5ª à 8ª série do Ensino Fundamental (antigo ginásio)
☒ (C) Ensino Médio (antigo 2º grau) Qual ano? 3º ano
 (D) Ensino Superior
 (E) Especialização
 (F) Não estudou
 (G) Não sei

5. Somando a sua renda com a renda das pessoas que moram com você, quanto é, aproximadamente, a renda familiar mensal? (Marque apenas uma resposta)

- (A) Nenhuma renda.
☒ (B) Até 1 salário mínimo (até R\$1.045,00).
 (C) De 1 a 3 salários mínimos (de R\$ 1.045,00 até R\$ 2.090,00).
 (D) De 3 a 6 salários mínimos (de R\$ 2.090,01 até R\$ 4.180,00).
 (E) De 6 a 9 salários mínimos (de R\$ 4.180,01 até R\$ 8.360,00).
 (F) De 9 a 12 salários mínimos (de R\$ 8.360,01 até R\$ 16.720,00)

6. Estas questões você deverá responder de forma escrita.

a) Pelo seu entendimento qual o significado da Filosofia?

O significado da filosofia é muito importante pra o dia a dia.

b) Como a Filosofia pode ajudar a entender os problemas sociais?

Demonstrando zelo a toda população
coerente.

c) Como a Filosofia pode ajudar a entender quem nós somos?

com a valorização, amor, carinho e
muita gratidão.

d) Como a filosofia pode ajudar a entender as diferenças sociais?

Parando de ser racistas com as pessoas
sendo mais solitário e dentro outros.

e) Como me enxergo como sujeito no mundo?

Como uma pessoa educada, respeitosa
e semelha com algumas coisas.

f) Como você enxerga as diferenças sociais na sua escola?

As vezes muitos alunos são capazes de
fazer as coisas mais não se interessam a
fazer aquilo que é capaz.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
PROF -FILO – MESTRADO PROFISSIONAL EM FILOSOFIA
PESQUISA DE MESTRADO



QUESTIONÁRIO 1

1-Quantas pessoas moram com você? (Incluindo filhos, irmãos, parentes e amigos (Marque apenas uma resposta))

- (A) Moro sozinho
☒ (B) Uma a três
 (C) Quatro a sete
 (D) Oito a dez
 (E) Mais de dez

2- A casa onde você mora é? (Marque apenas uma resposta)

- ☒ (A) Própria
 (B) Alugada
 (C) Cedida

3- Sua casa está localizada em? (Marque apenas uma resposta)

- ☒ (A) Zona rural.
 (B) Zona urbana
 (C) Comunidade indígena.
 (D) Comunidade quilombola.

4. Qual é o seu nível de escolaridade? (Marque apenas uma resposta)

- (A) Da 1ª à 4ª série do Ensino Fundamental (antigo primário)
 (B) Da 5ª à 8ª série do Ensino Fundamental (antigo ginásio)
☒ (C) Ensino Médio (antigo 2º grau) Qual ano? _____
 (D) Ensino Superior
 (E) Especialização
 (F) Não estudou
 (G) Não sei

5. Somando a sua renda com a renda das pessoas que moram com você, quanto é, aproximadamente, a renda familiar mensal? (Marque apenas uma resposta)

- (A) Nenhuma renda.
 (B) Até 1 salário mínimo (até R\$1.045,00).
 (C) De 1 a 3 salários mínimos (de R\$ 1.045,00 até R\$ 2.090,00).
 (D) De 3 a 6 salários mínimos (de R\$ 2.090,01 até R\$ 4.180,00).
 (E) De 6 a 9 salários mínimos (de R\$ 4.180,01 até R\$ 8.360,00).
 (F) De 9 a 12 salários mínimos (de R\$ 8.360,01 até R\$ 16.720,00)

6. Estas questões você deverá responder de forma escrita.

a) Pelo seu entendimento qual o significado da Filosofia?

a filosofia é um campo de investigação cercado de
contradições.

b) Como a Filosofia pode ajudar a entender os problemas sociais?

Como a filosofia vai ajudar, se a maioria da população não sabe quem é filosofia!

c) Como a Filosofia pode ajudar a entender quem nós somos?

Não sei

d) Como a filosofia pode ajudar a entender as diferenças sociais?

e) Como me enxergo como sujeito no mundo?

Eu não me enxergo, me considero uma pessoa perdida, sem rumo.

f) Como você enxerga as diferenças sociais na sua escola?



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
PROF -FILO – MESTRADO PROFISSIONAL EM FILOSOFIA
PESQUISA DE MESTRADO



QUESTIONÁRIO 1

1-Quantas pessoas moram com você? (Incluindo filhos, irmãos, parentes e amigos (Marque apenas uma resposta)

- (A) Moro sozinho
 (B) Uma a três
☒ (C) Quatro a sete
 (D) Oito a dez
 (E) Mais de dez

2- A casa onde você mora é? (Marque apenas uma resposta)

- ☒ (A) Própria
 (B) Alugada
 (C) Cedida

3- Sua casa está localizada em? (Marque apenas uma resposta)

- ☒ (A) Zona rural.
 (B) Zona urbana
 (C) Comunidade indígena.
 (D) Comunidade quilombola.

4. Qual é o seu nível de escolaridade? (Marque apenas uma resposta)

- (A) Da 1ª à 4ª série do Ensino Fundamental (antigo primário)
 (B) Da 5ª à 8ª série do Ensino Fundamental (antigo ginásio)
☒ (C) Ensino Médio (antigo 2º grau) Qual ano? 1º
 (D) Ensino Superior
 (E) Especialização
 (F) Não estudou
 (G) Não sei

5. Somando a sua renda com a renda das pessoas que moram com você, quanto é, aproximadamente, a renda familiar mensal? (Marque apenas uma resposta)

- (A) Nenhuma renda.
☒ (B) Até 1 salário mínimo (até R\$1.045,00).
 (C) De 1 a 3 salários mínimos (de R\$ 1.045,00 até R\$ 2.090,00).
 (D) De 3 a 6 salários mínimos (de R\$ 2.090,01 até R\$ 4.180,00).
 (E) De 6 a 9 salários mínimos (de R\$ 4.180,01 até R\$ 8.360,00).
 (F) De 9 a 12 salários mínimos (de R\$ 8.360,01 até R\$ 16.720,00)

6. Estas questões você deverá responder de forma escrita.

a) Pelo seu entendimento qual o significado da Filosofia?

Controle do estudo da vida

b) Como a Filosofia pode ajudar a entender os problemas sociais?

nao da a resposta que buscamos

c) Como a Filosofia pode ajudar a entender quem nós somos?

quando nos questionamos sobre ela nos da a resposta que buscamos.

d) Como a filosofia pode ajudar a entender as diferenças sociais?

nao sei

e) Como me enxergo como sujeito no mundo?

Não tenho opinião

f) Como você enxerga as diferenças sociais na sua escola?

nao sei



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
PROF -FILO – MESTRADO PROFISSIONAL EM FILOSOFIA
PESQUISA DE MESTRADO



QUESTIONÁRIO 1

1-Quantas pessoas moram com você? (Incluindo filhos, irmãos, parentes e amigos (Marque apenas uma resposta)

- (A) Moro sozinho
 (B) Uma a três
☒ (C) Quatro a sete
 (D) Oito a dez
 (E) Mais de dez

2- A casa onde você mora é? (Marque apenas uma resposta)

- ☒ (A) Própria
 (B) Alugada
 (C) Cedida

3- Sua casa está localizada em? (Marque apenas uma resposta)

- ☒ (A) Zona rural.
 (B) Zona urbana
 (C) Comunidade indígena.
 (D) Comunidade quilombola.

4. Qual é o seu nível de escolaridade? (Marque apenas uma resposta)

- (A) Da 1ª à 4ª série do Ensino Fundamental (antigo primário)
 (B) Da 5ª à 8ª série do Ensino Fundamental (antigo ginásio)
☒ (C) Ensino Médio (antigo 2º grau) Qual ano? 2º
 (D) Ensino Superior
 (E) Especialização
 (F) Não estudou
 (G) Não sei

5. Somando a sua renda com a renda das pessoas que moram com você, quanto é, aproximadamente, a renda familiar mensal? (Marque apenas uma resposta)

- (A) Nenhuma renda.
☒ (B) Até 1 salário mínimo (até R\$1.045,00).
 (C) De 1 a 3 salários mínimos (de R\$ 1.045,00 até R\$ 2.090,00).
 (D) De 3 a 6 salários mínimos (de R\$ 2.090,01 até R\$ 4.180,00).
 (E) De 6 a 9 salários mínimos (de R\$ 4.180,01 até R\$ 8.360,00).
 (F) De 9 a 12 salários mínimos (de R\$ 8.360,01 até R\$ 16.720,00)

6. Estas questões você deverá responder de forma escrita.

a) Pelo seu entendimento qual o significado da Filosofia?

É pensar pela sabedoria e refletir sobre questões fundamentais da vida e é um campo de investigação cercado de contribuições

b) Como a Filosofia pode ajudar a entender os problemas sociais?

na várias maneiras. Ajudar a desvendando mistérios

c) Como a Filosofia pode ajudar a entender quem nós somos?

Ela pode nos ajudar a descobrir quem somos e o que
queremos ser.

d) Como a filosofia pode ajudar a entender as diferenças sociais?

A filosofia faz com que, nos possamos entender algumas
diferenças ~~sociais~~ sociais

e) Como me enxergo como sujeito no mundo?

Eu não me vejo como ninguém.

f) Como você enxerga as diferenças sociais na sua escola?

Tem muitas diferenças sociais na minha escola.



ANEXO B – QUESTIONÁRIO 2
UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
PROF/FILO – MESTRADO PROFISSIONAL EM FILOSOFIA
PESQUISA DE MESTRADO



Questionário 2

1. Leia as afirmativas abaixo e assinale com um X ou círculo o quanto você concorda com cada uma delas numa escala de 1 a 5, em que 1 significa que você discorda fortemente e 5, que você concorda fortemente. Elas não se referem a conteúdos acadêmicos, mas à sua opinião.

1. É na juventude que se pode esperar o máximo de satisfações na vida.	1	2	3	4	5
2. Ao pensar na discriminação social, vejo que isso me afeta.	1	2	3	4	5
3. Você acredita que a escola pode ajudar a formar cidadãos?	1	2	3	4	5
4. Você acredita que a escola pode ajudar a formar consciência sobre o respeito?	1	2	3	4	5
5. A escola permite me enxergar como ser humano que possuem direitos?	1	2	3	4	5
6. Você enxerga na filosofia meios de compreender melhor a vida?	1	2	3	4	5
7. O ensino de Filosofia ajuda a compreender as diferenças?	1	2	3	4	5
8. Você se sente acolhido na sua cidade?	1	2	3	4	5
9. Você se sente acolhido na sua comunidade escolar?	1	2	3	4	5
10. Você acha válido discutir sobre o respeito, reconhecimento, e diferenças na escola?	1	2	3	4	5

2. Assinale a opção que melhor descreve seu convívio na comunidade escolar. () convivo com muitas pessoas
 () convivo com poucas pessoas
 () prefiro ficar sozinho (a) : justifique sua resposta:

3. Escreva 3 palavras ou expressões que vem à sua mente ao pensar em reconhecimento.

1. _____
2. _____
3. _____

4. Quem sou eu e quem é o outro na sociedade?

5. Depois de discutir sobre o reconhecimento na filosofia, você considera a temática importante?
 () Sim () Não

Justifique sua resposta.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
PROF/FILO – MESTRADO PROFISSIONAL EM FILOSOFIA
PESQUISA DE MESTRADO



Questionário 2

1. Leia as afirmativas abaixo e assinale com um X ou círculo o quanto você concorda com cada uma delas numa escala de 1 a 5, em que 1 significa que você discorda fortemente e 5, que você concorda fortemente. Elas não se referem a conteúdos acadêmicos, mas à sua opinião.

1. É na juventude que se pode esperar o máximo de satisfações na vida.	1	2	3	4	5
2. Ao pensar na discriminação social, vejo que isso me afeta.	1	2	3	4	5
3. Você acredita que a escola pode ajudar a formar cidadãos?	1	2	3	4	5
4. Você acredita que a escola pode ajudar a formar consciência sobre o respeito?	1	2	3	4	5
5. A escola permite me enxergar como ser humano que possuem direitos?	1	2	3	4	5
6. Você enxerga na filosofia meios de compreender melhor a vida?	1	2	3	4	5
7. O ensino de Filosofia ajuda a compreender as diferenças?	1	2	3	4	5
8. Você se sente acolhido na sua cidade?	1	2	3	4	5
9. Você se sente acolhido na sua comunidade escolar?	1	2	3	4	5
10. Você acha válido discutir sobre o respeito, reconhecimento, e diferenças na escola?	1	2	3	4	5

2. Assinale a opção que melhor descreve seu convívio na comunidade escolar.

() convivo com muitas pessoas

(X) convivo com poucas pessoas

() prefiro ficar sozinho (a) : justifique sua resposta:

não tem como ser amigo de todas as pessoas

3. Escreva 3 palavras ou expressões que vem à sua mente ao pensar em reconhecimento.

1. conhecimento

2. expressões

3. diálogo

4. Quem sou eu e quem é o outro na sociedade?

há perguntas que não podem ser respondidas

5. Depois de discutir sobre o reconhecimento na filosofia, você considera a temática importante?

(X) Sim () Não

Justifique sua resposta.

É importante para tentar se compreender e compreender os outros pessoas



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
PROF/FILO – MESTRADO PROFISSIONAL EM FILOSOFIA
PESQUISA DE MESTRADO



Questionário 2

1. Leia as afirmativas abaixo e assinale com um X ou círculo o quanto você concorda com cada uma delas numa escala de 1 a 5, em que 1 significa que você discorda fortemente e 5, que você concorda fortemente. Elas não se referem a conteúdos acadêmicos, mas à sua opinião.

1. É na juventude que se pode esperar o máximo de satisfações na vida.	1	2	3	4	5
2. Ao pensar na discriminação social, vejo que isso me afeta.	1	2	3	4	5
3. Você acredita que a escola pode ajudar a formar cidadãos?	1	2	3	4	5
4. Você acredita que a escola pode ajudar a formar consciência sobre o respeito?	1	2	3	4	5
5. A escola permite me enxergar como ser humano que possuem direitos?	1	2	3	4	5
6. Você enxerga na filosofia meios de compreender melhor a vida?	1	2	3	4	5
7. O ensino de Filosofia ajuda a compreender as diferenças?	1	2	3	4	5
8. Você se sente acolhido na sua cidade?	1	2	3	4	5
9. Você se sente acolhido na sua comunidade escolar?	1	2	3	4	5
10. Você acha válido discutir sobre o respeito, reconhecimento, e diferenças na escola?	1	2	3	4	5

2. Assinale a opção que melhor descreve seu convívio na comunidade escolar.

- () convivo com muitas pessoas
☒ convivo com poucas pessoas
 () prefiro ficar sozinho (a) : justifique sua resposta:

3. Escreva 3 palavras ou expressões que vem à sua mente ao pensar em reconhecimento.

1. RESPEITO
 2. DIALOGO
 3. DESIGUALDADE

4. Quem sou eu e quem é o outro na sociedade?

5. Depois de discutir sobre o reconhecimento na filosofia, você considera a temática importante?

- ☒ Sim () Não

Justifique sua resposta.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
PROF/FILO – MESTRADO PROFISSIONAL EM FILOSOFIA
PESQUISA DE MESTRADO



Questionário 2

1. Leia as afirmativas abaixo e assinale com um X ou círculo o quanto você concorda com cada uma delas numa escala de 1 a 5, em que 1 significa que você discorda fortemente e 5, que você concorda fortemente. Elas não se referem a conteúdos acadêmicos, mas à sua opinião.

1. É na juventude que se pode esperar o máximo de satisfações na vida.	1	2	3	4	5
2. Ao pensar na discriminação social, vejo que isso me afeta.	1	2	3	4	5
3. Você acredita que a escola pode ajudar a formar cidadãos?	1	2	3	4	5
4. Você acredita que a escola pode ajudar a formar consciência sobre o respeito?	1	2	3	4	5
5. A escola permite me enxergar como ser humano que possuem direitos?	1	2	3	4	5
6. Você enxerga na filosofia meios de compreender melhor a vida?	1	2	3	4	5
7. O ensino de Filosofia ajuda a compreender as diferenças?	1	2	3	4	5
8. Você se sente acolhido na sua cidade?	1	2	3	4	5
9. Você se sente acolhido na sua comunidade escolar?	1	2	3	4	5
10. Você acha válido discutir sobre o respeito, reconhecimento, e diferenças na escola?	1	2	3	4	5

2. Assinale a opção que melhor descreve seu convívio na comunidade escolar.

- (X) convivo com muitas pessoas
 () convivo com poucas pessoas
 () prefiro ficar sozinho (a) : justifique sua resposta:

3. Escreva 3 palavras ou expressões que vem à sua mente ao pensar em reconhecimento.

1. Identidade
 2. Respeito
 3. _____

4. Quem sou eu e quem é o outro na sociedade?

5. Depois de discutir sobre o reconhecimento na filosofia, você considera a temática importante?

- (X) Sim () Não

Justifique sua resposta.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
PROF/FILO – MESTRADO PROFISSIONAL EM FILOSOFIA
PESQUISA DE MESTRADO



Questionário 2

1. Leia as afirmativas abaixo e assinale com um X ou círculo o quanto você concorda com cada uma delas numa escala de 1 a 5, em que 1 significa que você discorda fortemente e 5, que você concorda fortemente. Elas não se referem a conteúdos acadêmicos, mas à sua opinião.

1. É na juventude que se pode esperar o máximo de satisfações na vida.	1	2	(3)	4	5
2. Ao pensar na discriminação social, vejo que isso me afeta.	1	2	3	4	(5)
3. Você acredita que a escola pode ajudar a formar cidadãos?	1	2	3	4	(5)
4. Você acredita que a escola pode ajudar a formar consciência sobre o respeito?	1	2	3	(4)	5
5. A escola permite me enxergar como ser humano que possuem direitos?	1	2	(3)	4	5
6. Você enxerga na filosofia meios de compreender melhor a vida?	1	2	3	4	(5)
7. O ensino de Filosofia ajuda a compreender as diferenças?	1	2	3	4	(5)
8. Você se sente acolhido na sua cidade?	1	2	(3)	4	5
9. Você se sente acolhido na sua comunidade escolar?	1	2	(3)	4	5
10. Você acha válido discutir sobre o respeito, reconhecimento, e diferenças na escola?	1	2	3	4	(5)

2. Assinale a opção que melhor descreve seu convívio na comunidade escolar.

- () convivo com muitas pessoas
 (X) convivo com poucas pessoas
 () prefiro ficar sozinho (a) : justifique sua resposta:

3. Escreva 3 palavras ou expressões que vem à sua mente ao pensar em reconhecimento.

1. competência
 2. interações
 3. modo de viver

4. Quem sou eu e quem é o outro na sociedade?

Não sei dizer ao certo, quem eu sou!

5. Depois de discutir sobre o reconhecimento na filosofia, você considera a temática importante?
 (X) Sim () Não

Justifique sua resposta.

Pois faz com que reconheça as competências tanto
meus como os dos outros.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
PROF/FILO – MESTRADO PROFISSIONAL EM FILOSOFIA
PESQUISA DE MESTRADO



Questionário 2

1. Leia as afirmativas abaixo e assinale com um X ou círculo o quanto você concorda com cada uma delas numa escala de 1 a 5, em que 1 significa que você discorda fortemente e 5, que você concorda fortemente. Elas não se referem a conteúdos acadêmicos, mas à sua opinião.

1. É na juventude que se pode esperar o máximo de satisfações na vida.	1	2	3	4	5 ☒
2. Ao pensar na discriminação social, vejo que isso me afeta.	1	2	3	4	5 ☒
3. Você acredita que a escola pode ajudar a formar cidadãos?	1	2	3	4	5 ☒
4. Você acredita que a escola pode ajudar a formar consciência sobre o respeito?	1	2	3	4	5 ☒
5. A escola permite me enxergar como ser humano que possuem direitos?	1	2	3	4	5 ☒
6. Você enxerga na filosofia meios de compreender melhor a vida?	1	2	3	4	5 ☒
7. O ensino de Filosofia ajuda a compreender as diferenças?	1	2	3	4	5 ☒
8. Você se sente acolhido na sua cidade?	1	2	3	4	5 ☒
9. Você se sente acolhido na sua comunidade escolar?	1	2	3	4	5 ☒
10. Você acha válido discutir sobre o respeito, reconhecimento, e diferenças na escola?	1	2	3	4	5 ☒

2. Assinale a opção que melhor descreve seu convívio na comunidade escolar.

- () convivo com muitas pessoas
☒ convivo com poucas pessoas
 () prefiro ficar sozinho (a) : justifique sua resposta:

3. Escreva 3 palavras ou expressões que vem à sua mente ao pensar em reconhecimento.

1. Respeito
 2. Acolhida
 3. Pontualidade

4. Quem sou eu e quem é o outro na sociedade?

na minha vista eu sou diferente do que as
Pessoas me veem em sociedade.

5. Depois de discutir sobre o reconhecimento na filosofia, você considera a temática importante?
☒ Sim () Não

Justifique sua resposta.

Pois com mais conhecimento sobre nós mesmos
busca em todos os aspectos de nossa vida
sociamente em trabalho e etc.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
PROF/FILO – MESTRADO PROFISSIONAL EM FILOSOFIA
PESQUISA DE MESTRADO



Questionário 2

1. Leia as afirmativas abaixo e assinale com um X ou círculo o quanto você concorda com cada uma delas numa escala de 1 a 5, em que 1 significa que você discorda fortemente e 5, que você concorda fortemente. Elas não se referem a conteúdos acadêmicos, mas à sua opinião.

1. É na juventude que se pode esperar o máximo de satisfações na vida.	1	2	3	4	5
2. Ao pensar na discriminação social, vejo que isso me afeta.	1	2	3	4	5
3. Você acredita que a escola pode ajudar a formar cidadãos?	1	2	3	4	5
4. Você acredita que a escola pode ajudar a formar consciência sobre o respeito?	1	2	3	4	5
5. A escola permite me enxergar como ser humano que possuem direitos?	1	2	3	4	5
6. Você enxerga na filosofia meios de compreender melhor a vida?	1	2	3	4	5
7. O ensino de Filosofia ajuda a compreender as diferenças?	1	2	3	4	5
8. Você se sente acolhido na sua cidade?	1	2	3	4	5
9. Você se sente acolhido na sua comunidade escolar?	1	2	3	4	5
10. Você acha válido discutir sobre o respeito, reconhecimento, e diferenças na escola?	1	2	3	4	5

2. Assinale a opção que melhor descreve seu convívio na comunidade escolar.

() convivo com muitas pessoas
☒ convivo com poucas pessoas
 () prefiro ficar sozinho (a) : justifique sua resposta:

3. Escreva 3 palavras ou expressões que vem à sua mente ao pensar em reconhecimento.

1. Justica
 2. Interiores
 3. Muito aberta

4. Quem sou eu e quem é o outro na sociedade?

5. Depois de discutir sobre o reconhecimento na filosofia, você considera a temática importante?

☒ Sim () Não

Justifique sua resposta.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
PROF/FILO – MESTRADO PROFISSIONAL EM FILOSOFIA
PESQUISA DE MESTRADO



Questionário 2

1. Leia as afirmativas abaixo e assinale com um X ou círculo o quanto você concorda com cada uma delas numa escala de 1 a 5, em que 1 significa que você discorda fortemente e 5, que você concorda fortemente. Elas não se referem a conteúdos acadêmicos, mas à sua opinião.

1. É na juventude que se pode esperar o máximo de satisfações na vida.	1	2	3	4	5
2. Ao pensar na discriminação social, vejo que isso me afeta.	1	2	3	4	5
3. Você acredita que a escola pode ajudar a formar cidadãos?	1	2	3	4	5
4. Você acredita que a escola pode ajudar a formar consciência sobre o respeito?	1	2	3	4	5
5. A escola permite me enxergar como ser humano que possuem direitos?	1	2	3	4	5
6. Você enxerga na filosofia meios de compreender melhor a vida?	1	2	3	4	5
7. O ensino de Filosofia ajuda a compreender as diferenças?	1	2	3	4	5
8. Você se sente acolhido na sua cidade?	1	2	3	4	5
9. Você se sente acolhido na sua comunidade escolar?	1	2	3	4	5
10. Você acha válido discutir sobre o respeito, reconhecimento, e diferenças na escola?	1	2	3	4	5

2. Assinale a opção que melhor descreve seu convívio na comunidade escolar.

- () convivo com muitas pessoas
☒ convivo com poucas pessoas
 () prefiro ficar sozinho (a) : justifique sua resposta:

3. Escreva 3 palavras ou expressões que vem à sua mente ao pensar em reconhecimento.

1. Interações
 2. Valorização
 3. competência

4. Quem sou eu e quem é o outro na sociedade?

No atual momento, eu não sei quem sou, não gosto de rótulos nem em mim, nem no outro, gosto da liberdade quando é me dada e sinto o mesmo sentimento, mas é constante!

5. Depois de discutir sobre o reconhecimento na filosofia, você considera a temática importante?
☒ Sim () Não

Justifique sua resposta.

O ato de reconhecer a mim e ao próximo é uma forma que resulta em uma valorização da consciência e respeito.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
PROF/FILO – MESTRADO PROFISSIONAL EM FILOSOFIA
PESQUISA DE MESTRADO



Questionário 2

1. Leia as afirmativas abaixo e assinale com um X ou círculo o quanto você concorda com cada uma delas numa escala de 1 a 5, em que 1 significa que você discorda fortemente e 5, que você concorda fortemente. Elas não se referem a conteúdos acadêmicos, mas à sua opinião.

1. É na juventude que se pode esperar o máximo de satisfações na vida.	1	2	3	4	5
2. Ao pensar na discriminação social, vejo que isso me afeta.	1	2	3	4	5
3. Você acredita que a escola pode ajudar a formar cidadãos?	1	2	3	4	5
4. Você acredita que a escola pode ajudar a formar consciência sobre o respeito?	1	2	3	4	5
5. A escola permite me enxergar como ser humano que possuem direitos?	1	2	3	4	5
6. Você enxerga na filosofia meios de compreender melhor a vida?	1	2	3	4	5
7. O ensino de Filosofia ajuda a compreender as diferenças?	1	2	3	4	5
8. Você se sente acolhido na sua cidade?	1	2	3	4	5
9. Você se sente acolhido na sua comunidade escolar?	1	2	3	4	5
10. Você acha válido discutir sobre o respeito, reconhecimento, e diferenças na escola?	1	2	3	4	5

2. Assinale a opção que melhor descreve seu convívio na comunidade escolar.

() convivo com muitas pessoas

☒ convivo com poucas pessoas

() prefiro ficar sozinho (a) : justifique sua resposta:

Eu sou uma Pessoa mais Reservada, Diante da sociedade

3. Escreva 3 palavras ou expressões que vem à sua mente ao pensar em reconhecimento.

1. Salvedoria

2. CONHECIMENTO

3. COMUNICAÇÃO

4. Quem sou eu e quem é o outro na sociedade?

Eu sou uma Pessoa racional Porém falha na sociedade. mas Buscando A melhora...

5. Depois de discutir sobre o reconhecimento na filosofia, você considera a temática importante?

☒ Sim () Não

Justifique sua resposta.

A filosofia é importante na nossa sociedade pelo modo de mostrar a como a sociedade é falha e corrupta.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
PROF/FILO – MESTRADO PROFISSIONAL EM FILOSOFIA
PESQUISA DE MESTRADO



Questionário 2

1. Leia as afirmativas abaixo e assinale com um X ou círculo o quanto você concorda com cada uma delas numa escala de 1 a 5, em que 1 significa que você discorda fortemente e 5, que você concorda fortemente. Elas não se referem a conteúdos acadêmicos, mas à sua opinião.

1. É na juventude que se pode esperar o máximo de satisfações na vida.	1	2	3	4	5
2. Ao pensar na discriminação social, vejo que isso me afeta.	1	2	3	4	5
3. Você acredita que a escola pode ajudar a formar cidadãos?	1	2	3	4	5
4. Você acredita que a escola pode ajudar a formar consciência sobre o respeito?	1	2	3	4	5
5. A escola permite me enxergar como ser humano que possuem direitos?	1	2	3	4	5
6. Você enxerga na filosofia meios de compreender melhor a vida?	1	2	3	4	5
7. O ensino de Filosofia ajuda a compreender as diferenças?	1	2	3	4	5
8. Você se sente acolhido na sua cidade?	1	2	3	4	5
9. Você se sente acolhido na sua comunidade escolar?	1	2	3	4	5
10. Você acha válido discutir sobre o respeito, reconhecimento, e diferenças na escola?	1	2	3	4	5

2. Assinale a opção que melhor descreve seu convívio na comunidade escolar.

- () convivo com muitas pessoas
☒ convivo com poucas pessoas
 () prefiro ficar sozinho (a) : justifique sua resposta:

convivo apenas com as pessoas que me dou bem.

3. Escreva 3 palavras ou expressões que vem à sua mente ao pensar em reconhecimento.

1. diálogo
 2. observação
 3. ter a mente aberta.

4. Quem sou eu e quem é o outro na sociedade?

Eu sou o que eu penso e idealizo.
Os outros são quem nos vemos e com quem dialogamos, pedimos
conselho ou ajuda sobre determinada coisa ou assunto.

5. Depois de discutir sobre o reconhecimento na filosofia, você considera a temática importante?

- ☒ Sim () Não

Justifique sua resposta.

Porque nós aprendemos a ouvir, respeitar e aceitar os próximos
através do conhecimento filosófico sobre os outros.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
PROF/FILO – MESTRADO PROFISSIONAL EM FILOSOFIA
PESQUISA DE MESTRADO



Questionário 2

1. Leia as afirmativas abaixo e assinale com um X ou círculo o quanto você concorda com cada uma delas numa escala de 1 a 5, em que 1 significa que você discorda fortemente e 5, que você concorda fortemente. Elas não se referem a conteúdos acadêmicos, mas à sua opinião.

1. É na juventude que se pode esperar o máximo de satisfações na vida.	1	2	3	4	5
2. Ao pensar na discriminação social, vejo que isso me afeta.	1	2	3	4	5
3. Você acredita que a escola pode ajudar a formar cidadãos?	1	2	3	4	5
4. Você acredita que a escola pode ajudar a formar consciência sobre o respeito?	1	2	3	4	5
5. A escola permite me enxergar como ser humano que possuem direitos?	1	2	3	4	5
6. Você enxerga na filosofia meios de compreender melhor a vida?	1	2	3	4	5
7. O ensino de Filosofia ajuda a compreender as diferenças?	1	2	3	4	5
8. Você se sente acolhido na sua cidade?	1	2	3	4	5
9. Você se sente acolhido na sua comunidade escolar?	1	2	3	4	5
10. Você acha válido discutir sobre o respeito, reconhecimento, e diferenças na escola?	1	2	3	4	5

2. Assinale a opção que melhor descreve seu convívio na comunidade escolar.

- (X) convivo com muitas pessoas
 () convivo com poucas pessoas
 () prefiro ficar sozinho (a) : justifique sua resposta:

3. Escreva 3 palavras ou expressões que vem à sua mente ao pensar em reconhecimento.

1. FELICIDADE
 2. TULGAMENTO
 3. AFIRMAÇÃO

4. Quem sou eu e quem é o outro na sociedade?

5. Depois de discutir sobre o reconhecimento na filosofia, você considera a temática importante?

- (X) Sim () Não

Justifique sua resposta.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
PROF/FILO – MESTRADO PROFISSIONAL EM FILOSOFIA
PESQUISA DE MESTRADO



Questionário 2

1. Leia as afirmativas abaixo e assinale com um X ou círculo o quanto você concorda com cada uma delas numa escala de 1 a 5, em que 1 significa que você discorda fortemente e 5, que você concorda fortemente. Elas não se referem a conteúdos acadêmicos, mas à sua opinião.

1. É na juventude que se pode esperar o máximo de satisfações na vida.	1	2	3	4	5
2. Ao pensar na discriminação social, vejo que isso me afeta.	1	2	3	4	5
3. Você acredita que a escola pode ajudar a formar cidadãos?	1	2	3	4	5
4. Você acredita que a escola pode ajudar a formar consciência sobre o respeito?	1	2	3	4	5
5. A escola permite me enxergar como ser humano que possuem direitos?	1	2	3	4	5
6. Você enxerga na filosofia meios de compreender melhor a vida?	1	2	3	4	5
7. O ensino de Filosofia ajuda a compreender as diferenças?	1	2	3	4	5
8. Você se sente acolhido na sua cidade?	1	2	3	4	5
9. Você se sente acolhido na sua comunidade escolar?	1	2	3	4	5
10. Você acha válido discutir sobre o respeito, reconhecimento, e diferenças na escola?	1	2	3	4	5

2. Assinale a opção que melhor descreve seu convívio na comunidade escolar.

- ☒ convivo com muitas pessoas
☐ convivo com poucas pessoas
☐ prefiro ficar sozinho (a) : justifique sua resposta:

3. Escreva 3 palavras ou expressões que vem à sua mente ao pensar em reconhecimento.

1. alta confiança
 2. respeito
 3. solidariedade

4. Quem sou eu e quem é o outro na sociedade?

5. Depois de discutir sobre o reconhecimento na filosofia, você considera a temática importante?

- ☒ Sim ☐ Não

Justifique sua resposta.

sim! aborda muitas assuntos, como o preconceito e quem eu sou



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
PROF/FILO – MESTRADO PROFISSIONAL EM FILOSOFIA
PESQUISA DE MESTRADO



Questionário 2

1. Leia as afirmativas abaixo e assinale com um X ou círculo o quanto você concorda com cada uma delas numa escala de 1 a 5, em que 1 significa que você discorda fortemente e 5, que você concorda fortemente. Elas não se referem a conteúdos acadêmicos, mas à sua opinião.

1. É na juventude que se pode esperar o máximo de satisfações na vida.	1	2	3	4	5
2. Ao pensar na discriminação social, vejo que isso me afeta.	1	2	3	4	5
3. Você acredita que a escola pode ajudar a formar cidadãos?	1	2	3	4	5
4. Você acredita que a escola pode ajudar a formar consciência sobre o respeito?	1	2	3	4	5
5. A escola permite me enxergar como ser humano que possuem direitos?	1	2	3	4	5
6. Você enxerga na filosofia meios de compreender melhor a vida?	1	2	3	4	5
7. O ensino de Filosofia ajuda a compreender as diferenças?	1	2	3	4	5
8. Você se sente acolhido na sua cidade?	1	2	3	4	5
9. Você se sente acolhido na sua comunidade escolar?	1	2	3	4	5
10. Você acha válido discutir sobre o respeito, reconhecimento, e diferenças na escola?	1	2	3	4	5

2. Assinale a opção que melhor descreve seu convívio na comunidade escolar.

- (X) convivo com muitas pessoas
 () convivo com poucas pessoas
 () prefiro ficar sozinho (a) : justifique sua resposta:

*Mas não exatamente conviver, estar próximo não significa
 trabalhar e construir*

3. Escreva 3 palavras ou expressões que vem à sua mente ao pensar em reconhecimento.

1. *Credibilidade*
 2. *Espaço*
 3. _____

4. Quem sou eu e quem é o outro na sociedade?

*Acho que não há como definir o ser humano. Biologicamente, sim.
 A área da psicologia talvez até tente. Mas somos diferentes e este-
 mos em constante mudança. Eu sou eu, o outro é o outro, dependendo
 de onde eu estou. Mas isso não significa que sou maior ou menor que o outro.*

5. Depois de discutir sobre o reconhecimento na filosofia, você considera a temática importante?

- (X) Sim () Não

Justifique sua resposta.

*É importante pra entendermos pela lente da filosofia para não
 ver apenas a copa das árvores, mas as raízes também.*



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
PROF/FILO – MESTRADO PROFISSIONAL EM FILOSOFIA
PESQUISA DE MESTRADO



Questionário 2

1. Leia as afirmativas abaixo e assinale com um X ou círculo o quanto você concorda com cada uma delas numa escala de 1 a 5, em que 1 significa que você discorda fortemente e 5, que você concorda fortemente. Elas não se referem a conteúdos acadêmicos, mas à sua opinião.

1. É na juventude que se pode esperar o máximo de satisfações na vida.	1	2	3	4	5
2. Ao pensar na discriminação social, vejo que isso me afeta.	1	2	3	4	5 X
3. Você acredita que a escola pode ajudar a formar cidadãos?	1	2	3	4	5 X
4. Você acredita que a escola pode ajudar a formar consciência sobre o respeito?	1	2	3	4	5
5. A escola permite me enxergar como ser humano que possuem direitos?	1	2	3	4	5 X
6. Você enxerga na filosofia meios de compreender melhor a vida?	1	2	3	4	5 X
7. O ensino de Filosofia ajuda a compreender as diferenças?	1	2	3	4	5 X
8. Você se sente acolhido na sua cidade?	1	2	3	4 X	5
9. Você se sente acolhido na sua comunidade escolar?	1	2	3	4 X	5
10. Você acha válido discutir sobre o respeito, reconhecimento, e diferenças na escola?	1	2	3	4	5 X

2. Assinale a opção que melhor descreve seu convívio na comunidade escolar.

- ☒ convivo com muitas pessoas
☐ convivo com poucas pessoas
☐ prefiro ficar sozinho (a) : justifique sua resposta:

3. Escreva 3 palavras ou expressões que vem à sua mente ao pensar em reconhecimento.

1. amora
2. respeito
3. justiça

4. Quem sou eu e quem é o outro na sociedade?

Sociedade

eu sou outro como outra pessoa um ou a outra

5. Depois de discutir sobre o reconhecimento na filosofia, você considera a temática importante?

- ☒ Sim ☐ Não

Justifique sua resposta.

porque aprendemos respeitamos o outro e a si mesmo, a amar o próximo e aceitamos o outro como ele é.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
PROF/FILO – MESTRADO PROFISSIONAL EM FILOSOFIA
PESQUISA DE MESTRADO



Questionário 2

1. Leia as afirmativas abaixo e assinale com um X ou círculo o quanto você concorda com cada uma delas numa escala de 1 a 5, em que 1 significa que você discorda fortemente e 5, que você concorda fortemente. Elas não se referem a conteúdos acadêmicos, mas à sua opinião.

1. É na juventude que se pode esperar o máximo de satisfações na vida.	①	2	3	4	5
2. Ao pensar na discriminação social, vejo que isso me afeta.	1	②	3	4	5
3. Você acredita que a escola pode ajudar a formar cidadãos?	1	2	3	4	⑤
4. Você acredita que a escola pode ajudar a formar consciência sobre o respeito?	1	2	3	④	5
5. A escola permite me enxergar como ser humano que possuem direitos?	1	2	3	4	⑤
6. Você enxerga na filosofia meios de compreender melhor a vida?	1	2	3	④	5
7. O ensino de Filosofia ajuda a compreender as diferenças?	1	2	3	④	5
8. Você se sente acolhido na sua cidade?	1	2	③	4	5
9. Você se sente acolhido na sua comunidade escolar?	1	2	3	④	5
10. Você acha válido discutir sobre o respeito, reconhecimento, e diferenças na escola?	1	2	3	④	5

2. Assinale a opção que melhor descreve seu convívio na comunidade escolar.

☐ () convivo com muitas pessoas
☒ (X) convivo com poucas pessoas
☐ () prefiro ficar sozinho (a) : justifique sua resposta:
 na verdade, sei falar com todos mas convivo com poucos.

3. Escreva 3 palavras ou expressões que vem à sua mente ao pensar em reconhecimento.

1. Saber se escolher aque desejo
2. Respeitar o próximo
3. _____

4. Quem sou eu e quem é o outro na sociedade?

Eu gosto de respeitar em modo geral, ainda estou me aprofundando no reconhecimento. Muito difícil essa pergunta! Os outros precisam poder se saber e se expressar e precisam mais dialogar.

5. Depois de discutir sobre o reconhecimento na filosofia, você considera a temática importante?
☒ (X) Sim () Não

Justifique sua resposta.

Sempre tem mais momentos, gostei muito desse diálogo. acredito que todos refletimos.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
PROF/FILO – MESTRADO PROFISSIONAL EM FILOSOFIA
PESQUISA DE MESTRADO



Questionário 2

1. Leia as afirmativas abaixo e assinale com um X ou círculo o quanto você concorda com cada uma delas numa escala de 1 a 5, em que 1 significa que você discorda fortemente e 5, que você concorda fortemente. Elas não se referem a conteúdos acadêmicos, mas à sua opinião.

1. É na juventude que se pode esperar o máximo de satisfações na vida.	1	2	3	4 ☒	5
2. Ao pensar na discriminação social, vejo que isso me afeta.	1	2	3	4	5 ☒
3. Você acredita que a escola pode ajudar a formar cidadãos?	1	2	3 ☒	4	5
4. Você acredita que a escola pode ajudar a formar consciência sobre o respeito?	1	2	3 ☒	4	5
5. A escola permite me enxergar como ser humano que possuem direitos?	1	2	3 ☒	4	5
6. Você enxerga na filosofia meios de compreender melhor a vida?	1	2	3	4	5 ☒
7. O ensino de Filosofia ajuda a compreender as diferenças?	1	2	3	4	5 ☒
8. Você se sente acolhido na sua cidade?	1	2 ☒	3	4	5
9. Você se sente acolhido na sua comunidade escolar?	1	2 ☒	3	4	5
10. Você acha válido discutir sobre o respeito, reconhecimento, e diferenças na escola?	1	2	3	4	5 ☒

2. Assinale a opção que melhor descreve seu convívio na comunidade escolar.

- () convivo com muitas pessoas
 () convivo com poucas pessoas
 (x) prefiro ficar sozinho (a) : justifique sua resposta:

Não me sinto bem enturmado com muitas pessoas, mesmo tendo meu círculo íntimo

3. Escreva 3 palavras ou expressões que vem à sua mente ao pensar em reconhecimento.

1. identidade
 2. harmonia
 3. acolhimento

4. Quem sou eu e quem é o outro na sociedade?

Eu sou eu e o outro, em diferentes cores e lados diferentes da moeda

5. Depois de discutir sobre o reconhecimento na filosofia, você considera a temática importante?
 (x) Sim () Não

Justifique sua resposta.

reconhecer alguém é valorizá-lo como pessoa, reconhecer seus traços